

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROP
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO – NPG
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

VIVIANA VIEIRA PIMENTEL

**ESTUDO DOS ROMANCES *BELOVED* E *PONCIÁ VICÊNCIO*: HISTÓRIAS DE
VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA NA ESCRAVIDÃO**

Linha de Pesquisa: Literatura. Memória e Relações de Gênero.

TERESINA

2017

VIVIANA VIEIRA PIMENTEL

**ESTUDO DOS ROMANCES *BELOVED* E *PONCIÁ VICÊNCIO*: HISTÓRIAS DE
VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA NA ESCRAVIDÃO**

Versão da dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Estadual do Piauí, Área de concentração: Literatura, Memória e Cultura. Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Relações de Gênero como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria do Socorro Baptista

Coorientador: Prof. Dr. Elio Ferreira de Souza.

TERESINA

2017

P644e Pimentel, Viviana Vieira.

Estudo dos romances *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*: histórias de violência e resistência na escravidão / Viviana Vieira Pimentel. - 2017.

112 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Mestrado Acadêmico em Letras, 2017.

Área de concentração: Literatura, Memória e Cultura.

Linha de pesquisa: Literatura, Memória e Relações de Gênero.

“Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Baptista.”

“Coorientador: Prof. Dr. Elio Ferreira de Souza.”

1. *Beloved*. 2. *Ponciá Vicêncio*. 3. Literatura afrodescendente

I. Título.

CDD: 801.95



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

**ESTUDO DOS ROMANCES *BELOVED* E *PONCIÁ VICÊNCIO*: HISTÓRIAS DE
VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA NA ESCRAVIDÃO
VIVIANA VIEIRA PIMENTEL**

Esta dissertação foi defendida às 15h, do dia 24 de julho de 2017, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras** pela Universidade Estadual do Piauí. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalhoAPROVADO..... (Aprovado, não aprovado).

Maria do Socorro Baptista Barbosa
Professora Dra. Maria do Socorro Baptista Barbosa – (UESPI)
Orientadora

Elio Ferreira de Souza
Professor Dr. Elio Ferreira de Souza – (UESPI)
Coorientador

Margareth Torres de Alencar Costa
Professora Dra. Margareth Torres de Alencar Costa
1ª examinadora – UFPI

Raimunda Celestina Mendes da Silva
Professora Dra. Raimunda Celestina Mendes da Silva
2ª examinadora – UESPI

Visto da Coordenação:

Algemira de Macedo Mendes
Profa. Dra. Algemira de Macedo Mendes
Coordenadora do Mestrado Acadêmico em
Letras da UESPI

Rua João Cabral, Nº 2231 - Pirajá – CEP: 64.002-150 Teresina -PI
Telefone (86) 3213-2547 / 3213 – 7942

Dedico este trabalho à minha mãe, minhas avós e tias, pois com elas aprendi o significado da força feminina e como superar as adversidades enfrentadas por nós, mulheres, diariamente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

Em primeiro lugar, à minha mãe, Verônica Maria e toda minha família, pelo amor incondicional, apoio e incentivo durante a realização deste trabalho;

À Universidade Estadual do Piauí e ao Programa de Mestrado em Letras por viabilizarem a minha ascensão social e acadêmica a nível de *strictu sensu*;

À minha orientadora, prof^a Dra. Socorro Baptista, pelas contribuições e pela amizade que se construiu nesses dois anos de convivência;

Ao meu co-orientador, prof^o Dr. Elio Ferreira de Souza, pelos apontamentos certos, generosidade e aprendizado que ganhei em suas orientações;

Aos professores Dr. Sebastião Lopes e Dra. Celestina pelas sugestões a este trabalho durante o exame de qualificação;

Aos membros da banca de defesa formada por Socorro Baptista, Elio Ferreira, Margareth Torres, Raimunda Celestina e Silvana Pantoja.

Ao meu companheiro, João Diego, pelo amor, confiança, dedicação devotados à nossa união e por ter feito o abstract deste trabalho;

Às minhas avós Marinalva e Francisca, mulheres guerreiras que sempre me encantaram pelo exemplo de força e determinação amor e cuidados;

Aos meus irmãos Vinícius e Margarida pelo amor fraterno ao longo de anos de convivência;

Ao Joniel, Ivone, Dona Hilda e Seu João Antônio pela generosidade e amor com os quais me acolheram em sua família;

Aos amigos da 5^a turma do Mestrado Acadêmico em Letras da UESPI pelo compartilhamento de alegrias, dúvidas e conquistas;

À Camila Carvalho pelas correções durante a elaboração do projeto de pesquisa, à Margarida Pimentel pelas correções ortográficas e à Andrea pelas correções da ABNT desta dissertação;

À minha melhor amiga, a cadelinha Charlotte, pelo companheirismo de todos os dias e amor sincero;

A todos os amigos que colaboraram direta ou indiretamente para o processo de construção dessa dissertação.

A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.

Conceição Evaristo

RESUMO

O presente trabalho tem como *corpus* os romances *Beloved* (1987) e *Ponciá Vicêncio* (2003), respectivamente das autoras Toni Morrison e Conceição Evaristo, pois apresentam semelhanças relevantes para os estudos da literatura afrodescendente. O objetivo é compreender, através de um estudo comparado, como estão representadas as manifestações de violência contra as personagens negras durante a escravidão e pós-escravidão e como elas desenvolveram formas de resistência à condição de subalternidade. Ressaltam-se, na ficção dessas autoras, as agressões motivadas pela raça e pelo gênero. Concluiu-se que, em ambas as obras, as personagens desenvolvem estratégias de resistência, através do assassinato de familiares como forma de libertação contra o sistema da escravidão, acarretando em prejuízos para os senhores de escravos. A escolha destes temas justifica-se porque ambas as narrativas dialogam com os estudos culturais e historiográficos. O método de investigação adotado foi o analítico-qualitativo, escolhido com a finalidade de compreender e interpretar, por meio da experiência do texto literário de origem afrodescendente nas Américas e de autoria feminina. A técnica de pesquisa adotada foi a bibliográfica. Com vistas a compreender o *corpus* selecionado recorreu-se à diversas contribuições teóricas, com críticos que discutem a construção da literatura afrodescendente como Duarte (2013), Cuti (2010), Walter (2009); as questões de gênero e raça amparadas por autoras como Hooks (1995), Carneiro (2003); os estudos pós-coloniais de Bhabha, (2001); as discussões sobre raça propostas por Fanon (2008), Du Bois (1999); as contribuições historiográficas de Gorender (2010), Giacomini (1998); além de conceitos de resistência proposto por Scott (2011).

Palavras-chave: *Beloved*. *Ponciá Vicêncio*. Violência. Resistência. Literatura afrodescendente

ABSTRACT

The present work has as corpus the novels *Beloved* (1987) and *Ponciá Vicêncio* (2003), respectively, of the authors Toni Morrison and Conceição Evaristo, because they present relevant similarities for the studies of afrodescendant literature. The objective is to understand, through a comparative study, how are represented the manifestations of violence against the black characters during slavery and post-slavery and how they developed forms of resistance to subalternity. In the fiction of these authors, the aggressions motivated by race and gender. It was concluded that, in both works, the characters develop resistance strategies through the murder of relatives as a form of liberation against the slave system causing damage to the slave masters. The choice of these themes is justified because both narratives dialogue with cultural and historiographic studies. The method of investigation adopted was the analytical-qualitative, chosen with the purpose of understanding and interpreting, through the experience of the literary text of Afrodescendant origin in the Americas and of female authorship, the representations of black resistance and violence that permeate the narratives. The research technique adopted was the bibliographical research. In order to understand the corpus selected resorted to various theoretical contributions, critics argue that the construction of African descent as literature such as Duarte (2013), Cuti (2010), Walter (2009); The issues of gender and race supported by authors such as Hooks (1995), Carneiro (2003); The post-colonial studies of Bhabha, (2001); The discussions on race proposed by Fanon (2008), Du Bois (1999); The historiographical contributions of Gorender (2010), Giacomini (1998); as well as resistance concepts proposed by Scott (2011).

Keywords: Beloved, Ponciá Vicêncio. Violence, Resistance. Afrodescendant Literature

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 LITERATURA AFRODESCENDENTE: CONCEITOS EM CONSTRUÇÃO.....	18
2.1 Literatura afrodescendente: um conceito em construção.....	20
2.2 Escrivência: relatos de experiências pessoais e coletivas.....	31
2.3 Identidade e a consciência étnico-racial na literatura afrodescendente....	37
3 VIOLÊNCIA CONTRA O NEGRO: REGIMES DE CONTROLE DO SISTEMA ESCRAVAGISTA.....	47
3.1 A violência contra o negro no regime escravocrata nas obras <i>Beloved</i> e <i>Ponciá Vicêncio</i>	49
3.2 Violência de gênero: controles sociais do corpo da mulher negra nas obras <i>Beloved</i> e <i>Ponciá Vicêncio</i>	61
4 RESISTÊNCIA AO ESCRAVAGISMO EM PONCIÁ VICÊNCIO E BELOVED.....	76
4.1 Conceitos de resistência negra: manifestações contra a escravidão.....	76
4.2 A resistência ao escravagismo em <i>Beloved</i> e <i>Ponciá Vicêncio</i>	81
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS.....	107

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre literatura feminina afrodescendente no Brasil e no mundo significa, de certo modo, dar visibilidade a história e a experiência da mulher negra duplamente marginalizada por ser negra e mulher.

O reconhecimento da escrita negra reconfigura e combate a invisibilidade social que os afrodescendentes sofreram há vários séculos e ainda sofrem na diáspora e na própria África, explorada pela invasão colonial. Com isso, a exposição, em narrativas ficcionais, dessa história de violência e de preconceito, de pessoas em permanente luta contra a desigualdade e a segregação étnico-racial, promove, ainda que não seja o seu único objetivo, uma reflexão ética no leitor.

Quando a história sobre os negros cuja protagonista é uma mulher negra e quando a fala vem de uma voz não branca, o impacto desse dizer e os desafios dessa literatura tornam-se ainda maiores. A literatura afrodescendente de autoria feminina apresenta narrativas que vêm ao encontro de milhões de mulheres que desejam ouvir e ver suas histórias sob a própria ótica, mostrando a condição peculiar de vivência social que as mulheres negras tiveram e têm no mundo. Elas querem ler sua história, identificar-se com as heroínas, chorar suas dores, comemorar suas vitórias.

Nesse contexto, as obras literárias da norte-americana Toni Morrison e as da brasileira Conceição Evaristo merecem ser amplamente discutidas e analisadas. O que faremos nesse estudo é justamente isso. A partir do estudo comparativo dos romances *Beloved* (1987) de Toni e *Ponciá Vicêncio* (2003) de Evaristo, ressaltaremos a problemática da violência contra o negro no período da escravidão e pós-escravidão, principalmente, as agressões motivadas pelas relações de gênero. Além disso, destacaremos a resistência das personagens e como as ações extremas de algumas correspondem ao grau de brutalidade e dureza impostas a elas.

Antes de fazermos a análise das obras dessas autoras, torna-se necessária uma breve contextualização histórica e social dessas romancistas. Saber um pouco da história dessas escritoras. Isso possibilitará o entendimento e o compromisso social e histórico da literatura e seu papel libertador, que tem

revelado episódios de dor e desumanidades praticados contra milhões de homens e mulheres negras em diáspora.

Toni Morrison nasceu em Lorain, Ohio, nos Estados Unidos, em 1931. Ela teceu uma obra romanesca com traços da oralidade, reflexo de uma infância permeada pela tradição oral negra, história coletiva, passada de geração a geração. De origem humilde, os pais eram operários e sofreram muito com as dificuldades financeiras do período conhecido como a Grande Depressão¹, apesar disso, conseguiram mantê-la no colégio, sendo Toni a única criança negra na sua sala de aula do primário.

Em 1949, após concluir os estudos no curso colegial, saiu de Lorain para estudar na Howard University em Washington onde se formou. Em 1955, fez mestrado pela Cornell University na área de línguas e literatura inglesas em Ithaca, Nova Iorque. Morrison foi também professora na universidade de Yale, onde leciona, desde 1976, literatura negra e técnicas de ficção, embora seu principal interesse seja pela literatura e não pela carreira acadêmica.

Morrison, primeira mulher negra a receber o Prêmio Nobel, veio ao Brasil em 2006 para falar de sua literatura na Festa Literária de Paraty (Flip) e sua palestra causou uma verdadeira comoção, sucesso de público, sendo a mais concorrida do dia. Na época, não havia tradução para o português de *Beloved*, mas Toni já era uma autora consagrada com uma vasta obra que incluía peças, ensaios, literatura infantil, além de romances.

Em entrevista concedida à imprensa na Flip, Morrison disse que suas histórias nasceram da necessidade de ver retratado o universo da mulher negra de periferia. “Nunca tinha visto um livro no qual uma mulher pobre e negra fosse o centro da história, só via personagens como estas na periferia da história, nunca no centro. Tentei mudar isso!” (CARVALHO, 2006).

Não à toa, Toni publicou diversos livros com personagens negras femininas, como *The bluest eye* (1970), *Sula* (1973) e *Song of Solomon* (1977), este último lhe garantiu o prêmio da crítica americana como melhor livro do ano de 1978. Com *Beloved* (1987), obra que foi aclamada pela crítica dos Estados

1 Ocorrida entre a Primeira e a Segunda Guerra mundiais, a Crise de 1929 foi um dos acontecimentos mais impactantes da História Contemporânea. Essa crise ocorreu nos meses de setembro e outubro de 1929, nos Estados Unidos, quando o valor das ações da Bolsa de Valores de Nova York (à qual a economia mundial estava integrada à época) despencou bruscamente, provocando a sua “quebra” (crash). A quebra da Bolsa de Nova York desencadeou, por sua vez, a Grande Depressão Americana, que durou até meados dos anos 1930. (FERNANDES, [20--]).

Unidos, ganhou vários prêmios, entre eles o *Pulitzer* de melhor ficção, em 1988. Dezoito anos depois, em 2006, foi eleita pelo jornal *New York Times* como a obra de ficção mais importante dos últimos 25 anos, coroada, em 1993, com o prêmio Nobel de Literatura. A autora publicou ainda *Jazz* (1992), *Paradise* (1998), *Love* (2003), *A mercy* (2008) e *Home* (2012).

Dentre seus romances, o objeto de estudo deste trabalho é *Beloved* (1987), narrativa dramática cuja figura central é Sethe, mulher negra e mãe, que em um momento de desespero, pratica o infanticídio contra a filha, Beloved, como forma de impedir que a criança venha a ter o mesmo destino que ela como escrava.

A personagem principal da obra foi inspirada na história real de Margareth Gardner, uma escrava fugitiva que chocou a sociedade norte-americana da época (1856) ao assassinar a própria filha. Porém o choque causado no período por Gardner não tem relação com um lamento naturalmente sentido pela morte de uma criança, mas constitui-se, sim, em uma questão monetária. Afinal, na época, o negro escravo de qualquer idade era visto como mercadoria e não como um ser humano. A morte de Beloved era, portanto, a perda de um investimento.

O drama da história em si, além da questão da escravidão, gira em torno do infanticídio e se aprofunda quando Sethe passa a ser assombrada pelo fantasma da filha morta, que, posteriormente, aparece em sua porta como a personagem Beloved. O livro avança permeado de alegorias, fantasias em meio a um tom poético. Apesar disso, não é uma obra 'fácil', pois, apresenta a agressão naturalizada, o silêncio frente à condição de desumanidade imposta pela escravidão, expõe a exploração do negro abraçada por diversos países, entre eles, Brasil e Estados Unidos.

É uma obra que vale a pena ser lida por suas qualidades literárias e como pedra de toque na luta pelo desvelamento do que foi o escravagismo. O seu diferencial é oferecer uma visão de dentro do cativeiro, o olhar do negro oprimido sobre o opressor branco, além das escolhas do escravo frente à realidade massacrante e desesperadora de uma vida sem liberdade, em que o risco de morte e a humilhação eram uma constante.

A outra obra a ser analisada comparativamente neste trabalho é de autoria da escritora Conceição Evaristo, que nasceu em Belo Horizonte, no ano de 1946 e descende de uma família humilde, à semelhança de Toni Morrison.

Ainda muito jovem, a brasileira começou a trabalhar como empregada doméstica. A mãe, que teve nove filhos, lavava roupas para sustentar a família. Apesar da pobreza, desde cedo Conceição Evaristo demonstrou interesse pelas letras e conseguiu formar-se como professora no antigo curso Normal, em 1971, quando se mudou para o Rio de Janeiro, onde foi aprovada em um concurso municipal para exercer o magistério. Após isso, conseguiu ingressar no curso de Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1996, defendeu a dissertação de mestrado *Literatura negra – uma poética da afro-brasilidade*. Anos mais tarde, em 2011, tornou-se doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense com a tese *Poemas Malungos – Cânticos irmãos*.

Evaristo publicou ainda contos e poemas para várias edições dos *Cadernos Negros* e, em 2003, teve o lançamento de seu primeiro romance, objeto de estudo deste trabalho, intitulado *Ponciá Vicêncio* (2003), que foi traduzido para as línguas inglesa e francesa. Posteriormente, publicou *Becos da memória*, em 2006. Em 2015, ganhou o *Prêmio Jabuti de Literatura* com o livro de contos e crônicas *Olhos d'água*.

Em 1978 foi lançado o periódico literário *Cadernos Negros*, editado em São Paulo, em torno do qual autores negros brasileiros organizaram-se com o intuito de divulgar a literatura negra e reivindicar a visibilidade, tantas vezes negada, para as obras e para os escritores afro-brasileiros. A partir de então, a publicação torna-se veículo de referência para escritores negros do país que queriam ter sua obra reconhecida. Evaristo, que este ano completa 71 anos, foi um dos grandes nomes lançados pelo período.

Recentemente, a escritora foi escolhida para ser uma das homenageadas na Festa Literária de Santa Teresina (Flist), no Rio de Janeiro, que este ano decidiu abrir espaço para o protagonismo feminino, colocando em foco uma discussão sobre as obras de outras escritoras como a ativista e poetisa Eliane Potiguara, fundadora do Grupo Mulher-educação Indígena (Grumin). O evento conta ainda com tributos aos 100 anos da compositora chilena Violeta Parra e aos 55 anos de Cássia Eller. (CAZES, 2017).

Como se vê, a relevância da literatura negra feita por mulheres está finalmente ganhando o espaço público anteriormente vetado e o livro *Ponciá Vicêncio* teve e ainda tem um papel importante nesse processo no Brasil. É nesse contexto que este trabalho se insere, em que o estudo comparativo das duas obras serve como um aporte para reforçar a importância das mesmas na autoafirmação da literatura negra feminina.

Adentrando propriamente na história de *Ponciá Vicêncio*, temos tal como *Beloved* de Morrison, um título cujo nome é o mesmo de uma de suas personagens principais. Esta obra de Evaristo se trata de uma narrativa com forte presença da escravidão, só que centrada nos anos que sucederam a abolição (1888). *Ponciá* é descendente de negros escravizados, razão pela qual, em toda a trama, há uma busca por identidade em meio a uma realidade de negros livres, mas que ainda lutam por um espaço social em meio ao preconceito de raça arraigado e a uma cultura com fortes traços escravagistas. Essa luta é traçada através de uma narrativa que entrelaça passado e presente, com a protagonista do livro tentando reconstruir ou mesmo construir uma memória histórica e uma identidade para o negro brasileiro.

Na trama romanesca, a construção dessa memória impõe, em razão da descendência da protagonista, um aprofundamento nas experiências pessoais e coletivas dos seus antepassados em busca da recuperação de uma ancestralidade anterior ao cativeiro. Tal como Morrison, Evaristo utiliza a literatura oral, ou seja, as histórias contadas por familiares de memória, prática comum entre os negros para manter viva a história do seu povo, como fonte primária de suas narrativas.

A obra trata também da migração das personagens que vivem em uma cidade interiorana para a capital, em que Ponciá tem a esperança de conseguir um emprego e uma vida mais digna. O romance ainda subverte uma tradição de obras literárias, cuja identidade nacional e o herói burguês, são construídos sob a ótica do cânone ocidental. No romance de Evaristo, a protagonista, como em *Beloved* é negra e desfavorecida e mesmo não enfrentando o drama desesperador de Sethe por ter assassinado a própria filha, Ponciá é confrontada com a dura realidade de uma negra livre sobrevivente à segregação racial brasileira. As obras se assemelham ainda pelo fato do avô de Ponciá, Vô Vicêncio, cometer o assassinato de sua esposa e atentar contra a própria vida,

decependo o braço, em um ato de desespero, após saber que teve seus filhos vendidos em plena vigência da Lei do Ventre Livre.

As obras supracitadas apresentam, portanto, semelhanças relevantes para os estudos da literatura afrodescendente. Além de dialogarem com os estudos sociais, culturais e históricos sobre os negros, apresentam também a problemática da violência de gênero e a resistência das personagens negras contra a escravidão, numa situação peculiarmente perversa por apresentar um conjunto de agressões, assédios e abusos destinados às mulheres negras de forma normalizada, como algo que fazia parte da “ordem” das coisas, seja essa ordem correspondente ao período da escravidão, seja em anuência com o funcionamento das sociedades patriarcais, machistas e repletas de preconceito racial.

Pontuadas tanto as obras e um pouco da trajetória de suas autoras, agora é o momento de apresentar como se dividiu a discussão em torno do tema proposto nesse trabalho. Assim, no primeiro capítulo, foram destacados alguns conceitos acerca da literatura afrodescendente, tendo em vista que aqueles são importantes para a compreensão do objeto de estudo desta dissertação.

Mesmo se tratando de uma literatura especificamente sobre o negro e suas condições enquanto sujeito representado socialmente, tornou-se fundamental fazer uma diferenciação entre a literatura feita por Morrison e Evaristo e algumas obras literárias que falam sobre o negro, mas com uma visão equivocada e estereotipada do mesmo. Esse tipo de literatura vem ganhando terreno em todo o mundo, a exemplo de *Beloved* e *Ponciá Vicêncio* em que os afrodescendentes são apresentados sem demarcações inferiorizantes ou lugares-comuns raciais.

Apesar da crescente visibilidade que vem sendo conquistada e da quebra dessa percepção clichê sobre os negros, observou-se que a literatura afrodescendente ainda é marginalizada, por isso, foi feita uma contextualização da mesma em relação à literatura canônica. Nesse capítulo ainda, tratou-se da literatura afrodescendente como um conceito em construção, algo que pouco a pouco está se definindo.

Como suporte dessa empreitada teórica, contou-se nesse capítulo com as contribuições e reflexões de Eduardo de Assis Duarte (2013), Cuti (2010), Luiza Lobo (2007), Proença Filho (1988). Tomou-se também, como fundamentação

teórica, as discussões acerca de identidades e raça como Hall (2002), Du Bois (2008) e Fanon (1999).

Ressaltou-se ainda dentro dessa parte, o conceito de “escrevivência” de Conceição Evaristo. Tal termo se apresenta nas obras em análise e consiste na escrita produzida a partir da vivência pessoal ou coletiva dos negros. Isso porque ambas as narrativas recebem influências do contexto histórico vivido pelos escravos, os espaços e acontecimentos guardam também semelhanças profundas com a historicidade de seus respectivos países de origem, EUA e Brasil. As duas nações se estruturaram e cresceram nas costas do trabalho dos povos negros explorados, que trazidos da África, promoveram a riqueza de muitos senhores de escravos e dos governos que prosperaram através da força de trabalho negra.

Tratados esses pontos no primeiro capítulo, o segundo capítulo trouxe o momento de se discutir a análise da violência racial contra o negro decorrente da escravidão e como ainda há resquícios dessas violências no pós-escravidão. Ressaltam-se ainda como essas violências se manifestam dentro das narrativas *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*. Além disso, o estudo abordou as agressões decorrentes da relação de gênero, em que a mulher negra é duplamente violentada, pois além da violência racial, sofre a violência de gênero. Para auxiliar na discussão, contou-se com o aporte teórico de autores como Bhabha (2001), Walter (2009), Hooks (1995), Carneiro (2003).

Já no capítulo III, tratou-se das questões que envolvem a recusa do negro a escravidão, inseridos dentro do contexto das obras *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*. Ainda nessa parte, discute-se a resistência negra, que nas obras ocorre através de assassinato de familiares, automutilação, fugas etc. Essas manifestações de resistência objetivavam a libertação contra o sistema escravagista. A partir disso, tem-se as contribuições críticas de Gorender (2010), Scott (2011), Giacomini (1998), dentre outros.

Com vista ao alcance dos objetivos deste trabalho, utilizou-se a pesquisa de caráter bibliográfico, cujo método remete à análise qualitativa. Em resumo, o presente trabalho, se fez, portanto, necessário tanto em função da importância das obras escolhidas quanto pela abordagem da temática da experiência negra. A escolha de um estudo comparativo é no sentido de enriquecer a discussão em torno das obras e trazer à luz semelhanças e diferenças relativas a questões

como: identidade, memória e da oralidade, além, é claro, do modo como cada obra lida com o racismo e o desvela.

A análise das obras *Beloved* e *Ponciá Vicêncio* dialogou ainda com os estudos da literatura afrodescendente, com os estudos sociais, culturais e históricos dos negros ambientados nos romances. Em ambas as narrativas foram percebidas aproximações que enfatizam circunstâncias de violências corporais e psicológicas, situadas nas condições sociopolítica, cultural e histórica dos negros.

2 LITERATURA AFRODESCENDENTE: CONCEITOS E REPRESENTAÇÕES

Nos últimos 30 anos, a literatura afrodescendente tem sido produzida e debatida de forma mais intensa no Brasil, ocupando espaços significativos no cenário da crítica literária brasileira. Isso é devido a um movimento crescente, mas não uniforme, de quebra do silenciamento, em que o modo de ver e sentir negro não tinha espaço ou era representado com clichês ou de forma subalterna. Com a progressiva ocupação dos negros de espaços sociais antes privilegiadamente dominados por brancos, inclusive, no campo literário, vem sendo conquistada certa visibilidade.

Autores e autoras afrodescendentes no Brasil e no mundo assumiram uma posição de ativistas em relação ao que escrevem e começaram a dar voz ao “enunciador negro”. Tal postura foi muito além de um resgate histórico e simbólico da experiência do negro enquanto escravo e sobrevivente, pois, prioritariamente, colocou-o no centro das narrativas, criando uma representatividade imagética e discursiva da experiência negra calcada na tradição oral e na herança linguística e cultural africana.

Assim, além da qualidade literária de seus textos, esses escritores e escritoras procuraram contar os dramas vivenciados pelos negros em variados momentos históricos a partir de narrativas que ressaltaram suas estratégias de resistência. Outro ponto comum presente na literatura afrodescendente é a busca por uma reversão de valores, em que o negro não mais é apresentado enquanto vítima, mas reconhecido em sua força e resistência. Acima de tudo, observa-se uma tendência, que reflete uma demanda simbólica, de colocar em relevo a capacidade dos negros de subverterem situações completamente adversas e dolorosas, característica essa que fez nascerem muitos heróis e heroínas negros.

É dentro desse contexto que estão inseridas as obras de Toni Morrison, *Beloved* e de Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio*, que são histórias de natureza afrodescendente, tanto por suas autoras serem negras, como por apresentarem um ponto de vista que parte da experiência compartilhada por negros, como por usar uma linguagem marcada pela oralidade de tradição africana.

As autoras subvertem ainda mais a opacidade social vivenciada pelos negros em uma sociedade de “autoria” branca quando escolhem escrever sobre a condição da mulher negra. Pois, por baixo do preconceito racial, existe uma hostilidade e intolerância que atravessa classes, raças, povos, fronteiras, continentes, que é o preconceito de gênero.

As duas obras são atravessadas por uma série complexa de prejulgamentos e discriminações que foram normalizadamente instituídos socialmente. Suas narrativas têm justamente o objetivo de trincar, quebrar, rasgar o véu que cobre e torna aceitável a manutenção de concepções e comportamentos preconceituosos e desumanos.

A construção de uma simbologia do mundo sob o ponto de vista negro recai ainda em desafios teóricos como a construção de um conceito de literatura afrodescendente. Apesar de se tratar de uma literatura sobre a experiência do negro no mundo, não há uma delimitação estanque, fixa e acabada sobre o assunto. Estudos literários ainda estão em construção, mas uma possível síntese resultante das discussões feitas por pesquisadores da literatura produzida por e sobre negros ainda não foi alcançada. O que temos, atualmente, é um conjunto de tendências teóricas que, sem dúvida, contribuem para enriquecer e instigar uma reflexão sobre o tema.

Outro ponto que merecerá destaque neste capítulo é o já citado conceito de “escrevivência” de Conceição Evaristo, que se constitui em uma narrativa nascida da experiência pessoal ou coletiva dos negros. Esse conceito será importante para a análise das narrativas *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*, já que suas autoras basearam-se em histórias contadas de memória por familiares mais velhos, em um movimento de compartilhamento que manteve vivo o passado de seus ancestrais; e também inspirados em livros com as histórias reais de negros e escravos, como o *Black Book*, especificamente na obra *Beloved* e a história real da cativa Margaret Gardner.

Também se explanará neste capítulo a importância da identidade afrodescendente na literatura produzida por negros e como essa busca por uma autodefinição enquanto sujeito negro está presente nas obras analisadas.

2.1 Literatura afrodescendente: um conceito em movimento

A crítica da literatura tem se dedicado à construção de conceitos que venham dar conta de analisar a literatura produzida por negros e sobre negros. Por ser um conceito em construção, o que se chama de literatura afrodescendente tem gerado divergências teóricas em relação à adequação dessa expressão para abarcar o que é produzido pelos negros descendentes de africanos.

Muitos autores reivindicam a necessidade de um termo mais específico para definir a literatura feita por negros. Daí o surgimento de expressões delimitadoras como literatura negra, afro-brasileira, que foram criadas pela necessidade de se particularizar a produção literária em questão, tendo em vista que ela se diferencia por apresentar especificidades como o protagonismo negro e o destaque para a tradição cultural negra.

Assim, um conceito amplo como “literatura brasileira”, que historicamente foi edificada por brancos e branqueou escritores como é o caso do escritor mulato Machado de Assis, nada menos do que o fundador da Academia Brasileira de Letras e considerado um dos maiores nomes da literatura do país, não é o suficiente para designar a arte produzida por escritores negros.

Em relação à polêmica que envolve esses termos mais generalizantes, Maria Nazareth Soares Fonseca chama atenção para a pulverização da literatura feita por negro quando designada sem especificidade. Ela sugere ainda que isso dificulta a divulgação e consumo da produção de autores negros:

[...] outros teóricos reconhecem que a particularização é necessária, pois quando se adota o uso de termos abrangentes, os complexos conflitos de uma dada cultura ficam aparentemente nivelados e acabam sendo minimizados. Nessa lógica, o uso da expressão “literatura brasileira” para designar todas as formas literárias produzidas no Brasil não conseguiria responder à questão: por que grande parte dos escritores negros ou afrodescendentes não é conhecida dos leitores e os seus textos não fazem parte da rotina escolar? (FONSECA, 2006, p.12, grifo nosso).

Apesar disso, as expressões “literatura negra” e “literatura afro-brasileira” não são aceitas por muitos críticos. Eles acreditam que o uso dessas expressões limita e enquadra por demais a produção literária de autores negros, reduzindo o seu alcance a um público maior. Em contrapartida, esses termos

caracterizam as particularidades de uma literatura que recupera a tradição cultural negra e reinsere, de um modo afirmativo, a imagem do negro no imaginário popular de uma forma diferenciada.

Não obstante, a “literatura negra” ou “afrodescendente” ser considerada por muitos teóricos de ascendência africana um conceito ainda em construção ou inacabado, isso não se constitui em um aspecto negativo; ao contrário, tal situação demonstra a complexidade da edificação do lugar ou dos lugares sociais ocupados pelos negros hoje no Brasil e no resto do mundo. Isso representa ainda as diferentes experiências promovidas pela diáspora africana nas Américas e no Caribe, em função do comércio de escravos negros.

A dispersão indesejada de incontáveis nações e etnias africanas, com suas respectivas línguas e culturas, resultaram em uma dinâmica de identidades multiculturais diaspóricas, cuja singularidade se afirma na hibridização, na circularidade de conceitos que se articulam em espiral tanto do ponto de vista das narrativas escritas, quanto das narrativas orais afrodescendentes em diáspora.

Já Eduardo de Assis Duarte, que desenvolveu um conceito de literatura afrodescendente e procurou, em obras como *Literatura e afrodescendência no Brasil*, lançado em 2011, ampliar a visibilidade de autores negros, a definição passa por um conjunto de aspectos relacionados como a temática tratada (o negro e cultura, história e tradição), a autoria (escritores com ascendência africana), ao público e ao ponto de vista adotado na obra.

Em uma entrevista concedida à Revista Carta Capital em 2012, Duarte afirma, porém, que a simples presença desses aspectos não garante que uma obra possa ser considerada afrodescendente. Para ele, é na articulação entre os pontos citados acima que está a chave para o enquadramento de uma obra como integrante de uma literatura negra e claro, depende, primeiramente, segundo o estudioso, de uma autoria e temática negras.

Pelos dois. Mas, isoladamente, nem o autor nem a temática são suficientes. Porque há, por exemplo, autores brancos que falam do negro a partir de uma perspectiva dominante, europeia. E, muitas vezes, o negro é colocado como uma figura folclórica ou apenas como o tema. É preciso uma articulação entre autoria e temática e, subjacente a ambas, o ponto de vista identificado com a afrodescendência, ou seja, com a visão de mundo do negro. Quando você tem um ponto de vista afro identificado, isso interfere na linguagem, e a linguagem dessa literatura surge despida dos estereótipos e dos valores disseminados pelo o que

a gente chama de “branquitude” hegemônica. Essa conjunção de autoria, temática, ponto de vista e linguagem – todos eles fundados no ser e no existir do negro – visa atingir um quinto elemento dessa construção cultural, que é a formação de um público receptor afrodescendente. Só a partir dessas cinco instâncias é possível falar de uma literatura afro-brasileira ou negra na plenitude do termo. (DUARTE, 2012, p.1, grifos do autor).

Diversos críticos não levam, porém, em consideração outros pontos para definir o que seria a literatura afrodescendente. Zilá Bernd (1988) e Domício Proença Filho (1988), por exemplo, atribuem preponderância à cor da pele do autor como principal aspecto para defini-lo como produtor de literatura negra. Ou seja, ser negro, escrever literariamente e publicar um livro, são as condições suficientes para ser considerado um literato negro.

À luz dessas observações, será negra, em sentido restrito, uma literatura feita por negros ou descendentes assumidos de negros, e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização, reveladora de visões de mundo que, por força de condições atávicas, sociais e históricas, se caracteriza por uma especificidade, ligada a um intuito claro de singularização cultural. (PROENÇA, 1988, p. 78).

Outros autores, no entanto, além de considerarem essencial a autoria negra, como o escritor e crítico literário Luiz Silva Cuti, questionam ainda o termo “literatura afro-brasileira” por ser muito amplo e permitir a inclusão de qualquer afro-brasileiro, inclusive, aqueles de pele branca.

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. (CUTI, 2010, p.44, grifos do autor).

Em contrapartida à expressão “literatura afro-brasileira”, Cuti adota o termo “literatura negro-brasileira” como forma de equacionar o lugar das vozes enunciativas dentro da problemática racial no contexto literário nacional. Note-se que o termo “negro-brasileiro” recupera e marca as origens dessa literatura.

Em seu livro *Literatura negro-brasileira* (2010), o autor sintetiza e reforça, com o seu termo-conceito, a importância da representação do negro, na literatura escrita, ser feita por pessoas de pele negra. Representação essa construída a partir do que chamou de “eu coletivo” que também vem se definindo no corpo das obras e textos produzidos por autores negros ao longo do tempo, numa busca de superação dos estereótipos e preconceitos raciais e como forma de resgate e autoafirmação das identidades negras.

A dimensão da literatura negro-brasileira não se reduz à primeira pessoa do discurso ou ao eu-lírico, são essas dimensões que primeiro traçam os caminhos de uma identidade, pois ao deslocar o foco da visão/emanação do discurso oferecem ao leitor, explicitamente, a gigantesca tarefa de reconstrução de um eu coletivo que teve a sua humanidade estilhaçada pela escravização e pelo racismo. (CUTI, 2010, p. 70).

Apesar de estar dito, é importante explicitar que ao afirmar que a literatura negro-brasileira não deve ser reduzida apenas a primeira pessoa do discurso, Cuti está, na verdade, enfatizando que tal literatura está comprometida com a reconstrução da identidade de um “eu” coletivo negro, tendo em vista as experiências da escravidão e de exclusão racial vivenciadas de forma compartilhada pela população negra ao longo dos últimos séculos e que resultou em um esvaziamento de sua autoimagem e de sua identificação enquanto sujeito no mundo.

Para o autor, a diferenciação entre os termos “afrodescendente” e “negro-brasileiro” está posta e é autoexplicável, já que o primeiro termo diz respeito a quem descende de africanos e na África não existem apenas negros, mas há descendentes de europeus e brancos, originários da colonização feita por Portugal e Espanha, França, Inglaterra, Alemanha e Itália. Dessa forma, o termo negro-brasileiro, segundo Cuti, além de marcar a descendência negra, identifica ainda a nacionalidade do escritor ou escritora.

É importante esclarecer ainda que Cuti é um remanescente do Movimento Negro Unificado (MNU), fundado em 1978 no Brasil, e que tem como objetivo combater todas as manifestações de preconceito e violências contra africanos nascidos na África ou na diáspora. Sua participação enquanto militante sugere, portanto, uma postura ativa e de engajamento.

De acordo com uma parcela significativa dos grupos integrantes do MNU, só é aceitável a adoção do termo negro ou negra, sendo recusada a palavra afrodescendente, embora outros segmentos dentro do movimento adotem os dois termos sem restrições. É importante, por conseguinte, situar todas as tendências e expor suas razões, contudo, no presente trabalho se incorporou as expressões literatura afrodescendente e afro-brasileira, como termos identificadores da literatura negra.

Segundo Cuti, é considerado negro brasileiro, aquele que, nascido no país, apresenta características da raça negra, como cor da pele, formato do rosto, etc, além de compartilhar da cultura e tradições negras. Em comparação com outros países a coisa é diferente. Nos Estados Unidos, por exemplo, é considerada negra a pessoa que, mesmo com a cor da pele branca ou parda, tenha algum descendente negro.

Essa definição estrita do que venha a ser literatura negro-brasileira precisa ainda ser compreendida em sua necessidade de resistência e valorização da negritude, além de se constituir em um “religare” com as raízes da cultura negra. Sem falar na construção de pontes entre pessoas negras que passam pelos mesmos dramas impostos pelo preconceito racial, ainda que vivenciado de forma diferente.

Mas afora ser negro, o autor precisa se assumir como negro. É o que defende Ironides Rodrigues em depoimento a Luíza Lobo:

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (RODRIGUES apud LOBO, 2007, p.266).

No corpo de seu texto, Luíza Lobo sustenta, por sua vez, a necessidade de desenvolver uma literatura que reconstrua a imagem do sujeito negro a partir de uma visão positiva e sem estigmas. Tal produção literária visaria recuperar o legado dos antepassados dos negros contemporâneos, ressaltando o valor da cultura negra, as experiências particulares do próprio autor e de seus parentes.

Octávio Ianni frisa, porém, que a literatura negra não está pronta e acabada. Ela vem se modificando, segundo ele, ao longo do tempo e paulatinamente está definindo para si o que o sociólogo brasileiro chamou de “perfil próprio”:

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo. (IANNI, 2011, p.183).

Tal como já foi dito anteriormente, Duarte não fecha a definição da literatura afrodescendente na autoria, nem defende de que se trate simplesmente de uma autoafirmação da identidade negra. Tanto para ele quanto para Lobo é preciso que além do escritor ou escritora sejam negros, haja uma ideologia presente nas vozes dos sujeitos enunciadorees do discurso literário posto. É importante ainda que além da valorização do enunciador negro, seja constituída uma recepção dessa vertente na literatura brasileira.

Assis Duarte cita ainda a série *Cadernos Negros* como a publicação nacional que abriu espaço para o que foi se configurando como literatura afrodescendente brasileira. A produção divulgada pelo periódico é até hoje marcada pelo protesto contra o racismo, pela superação das desigualdades entre negros.

Os *Cadernos Negros* constituíram-se desde o seu início (1978) em uma publicação coletiva que foi organizada pelo grupo paulista Quilombhoje literatura, fundado por ninguém menos que Luiz Silva Cuti e mais Mário Jorge Lescano, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues, entre outros escritores. O periódico anual tem como objetivo promover uma discussão em torno da experiência literária afro-brasileira, além de promover a leitura, difundir conhecimento por meio de estudos e pesquisas sobre literatura e a cultura negras e motivar a divulgação de novos autores. (FIGUEIREDO, 2009).

O que vem sendo publicado nos *Cadernos Negros* é justamente o tipo de literatura que Duarte e outros estudiosos apontam como não estereotipada em contrapartida às obras consideradas canônicas da literatura brasileira que

apresentam personagens negras representativas do “negro fiel”, “malandro”, “negro mal” ou ainda da “mulata sensual”. Para além do periódico, a recusa dessas visões clichês sobre os negros vem acontecendo de uma forma geral na literatura negra produzida no Brasil.

Para Duarte, a marcação da literatura afrodescendente deve vir de um conjunto orgânico incrustado no texto literário, com forte peso ideológico, pois, para o autor, o negro precisa estar identificado com sua cultura e consigo mesmo, porque só assim poderá entrar em contato com as raízes profundas do seu povo, sendo capaz, a partir daí, de produzir uma obra que verdadeiramente reflita as lutas, angústias e vitórias do povo negro.

[...] uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vista ao universo recepcional; mas sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado com a afrodescendência como fim e começo. (DUARTE, 2013, p.35)

Assim, nenhum dos fatores de definição da literatura negra tomados de forma isolada, como cor da pele, temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público, serão suficientes para estabelecer que uma obra integra a literatura afrodescendente. Para que isto ocorra faz-se necessário que esses aspectos estejam interligados.

Impõe-se destacar, todavia, que nenhum desses elementos propicia o pertencimento à literatura afro-brasileira, mas sim o resultado de sua interrelação. Isoladamente, tanto o tema, como a linguagem e, mesmo, a autoria, o ponto de vista e até o direcionamento recepcional são insuficientes. (DUARTE, 2013, p.42).

Entende-se, portanto, que é literatura afrodescendente aquela em que o sujeito que a produz, além de ser negro ou negra, precisa abordar temáticas relacionadas à experiência negra sem estereotipar seus personagens a não ser que como forma de combate ao preconceito racial interiorizado pela sociedade, colocando o negro em foco e direcionando sua produção literária a um público afrodescendente.

As obras escolhidas como objetos de estudo comparativo desta dissertação, ou seja, *Beloved* de Toni Morrison e *Ponciá Vicêncio* de Conceição

Evaristo, apresentam todos os critérios acima mencionados e acrescentam a questão de gênero em suas narrativas. Elas suscitam tanto questões que envolvem a busca por uma identidade negra como a memória que recupera a história dos antepassados e incluem a denúncia da violência e preconceito racial. São textos que remetem ainda à experiência traumática e desesperadora da escravidão, bem como adotam explicitamente o ponto de vista engajado em relação à causa negra.

Conceição Evaristo não só dá voz às angústias e esperanças do negro e da negra brasileiros como se autoafirma enquanto uma escritora afro-brasileira que pensa o próprio fazer literário em sintonia com o ponto de vista da experiência dos negros em sociedade. Ela pontua ainda a “vertente negra feminina” que pulsa no interior dessa literatura.

As discussões em torno do tema literatura afro-brasileira têm me envolvido como escritora e como pesquisadora. E a partir do exercício de pensar a minha própria escrita, venho afirmando não só a existência de uma literatura afro-brasileira, mas também a presença de uma vertente negra feminina, no interior dessa literatura. Tenho concordado com pesquisadores que afirmam que o “ponto-de-vista” do texto é o aspecto preponderante na conformação da escrita afro-brasileira. Estou de pleno acordo, mas insisto na constatação óbvia de que o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito homem ou mulher, que com uma *subjetividade* própria vai construindo a sua escrita, vai inventando, criando o ponto de vista do texto (EVARISTO, 2009, p.18)

Após a exposição do que vem a ser literatura negra, afrodescendente, afro-brasileira e negro-brasileira, segundo os autores citados, em resumo, pode-se entender que a literatura afrodescendente de uma forma geral, para usar um dos termos, é definida como aquela produzida por autores negros que se identificam como tal e que seguem engajados na desmitificação de estereótipos relativos aos negros e no combate às desigualdades raciais. Apesar de termos tratado prioritariamente de mergulhar no universo teórico nacional sobre a literatura negro-brasileira, tais acepções não se limitam apenas à literatura feita no Brasil, mas extrapolam as fronteiras do país, porque critérios como: voz autoral, lugar de enunciação, afirmação e fortalecimento de identidades culturais negras, busca de visibilidade da literatura afrodescendente, defesa dos direitos dos negros, igualdade de condições sociais com os brancos, combate ao

preconceito racial, também são encontrados na literatura afro-americana e também na de outros países da diáspora africana.

As manifestações da literatura afrodescendente nos Estados Unidos, embora não tenham acontecido da mesma forma que no Brasil, também desenvolveram narrativas que buscaram a autoafirmação de identidades negras e o combate às violências e ao preconceito raciais.

Ou seja, mesmo vivenciadas em contextos diferentes, as relações históricas entre negros e brancos nos dois países criaram pontos de contato entre as obras de Morrison e Evaristo. Isso porque tanto o Brasil quanto os EUA foram colonizados por europeus em meio a um sistema de escravidão que, primeiramente, submeteu os povos indígenas nativos para depois implantar um sistema escravagista calcado na compra e venda de negros africanos.

Tanto os Estados Unidos quanto o Brasil foram colonizados por potências europeias que dominaram militarmente os povos indígenas mais fracos e, depois, instituíram sistemas de escravidão que dependiam de africanos. No caso do Brasil, os colonizadores europeus e seus descendentes escravizaram e importaram 11 vezes mais africanos que os colonizadores da América do Norte. No final do século XIX e no início do século XX, ambos os países receberam milhares de imigrantes da Europa destinados a atender às tentativas de industrialização. (TELLES, 2003, p.15)

Mas se os dois países guardam semelhanças oriundas da colonização, seus sistemas raciais se apresentaram de forma diferente. Apesar da ideia de fundo de ambos sustentar-se no princípio de que o branco é superior ao negro, as formas e padrões estabelecidos nas relações raciais no Brasil e EUA foram distintos em grau e ideologia.

De acordo com Telles, tais diferenças são consequência direta de um modo oposto de convivência social. Enquanto os norte-americanos adotaram um sistema de segregação racial claro, o brasileiro estabeleceu com o escravo negro uma relação de mistura racial. Isso não significa que ser escravo no Brasil fosse melhor que nos Estados Unidos, mas apenas que a ambiguidade presente nas relações raciais brasileiras ensejou a proliferação da miscigenação no país, o que não implicou em menor violência e humilhação para os negros, mas em uma forma própria de exclusão e dominação racial.

Ainda segundo Telles, a mistura entre raças que aconteceu na formação das atuais nações latino-americanas revelam apenas o perigo de uma estratégia que tornou a resistência à escravidão confusa devido à dubiedade das relações inter-raciais estabelecidas na região.

Os conceitos de mistura racial na América Latina sustentam que negros, indígenas e brancos se socializam, moram juntos e se misturam biologicamente a ponto de as distinções raciais se tornarem irrelevantes. Mas haverá alguma verdade nisso? Se for esse o caso, como pode haver exclusão e miscigenação ao mesmo tempo? A exclusão e a inclusão referem-se a pontos extremos de um *continuum* que opõe as sociedades más às sociedades boas; em se tratando de raça, más relações raciais contra boas relações raciais. (TELLES, 2003, p.17)

A problematização que Telles faz das relações raciais brasileiras desmitificam a ideia de que a mistura entre negros e brancos e brancos e indígenas tenha sido de alguma forma pacífica, entendimento que favoreceu durante muito tempo a ideia de que não havia racismo no país. O que acontecia no Brasil, diferente dos EUA, era um racismo velado, disfarçado e alimentado pela perspectiva da miscigenação.

Telles lembra ainda que a miscigenação brasileira foi fruto de uma relação de poder e força entre senhores donos de escravos e as mulheres negras e indígenas, relações essas de desigualdade e humilhação que resultou em uma mistura étnica.

O autor questiona ainda as teorias eurocêntricas que defenderam que a sociedade brasileira seria mais inclusiva racialmente que as demais, quando, na verdade, a marginalização e exclusão social do negro no país podem ser observadas em toda a sociedade brasileira, para isso é só mencionar que a maior parte da população negra continua pobre, vivendo na periferia das cidades e com salários menores que os brancos.

Nos Estados Unidos, por sua vez, a segregação racial contra negro sempre foi patente e levou à formação de grupos de extermínio e a uma política pública de separação normalizada dos espaços sociais, adotada para que o contato entre brancos e negros acontecesse de forma controlada e limitada a um relacionamento de subalternidade.

Em função dessa política segregacionista e da forte opressão e violência social sofrida pelos negros no país, por volta da década de 1970, intensificaram-

se as reivindicações civis de diversas minorias, principalmente dos afrodescendentes norte-americanos, o que resultou numa mudança de postura dos negros americanos e que teve repercussão, inclusive, na literatura.

Antes essa época, pouco se dava espaço no mercado editorial estadunidense para os afro-americanos. Mas com o surgimento de manifestações e movimentos em defesa dos direitos dos negros no país, escritoras como Toni Morrison, Maya Angelou e Nikki Giovanni, despontaram, com produções literárias e discussões que abordavam as questões raciais e de gênero nos EUA.

É nessa época que Morrison publica seu primeiro livro *The Bluest Eye* (1970) que numa tradução livre significa *O olho mais azul*. A narrativa conta a história de uma menina negra de 11 anos chamada Pecola Breedlove que sonha em ter os olhos azuis como a atriz Shirley Temple. A personagem, que praticamente não tem voz no livro, já que a narradora é uma vizinha de Pecole, Claudia McTeer, vive no sul dos Estados Unidos na década de 40, em Lorain, Ohio.

Através da história de Pecola, Morrison encarna a dramática vida de milhares de meninas negras norte-americanas da época. A protagonista tem um pai alcoólatra, uma mãe negligente e colegas de escola que a maltratam e humilham. Esse é o mundo da personagem que ainda é abusada pelo próprio pai, dele engravida, mas perde o bebê.

Em meio a tanto dissabor, Pecola procura escapar do pesadelo da sua realidade sonhando com olhos que poderiam lhe trazer a aceitação e reconhecimento social negado. Apesar da obra não ter alcançado o reconhecimento no período, o livro faz parte de um movimento crescente que questionou as relações raciais e de gênero nos EUA.

Não é à toa que cinco anos depois, Toni é indicada para o National Book Award com a novela *Sula* e vence o National Book Critics Circle com o *Song of Solomon (Canção de Salomão)*. Com a obra *Amada*, vence o Pulitzer e, em 1993, ganha o prêmio Nobel de Literatura.

Na mesma época do lamento de *O olho mais azul*, a escritora Maya Angelou publicou *I know why the cage birds sings* (1970), narrativa autobiográfica em que a autora descreve como é ser uma mulher negra no sul dos EUA, região onde há grande concentração de afro-americanos. Na poesia, o

impacto veio com Nikki Giovanni que publicou o livro *Black Felling, Black Talk, Black Judgment* (1971), obra seminal da poesia moderna norte-americana com forte teor revolucionário, Nikki faz uma defesa do orgulho negro em seus poemas e rende homenagem a toda uma tradição oral negra.

A contribuição dessas autoras foi fundamental para a ampliação da visibilidade da literatura afro-americana e abriram ainda as portas editoriais para outros escritores e escritoras que abordaram as questões raciais em seus livros. Elas também deram voz à mulher afrodescendente em seus dramas, sonhos e angústias.

Com essas pontuações sobre o contexto e impacto da obra de Morrison, é possível constatar que tanto a norte-americana quanto a brasileira Conceição Evaristo fizeram parte ativamente, em seus países, de movimentos de resistência negra e utilizaram a literatura como ferramenta de combate ao preconceito e de valorização e reconhecimento da cultura afrodescendente.

Toni com uma prosa poética e Evaristo, transitando por vários gêneros literários como prosa, poesia, contos e ensaios, foram capazes de edificar uma obra maior que é hoje referência para qualquer estudioso de literatura e história e um espelho positivo para que as novas gerações de escritores.

Já incorporados à tradição da literatura negra e para além das fronteiras de seus países, as obras *Ponciá Vicêncio* e *Beloved* são ainda ícones de uma escrita que coloca no centro da narrativa a vivência das mulheres negras. Isso não é pouco se pensarmos que o preconceito de gênero está presente em praticamente todas as culturas do planeta e apesar de toda a luta empreendida há séculos pelas mulheres, permanece como uma força negativa de opressão. Mas se além de mulher a pessoa for negra, temos aí um alvo preferencial de todo tipo de tentativa de abuso, desrespeito e violência.

2.2 Escrevivência: relatos de experiências pessoais e coletivas

Neste subtópico apresentamos as considerações de Conceição Evaristo sobre o processo criativo da escrita de muitos autores e autoras negros que foram e ainda são fortemente influenciados pela literatura oral de tradição africana. Evaristo, além de escritora, é também pesquisadora de literatura afrodescendente. Sua concepção de “escrevivência” que, em linhas gerais, significa a “escrita da vivência”,

relaciona o impacto da experiência compartilhada coletivamente pelos antepassados negros na escrita literária.

Como já fora mencionado anteriormente neste trabalho, tanto *Beloved* como *Ponciá Vicêncio* trazem tanto na forma como no conteúdo marcas da oralidade negra. Para Evaristo, propriamente, o legado dos negros escravos transmitido a seus descendentes nas Américas e nas ilhas do Caribe, possibilitou a construção de textos com um ritmo, uma estética, em suma, uma forma e também um conteúdo permeado pelo modo de ser e de pensar dos negros. É como se na escrita literária, no relato ficcional, fossem incorporadas, a história real da população negra em diáspora.

Evaristo (2009) fala ainda que o importante nessas obras não é a busca por fatos biográficos, apesar de isso também fazer parte do processo de leitura, mas o exercício de análise da realidade vivida pelos negros. Para ela, quando há distanciamento do escritor negro em relação à experiência do seu povo ou mesmo à sua própria, isso promove um “silenciamento” que pode, inclusive, revelar o lugar desse escritor no contexto de sua produção. Com isso, argumenta que a escrita está atrelada às experiências vividas pelo autor ou a um grupo a qual ele pertence e que essas contaminam ora mais ora menos o fazer literário de acordo com o contexto social em que o sujeito está inserido. A partir disso, entende-se que não é possível negar a influência biográfica do autor em sua obra.

Tanto para Evaristo quanto para Morrison é fundamental que o escritor negro assuma sua identidade racial como forma, inclusive, de libertação frente à opacidade discursiva imposta historicamente aos afrodescendentes. Para ambas, o exercício de resistência contra o racismo acontece tanto dentro de seus textos como nas relações sociais que eles promovem, daí a importância de uma postura clara por parte dos autores e autoras negros em relação a quem são, como irão ocupar os espaços sociais e como querem ser vistos por seus pares.

Evaristo vai ainda além nessa reflexão e coloca em destaque as diferenças existentes entre a experiência de ser um homem negro e de ser uma mulher negra na sociedade atual. Embora, segundo a autora, ambos sofram racismo, existem experiências que só na condição de mulher negra são vivenciadas. Isso porque a mulher negra foi reduzida, durante muito tempo, a um corpo a ser explorado sexualmente e enquanto força de trabalho.

Dessa forma, Evaristo reconhece e argumenta que as diferenças de gênero são significativas na construção e percepção das identidades dentro do universo negro. Ela afirma ainda que mesmo compartilhando os desafios e dificuldades de gênero, a mulher negra e a branca se diferenciam sobremaneira, pois a cor da pele continua sendo crucial para definir ainda hoje as condições de opressor e oprimido. Isso porque as mulheres negras, por sua vulnerabilidade econômica, estão mais sujeitas a sofrerem violências diversas, sejam elas físicas ou psicológicas, enquanto a mulher branca segue resguardada pelos privilégios de uma cultura notadamente racista.

Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um *corpo-mulher-negra* em *vivência* e que por ser esse o meu corpo, e não outro, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. Nesse sentido, digo que as experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par-a-par, porém em um instante profundo, perceptível não só para nós, mulheres e negras, e que nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação à (sic) mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há entretanto, outra condição para ambas, o pertencimento radical e que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade (às vezes, só simbolicamente, reconheço) frente às outras mulheres, não brancas. E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pôde e pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. (EVARISTO, 2009, p.18).

Por isso mesmo, a autora se dedicou tão veementemente a uma escrita engajada e também procurou na reflexão sobre a literatura negra desenvolver e pensar o processo da *escrevivência*. Processo esse nascido, para Evaristo, das conversas de parentes nas cozinhas de patrões letrados, mas que sempre fez parte da cultura negra no exercício do compartilhamento de sua história por meio da palavra falada.

Aliás, nesse sentido, gosto de dizer que a minha relação com a literatura começa nos fundos das cozinhas alheias. Minha mãe, tias e primas trabalharam em casas de grandes escritores mineiros ou nas casas de seus familiares. Digo mesmo que o destino da literatura me persegue [...]. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam (EVARISTO, 2010, p. 15).

Ainda criança, como mesmo atesta, a escritora despertou o interesse pela leitura e pela escrita. Através da família, a escritora entrou em contato com as histórias de sofrimento do povo negro o que, provavelmente, fizera com que sua obra e escrita buscassem o comprometimento com a denúncia social. Além *Ponciá Vicêncio*, Evaristo escreveu livros como *Becos da Memória* (2006), que também apresenta temática do universo afrodescendente e faz ainda um resgate do legado negro.

Uma marcação importante nas reflexões de Conceição Evaristo é aquela feita sobre a semelhança da vivência negra ainda que em países diferentes e regiões brasileiras diversas. Infelizmente, o que aproxima nesses casos as experiências de negros e negras é a condição de pobreza, a existência periférica, contextos que chegam a superar até mesmo diferenças temporais.

Essa situação comum de vulnerabilidade social nada mais é que o resultado da colonização do território africano e do amplo comércio escravagista imposto pelos europeus. Ainda que fosse comum na África e na Ásia a escravidão de nações e etnias tornadas cativas por causa de lutas territoriais, nada se compara com o impacto da escravidão aplicada em larga escala e por motivos essencialmente econômicos.

A inserção do negro por meio da escravidão na construção das sociedades americanas contemporâneas deixou máculas profundas. É preciso lembrar que no Brasil, a abolição da escravatura aconteceu em 1888, com a Lei Áurea promulgada pela princesa Isabel, filha de Dom Pedro II. Ou seja, faz apenas 129 anos completos agora no dia 13 de maio, que os negros deixaram oficialmente de ser escravos.

Mas como se sabe essa libertação não foi acompanhada por políticas públicas voltadas para a população negra. A adoção da mão de obra de imigrantes, mais barata para os fazendeiros donos de grandes plantações, tirou ainda dos negros a possibilidade de ser incorporado como trabalhador rural. Ele seguiu, dessa forma, submetido a condições subalternas de trabalho que se refletem ainda hoje numa vivência periférica.

A “experiência”, assim, de uma história comum entre os sujeitos afrodescendentes, irmanados por situações de racismo e de outras formas de violência decorrentes da herança escrava, fez surgir um desejo de luta e a necessidade de combater todas as formas de opressão racial. Daí a importância do trabalho narrativo de autoras negras como Toni Morrison e Evaristo.

Elas são responsáveis por fazer um resgate da história negra e ao mesmo tempo recusam o lugar de vítima, utilizando as ferramentas literárias como forma de denúncia e como ponte de partida para a elaboração de dores que precisam ser expostas para serem superadas.

A narrativa de Evaristo nos coloca perante um movimento circular de várias dimensões, cujo objetivo é curar o trauma colonial e os seus desvios existenciais por intermédio da afirmação criativa destes: o círculo da rememoração catártica de Ponciá ligado com aquele do seu trabalho artístico; dois círculos que criam o círculo entre o indivíduo e o coletivo, o passado, o presente e o futuro, os mortos, os vivos e aqueles que nascerão, o mundo humano e o mundo dos orixás. (WALTER, 2009, p.80).

É, por conseguinte, na reelaboração de experiências de opressão assemelhadas e registradas em forma de narrativas ficcionais que autoras como Evaristo tecem pontos de contatos entre negros e negras de todo o mundo, único legado positivo em uma história marcada pela exploração e pelo desrespeito.

[...] quanto ao que é chamado de influência, eu vejo uma situação mais específica. Para além da influência, principalmente, em nossa situação, em que umas não leram as outras – penso também na escrita africana, ou melhor, na diversidade da literatura produzida no Continente Africano – o que existe é uma experiência comum entre determinados povos. E aqui pensando com Glissant me refiro a uma História transversalizada entre a África e a diáspora. A invasão da África pelos colonizadores, o tráfico negreiro, a escravização, a colonização no território africano são eventos históricos associados uns aos outros, como as suas consequências também. O processo de colonização sobre o sujeito africano e a escravização dos povos africanos e seus descendentes na diáspora, são experiências que se cruzam, que se assemelham, que se confundem criando registros que podem se imbricar uns nos outros (EVARISTO, 2013).

Nesse processo de desvelamento, Evaristo, em *Ponciá Vicêncio*, faz ainda uma releitura do passado escravocrata no Brasil e revela que muitos episódios narrados sobre a escravidão no século XIX foram distorcidos. A autora utiliza ainda sua obra para desmitificar e desconstruir a imagem do senhor de escravos “bondoso”, “generoso” e a imagem estereotipada da mulher negra e do homem negro. Existem obras canônicas na literatura brasileira que reforçam os lugares-comuns na construção de personagens negras como é o caso de *Macunaíma* (1928) de Mário de Andrade em que há um deslocamento de identidades negras onde o objetivo é a carnavalização e o riso. Em *Xica da Silva* de João Felício dos Santos

percebe-se também outro exemplo que fabrica imagens de mulheres negras reduzidas à sensualidade de seus corpos.

Evaristo evidencia que sua literatura apresenta a etnicidade com um viés positivo e que a construção de suas personagens revelam a busca e a afirmação de uma identidade negra e a desconstrução de estereótipos raciais. A partir disso ela afirma

Pode-se dizer que um sentimento positivo de etnicidade atravessa a textualidade afro-brasileira. Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral. (EVARISTO, 2009, p.19).

A partir disso entende-se que a sua obra literária é pautada nas questões que envolvem a identidade negra e a valorização de aspectos culturais oriundos de uma ancestralidade africana. Para além desse viés político de valorização e desconstrução de lugares-comuns na representação do negro e voltando, propriamente, para a análise do processo de escrevivência, Evaristo reforça o peso das relações familiares e da narrativa oral, na criação da sua literatura.

Do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimento e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina, repetia, intentava. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. As bonecas de pano e de capim que minha mãe criava para as filhas nasciam com nome história. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia. (EVARISTO, 2005, p.201)

Evaristo assume que os aprendizados, as experiências de vida e a forte presença da oralidade, através das histórias contadas pela família, formam o pano de fundo de sua escrita literária. Da mesma forma, a escrita de Morrison, como dito antes, também revela o peso da oralidade na vida do afro-estadunidense, inclusive, como forma de busca de identidade.

Além da oralidade como influência de destaque na sua formação enquanto escritora e mulher negra, a autora fala da contribuição do livro *Black Book* – obra que catalogou relatos, fotos e escritos sobre o período escravocrata nos Estados Unidos. Este livro apresenta a trajetória de negros norte-americanos

por meio de registros históricos como cartas, imagens, certidões de nascimento e recortes de jornais. Tais registros fizeram com que Morrison se interessasse ainda mais pelas experiências coletivas de seus antepassados e serviu de fonte de inspiração.

Mas a autora frisa que como romancista, os relatos e registros e mesmo o compartilhamento da experiência dos negros não substitui a imaginação: “as memórias e recordações não me darão acesso total à vida interior não escrita dessas pessoas. Somente o ato de imaginação pode me ajudar” (MORRISON, 1987, p.111).

Isso leva à reflexão de que o ato da escrevivência não pode ser apartado do ato imaginativo, ou seja, nenhuma história real contada poderá por si só criar a atmosfera que lança o leitor em um envolvimento literário e de cumplicidade com o escritor. A escrevivência, assim, é composta de um diálogo entre a realidade posta e o exercício imaginativo, inspirado na memória e ancestralidade do povo negro.

2.3 Identidade e a consciência étnico-racial na literatura afrodescendente

Para Toni Morrison e Conceição Evaristo e todo um conjunto de autores e críticos literários que apostam numa literatura negra conectada com a realidade dos afrodescendentes, a construção de uma identidade ou de identidades negras pautadas na emancipação, passam, necessariamente, pelo fortalecimento ou despertar de uma consciência étnica de grupo social.

Entre os autores que defendem o desenvolvimento de uma consciência étnico-racial como parte da conquista por uma sociedade melhor estão Cuti. Ele afirma que “se uma pessoa não tem identidade alguma, ela não tem parâmetros nem desejo para transformar o mundo em um lugar melhor para se viver”. (CUTI, 2010, p.85).

Ele justifica ainda seu posicionamento ao argumentar que uma identidade indefinida abre espaço para a demonização da própria alteridade e leva as pessoas que não reivindicaram um lugar social para si a adotarem ideias de grupos que supostamente apresentam um caminho a ser seguido:

Até a identidade mais geral que possamos encontrar, a de ser humano, exige de nós um empenho, uma tomada de consciência, sem a qual não podemos objetivar que as demais identidades que temos convirjam para ela. Se as demais identidades fogem a essa convergência, dá-se a demonização do outro, do diferente, da alteridade, e a violência encontra plena justificativa e a identidade passa a ser presa fácil do fanatismo. (CUTI, 2010, p.86)

Cuti explica ainda que a falta de consciência de negros e brancos sobre suas próprias existências sociais semeou um comportamento de intolerância de um para com o outro e reforçou preconceitos. A literatura negra pode ser, então, uma forma de recuperação dessas identidades distorcidas. Mesmo em sua parcialidade necessária, a literatura afrodescendente poderia, através da visibilizando de uma identidade étnico-racial negra, contribuir tanto para a autoafirmação negra e para um recolocar-se no mundo do povo negro, quanto para despertar a consciência do homem e da mulher brancos sobre seu papel no processo de reforço ou combate da manutenção da violência racial. Isso, no final das contas, pode ser um dos caminhos de aproximação e não de afastamento entre as raças, já que a condição última de todo ser consciente é sua humanidade.

A literatura negro-brasileira surge para os leitores como uma singular oportunidade de reflexão relativa às suas convicções e fantasias pessoais. A subjetividade negra é intransferível, mas ela é comunicante pela semelhança de seu conteúdo humano". (CUTI, 2010, p.87)

Cuti faz a crítica, contudo, dos autores brancos que ao longo do tempo criaram figuras literárias negras que apenas reforçaram o estereótipo de uma suposta subjetividade negra e perpetuaram, assim, uma visão caricata sobre negros e negras, sem qualquer espaço para a complexidade e profundidade da vivência afrodescendente.

Quando se estudam as questões atinentes à presença do negro na literatura, vamos encontrar, na maior parte da produção de autores brancos, as personagens negras como verdadeiras caricaturas, isso porque não só esses autores se negam a abandonar a sua branquidão no ato da criação literária, por motivos de convicções ideológicas racistas, mas também porque, assim, acabam não tendo acesso a subjetividade negra. Estar no lugar do outro e falar como se fosse o outro ou ainda lhe traduzir o que

vai por dentro exige o desprendimento daquilo que somos. (CUTI, 2010, p.88)

O estudioso reivindica o exercício da alteridade como fundamental para que um branco possa entender um negro. “O escritor, para mergulhar no universo do diferente, necessita atuar como um ator na escrita, como se o outro fosse”. (CUTI, 2010, p.88)

Destarte, o discurso da “branquitude”, promoveu, muitas vezes, a invisibilidade do sujeito negro e a falsa impressão de uma democracia racial no Brasil. O estabelecimento de “tipos” negros pelo autor branco desenraizou a imagem do negro e o transformou em mero objeto, algo muito de acordo com uma visão branca de superioridade racial. Isso acarretou e acarreta ainda prejuízos psicológicos e sociais “para um leitor desavisado, ingênuo, que se emocionará e passará a dar crédito afetivo e efetivo ao que leu”, diz Cuti (2010, p.89).

Para escapar dessa armadilha, o leitor negro pode se apoiar e nutrir de uma literatura que recupere a memória do povo negro, pois, tal alimento intelectual poderá fortalecer sua consciência identitária e ainda o ajudará a escapar de um espelhamento distorcido sobre quem ele é, quais são suas verdadeiras potencialidades.

A humanidade do negro, se agride a humanidade do branco, é porque esta última se sustenta sobre as falácias do racismo. O sujeito étnico negro do discurso enraíza-se, geralmente, no arsenal de memória do escritor negro. E a memória nos oferece não apenas cenas do passado, mas formas de pensar e sentir, além de experiências emocionais. (CUTI, 2010, p.89).

No Brasil, movimentos como o Modernismo contribuíram, por exemplo, para alimentar o folclore em torno do negro e, portanto, foi responsável por “esvaziar a carga transformadora da cultura” negra, como o candomblé. Quem aponta isso é Cuti (2010, p.90) para quem “Folclorizar é retirar conteúdo vivencial que, por ser conteúdo humano, traz conflitos”. Isso porque negar conflitos é um das formas mais simbolicamente eficazes de aparentar uma harmonia inexistente.

A violência empreendida pelo racismo brasileiro foi sentida pelos afrodescendentes em todos os setores de sua vida, inclusive, no impedimento e

proibição de suas práticas religiosas, pois, diferente da católica, a religiosidade negra era ligada ao culto de entidades de matriz africana, chamadas de Orixás.

A família africana fora destruída pela escravidão e a família negra, impedida por longo tempo de se formar. A aculturação é coercitiva. No século XXI, no Brasil, encontramos a população negra em todas as religiões, pois aquelas religiões que lhe seriam transmitidas naturalmente pela relação familiar foram reprimidas durante longos anos, enquanto a católica tinha a sustentação do Estado brasileiro e demais religiões de matriz europeia não sofreram perseguição. (CUTI, 2010, p.92)

Como se vê na explanação feita até aqui, a recuperação da identidade do negro brasileiro precisa acontecer de forma ampla e não circunscrita a apenas uma área ou setor. Ela passa pelo livre exercício de sua individualidade, pelo reconhecimento de seus direitos, pela visibilidade do racismo, pela criação de uma literatura em que estética e conteúdo estejam unidos na exposição e combate do preconceito racial.

Nos Estados Unidos, o apelo para a formação de uma identidade e consciência étnico-raciais tiveram a rica contribuição do sociólogo Du Bois – considerado o Pai da Negritude. Sua produção foi decisiva na abordagem de questões que envolvem a temática da identidade negra. Autor do livro *As almas da gente negra* (1903), utilizou-se de uma linguagem poética para tratar do tema. A obra, uma das mais influentes da época entre os negros, é uma coletânea composta por ensaios, ficção e poesia, todas falando da história do negro. Sua escrita abordou ainda as condições do negro no pós-Guerra Civil nos Estados Unidos.

Du Bois foi ainda precursor do Renascimento Negro, movimento que se consistiu no reconhecimento dos valores da cultura, da história, da memória e da identidade negras, recusando os valores hegemônicos impostos pelos brancos. O movimento surgiu nos Estados Unidos por volta dos anos 20 do século passado como uma forte recusa à assimilação da cultura europeia. Além de Du Bois, também merece destaque dentro do Renascimento Negro, o escritor Langston Hughes, ambos foram os principais expoentes do movimento. (MUNANGA, 1988).

O *Black Renaissance* nasceu no Harlem, bairro conhecido de Nova York pela forte concentração de afro-americanos. Como movimento cultural e

artístico, ele teve grande repercussão nos campos da literatura, da música, teatro, cinema, dança, moda, influenciando o comportamento, as atitudes e o modo de pensar da população negra dos Estados Unidos, principalmente, dos jovens negros americanos.

O movimento colocou ainda em pauta a valorização e reconhecimento da negritude, o resgate do passado histórico do negro, como também a reivindicação de seus direitos enquanto cidadão. Na época, Du Bois figurava como uma espécie de mentor intelectual e ativista da causa negra entre os afrodescendentes. Sua obra foi um divisor de águas na literatura do país por denunciar o preconceito racial e o sistema de segregação norte-americano. Para esse homem de múltiplas faces, pois além de sociólogo e escritor, foi historiador e editor, o propósito da luta dos filhos da diáspora “é ser um colaborador no reinoda cultura, escapar da morte e do isolamento, é administrar e utilizar o melhor da sua potência e do seu gênio latente” (DU BOIS, 1999, p. 54).

Para ele, o negro é protagonista da história americana, cujo legado cultural supera os abismos do preconceito e estereótipos raciais construídos pelos brancos.

Nós, os escuros, não chegamos nem mesmo agora de mãos vazias: não existem hoje maiores expoentes do autêntico espírito humano da Declaração de Independência do que os Negros americanos; não existe música americana a não ser as selvagens, as doces melodias do escravo negro; os contos de fadas e o folclore americanos são indígenas e africanos; e, afinal, nós, homens negros, parecemos ser o único oásis de fé sincera e reverência em um poeirento deserto de dólares e de espertezas (DU BOIS, 1999, p. 62).

Du Bois exalta o legado das canções escravas no pós-abolição e defendia sem dubiedade o peso do povo negro na edificação do sonho de Independência dos Estados Unidos. Ele apresentou as grandes contribuições do povo negro para o país.

Em *Beloved* de Toni Morrison, por exemplo, a narrativa acontece algum tempo depois da Guerra Civil Americana (1861-1865), mas traz ainda vivas as sequelas do sistema escravagista norte-americano. Afinal, passara-se pouco depois da publicação do Ato de Emancipação assinado por Abraham Lincoln, em 1863, que garantiu a abolição da escravatura no país.

No processo de emancipação da cultura negra em relação à europeia, o médico psiquiatra Frantz Fanon (2008) deu o seu contributo através da obra *Pele negra, máscaras brancas*. Ele sustentou que os lugares-comuns raciais associados ao negro, como a hipersexualização da mulher e do homem negros, correspondem a uma representação construída através de narrativas do branco e do próprio negro.

Fanon foi um dos precursores na luta contra a hegemonia e etnocentrismo dos discursos colonialistas que justificavam a dominação europeia alegando a inferioridade racial e cultural dos negros, algo que se tentava impor por meio de uma interpretação desvirtuada da sexualidade das pessoas de cor negra.

Apostando em saídas radicais, o psiquiatra defendia a necessidade do uso da força como forma de libertação das amarras coloniais, pois a opressão e as concepções que sustentavam a inferioridade negra causavam prejuízos severos transformados em traumas.

Mas mesmo ele não escapou completamente dos estereótipos. Diz Fanon (2008, p. 59) sobre o próprio negro “no negro existe uma exacerbação afetiva, uma raiva em se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável”. Assim, ele analisa como ocorrem os reflexos do racismo branco contra o negro através do isolamento.

Pois diferente da visão de Fanon, as narrativas de Morrison e Evaristo, demonstram que em meio à violência e opressão vivenciada pelas personagens, elas conseguem ser sujeitos da sua própria história, capazes de superar as adversidades. As protagonistas são pessoas comuns e não estereotipadas. Representam a condição de muitas mulheres que viveram a experiência da diáspora na condição de descendentes do africano escravizado.

Percebe-se que na escrita de Morrison e na de Evaristo existe uma politização do discurso e uma consciência da identidade negra e do quanto é necessário contar a história dos afrodescendentes segundo o seu próprio ponto de vista.

É preciso ainda frisar que a identidade negra na pós-modernidade está em fase de “transição” e recebe influências diversas. Segundo Stuart Hall, em seu livro *Da Diáspora*, a experiência negra, necessariamente, flui num abraçar a diversidade, sua afirmação passa por uma construção negociada em todos os diferentes aspectos da vida:

É para a diversidade e não para a homogeneidade da experiência negra que devemos dirigir integralmente nossa atenção criativa agora [...] A questão não é simplesmente que, visto que nossas diferenças raciais não nos constituem inteiramente, somos sempre diferentes e estamos negociando sempre diferentes tipos de diferenças – de gênero, de sexualidade, classe. Trata-se também do fato de que esses antagonismos se recusam a ser alinhados; simplesmente não se reduzem um ao outro, se recusam a se alinhar em um eixo único de diferenciação. (HALL, 2003, p.346).

Para o autor, a ideia de um conceito fixo e de um ser único e centrado não se sustenta nas relações sociais. A formação identitária de um indivíduo é sempre mutável e suas contradições virão à tona de uma forma ou de outra, pois mesmo silenciadas, existem no nível do inconsciente.

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". As partes "femininas" do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta (HALL, 2006, p. 38).

O autor, portanto, sustenta que a incompletude faz parte da condição do próprio ser humano:

[...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p. 38).

O raciocínio de Hall vai no sentido de que a identidade não se constitui enquanto uma essência. O que é mais permanente tanto na interioridade humana quanto nas relações, ambas construídas simbolicamente, é a própria transformação.

A identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A

identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (HALL, 2006, p.96)

Ainda segundo ele, tal fragmentação é acentuada na vivência da diáspora, ou seja, “na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (2006, p.26). E que a falta de unificação em torno dos interesses de classe é uma realidade dos tempos atuais e precisa ser levada em consideração.

Nenhuma identidade singular, por exemplo, de classe social podia alinhar todas as diferenças identidades com uma “identidade mestra” única, abrangente, na qual se pudesse, de forma segura, basear uma política. As pessoas não identificam mais seus interesses sociais exclusivamente em termos de classe; a classe não pode servir como um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora através da qual todos os variados interesses e todas as variadas identidades das pessoas possam ser reconciliadas e representadas (HALL, 2006, p. 20/21, grifo do autor).

Em *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*, as personagens vivenciam situações extremas de medo, esquecimento, invisibilidade, alienação, sobrevivendo frente à quebra de regras sociais e morais, mesmo de seu povo. São narrativas que acolhem a reflexão feita por Hall sobre a identidade enquanto processo e não como fato acabado, pois, tanto Sethe quanto Ponciá vão se delineando durante a narrativa. Não é possível enquadrá-las como heroínas ou vilãs, suas personagens estão tão em movimento de construção tal qual as pessoas com existência real.

Dentro dessa discussão, outro ponto importante para o desenvolvimento deste trabalho é a questão das identidades negras em diáspora, ou seja, de como a travessia do negro pelo Atlântico modificou seus vínculos com o continente africano e a sua representação simbólica e material no mundo. Nesse sentido, autores como Elio Ferreira falam das quebras e rupturas criadas pela retirada do negro do seu território de origem, afastando dos vínculos familiares, das paisagens conhecidas, do trabalho executado, o negro apartado do seu habitat continua aterrorizando como um fantasma seus descendentes.

A cultura negra vem refazendo os caminhos da memória ancestral que foram danificados na travessia do navio negreiro. A escravidão foi um abismo enorme, do qual o negro não conseguiu ainda se refazer das suas marcas. Ela destruiu civilizações inteiras, línguas, histórias e memórias seculares.

Confundiu tudo. Foi uma desumanidade sem limites, um fantasma que continua a nos aterrorizar, disfarçado sob as máscaras do racismo. A escravidão foi o inferno do africano na Diáspora (SOUZA, 2006, p. 282).

Gilroy (2001), autor do livro *O atlântico negro*, procurou mostrar como a recuperação do passado negro é uma necessidade e também uma reação ao racismo branco que tentou apagar as origens dos remanescentes africanos.

A necessidade de fixar raízes culturais ou étnicas e depois utilizar a ideia de estar em contato com elas como meio de reconfigurar a cartografia da dispersão e do exílio talvez seja melhor entendida como uma resposta simples e direta às modalidades de racismo que têm negado o caráter histórico da experiência negra e a integridade das culturas negras (GILROY, 2001, p. 224).

Paul Gilroy (2001) coloca em destaque a travessia do oceano Atlântico por entender que a diáspora começa ali e a história do desespero desses primeiros momentos antes da chegada ao continente americano precisa ser recuperada, tal como uma ponte entre o negro livre nativo da África e o escravo negro na América.

De acordo ainda com o autor, o deslocamento do negro propiciou ainda a “circulação de ideias e ativistas, bem como artefatos culturais e políticos, caminho de retorno redentor para uma terra natal africana” (GILROY, 2001, p. 38).

Gilroy frisa ainda o caráter de dispersão provocado pela diáspora:

A diáspora africana pelo hemisfério ocidental dá lugar aqui à história de futuras dispersões, tanto econômicas quanto políticas, pela Europa e pela América do Norte. Estas jornadas secundárias também estão associadas à violência e são um novo nível da disjunção diaspórica, e não apenas reviravoltas ou impasses (GILROY, 2001, p.21).

Diante dos argumentos de Gilroy, pode-se depreender que além do pensamento colonial, a identidade negra foi forjada em meio às consequências da diáspora, no contato com nações africanas diferentes, aspectos que impactaram não só no modo de ser dos afrodescendentes como na literatura negra posterior.

As obras em estudo, *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*, inserem-se justamente em um movimento de recuperação da história dos povos negros em diáspora. Elas trazem em seus diálogos a memória e a identidade fragmentadas do povo negro ao longo da história. As narrativas tentam resgatar os antepassados negros, suas

tradições, em um combate literário frente ao silenciamento imposto às etnias negras, submetidas, ainda em solo africano ao cativoiro, e, posteriormente, à desolação dos navios negreiros e, finalmente, na América, a uma série de violências que até hoje mancha a história das nações escravocratas.

3 VIOLÊNCIA CONTRA O NEGRO: REGIMES DE CONTROLE DO SISTEMA ESCRAVISTA

Neste capítulo discute-se a problemática da violência na escravidão contra os negros e também a violência de gênero dentro das narrativas *Beloved* (1987) e *Ponciá Vicêncio* (2003). Nesses romances podem ser identificados, além das agressões físicas, o preconceito racial contra o negro e a objetificação do corpo da mulher negra. Assim, as subseções deste capítulo abordam como essas agressões eram formas de controlar os corpos de homens e mulheres afrodescendentes.

Sethe e Ponciá, assim como outras personagens afrodescendentes da trama, sobreviveram aos mais diversos tipos de violências. Com isso, as narrativas em análise giram em torno das personagens negras que sentem, rememoram e se mostram sujeitos psicologicamente complexos. Estas personagens afrodescendentes estão em contrapartida daquelas estereotipadas por autores brancos da literatura canônica; pois estas obras suscitam questões sobre o racismo, identidade negra e memória.

De acordo com Fanon “aquilo que se chama de alma negra é frequentemente uma construção do branco” (2008, p.30). A partir disso pode-se entender que o branco criou estereótipos para o negro. A visão eurocêntrica incute uma falsa imagem do homem africano e afrodescendente, visto de forma animalésca como se este não fosse um ser humano dotado de intelectualidade, fixando-lhe o estigma de raça inferior. Isso seria a razão criada pelo branco para justificar a escravização do negro. A partir dessa ideia de inferioridade ou animalização do sujeito afrodescendente, cometeram as mais diversas violências contra os mesmos.

A escravidão afetou de maneira complexa e devastadora a memória dos negros, temática recorrente nas obras *Beloved* (1987) e *Ponciá Vicêncio* (2003). Os romances em análise apresentam verossimilhança com o período vigente, com o pós-escravidão e como ocorrem seus reflexos para os afrodescendentes e por isso é necessária uma análise de como se deu a escravidão nesses países.

Walter assegura que a violência está presente em práticas e estruturas de poder, como por exemplo, a escravidão nas Américas. Assim, o preconceito

racial e o desenraizamento da cultura étnica do negro constituíram-se como processos violentos.

A tradução problemática entre nações e culturas, nas Américas, transformou suas zonas de contato em zonas de luta onde as formas, práticas e estruturas de poder são profundamente imbuídas de diversos tipos de violência. A conquista, a colonização, a escravidão, o extermínio das culturas autóctones, a discriminação racial durante os vários estágios da construção nacional na América Latina e Central, no Caribe, nos Estados Unidos e no Canadá constituem uma história de deslocamentos violentos e experiências disjuntivas. Esta experiência de desenraizamento e expropriação, que é um dos mais importantes denominadores ligando diferentes nações e culturas étnicas através das Américas, envolve tanto o desarraigamento espacial e psicológico de lugar, língua, identidade, tradição, ethos e cosmovisão quanto a resistência a estas formas de subalternação (neo) colonial". (WALTER, 2009, p.45)

Walter explica que a discriminação racial constitui experiências violentas de desenraizamento cultural o que acarreta em apagamentos de questões identitárias durante o período colonial. A diáspora e o esvaziamento da língua, da identidade e memória desencadeiam no sujeito o desejo de resistência à subalternidade que lhe é imposta.

Em *Beloved* e *Ponciá Vicêncio* é possível detectar semelhanças com fatos históricos da escravidão e como o negro fora estigmatizado por sua cor, como a abolição não emancipou o negro e como ele sofreu e ainda sofre e preconceitos raciais, como humilhações e diversos maus-tratos físicos e psicológicos.

A respeito disso, o pesquisador Elio Ferreira (2006) sobre estudos da poesia negra das Américas e a respeito do período escravocrata nos países coloniais, afirma:

O cativo era marcado a ferro quente ou recebia um nome estranho à sua origem familiar através de um batismo cristão, cujo nome fictício o negro era obrigado a carregar até o fim da sua vida, quando não tivesse que adotar um nome dado pelo comprador ou adotar o sobrenome deste (SOUZA, 2006. p.66).

Embora as obras em análise não apresentem diretamente o apagamento da memória através do ferro quente, nas tramas é presente a escolha do nome através da vontade de seus senhores. As personagens negras não tinham a liberdade sobre o próprio nome, corpo ou escolhas. Isso porque, em ambas as narrativas, o nome de Sethe e de outros negros dentro da trama foram escolhidos pelos proprietários das

terras onde eram escravizados, assim como em *Ponciá Vicêncio* (2003), tanto o nome como sobrenome eram marcados pelo estigma dos coronéis que se apropriavam e aprisionavam negros.

3.1 A violência contra o negro no regime escravocrata nas obras *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*

Nos Estados Unidos, as narrativas produzidas por escravos – as *slave narratives* – contavam a trajetória de negros que vivenciaram a escravidão. Nestas histórias eram narrados os horrores e violências a que os africanos e seus descendentes escravizados eram submetidos na América do Norte. Como exemplos dessas narrativas autobiográficas têm-se a publicação de *The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano* que deu início a uma série de várias publicações, além de *Narrative of Life of Frederick Douglass an American Slave Written by Himself* (1845), de Frederick Douglass, que foi fonte inspiradora de romances abolicionistas, como a obra *Uncle Tom's Cabin* (1852) da escritora Harriet Beecher (MORRISON, 1987). Morrison afirma que as *slave narratives* “deram combustível ao fogo dos abolicionistas” (MORRISON, 1987, p.105).

No Brasil, o primeiro documento escrito por um cativo brasileiro, ao que tudo indica, é a “Carta” de 1770, de Esperança Garcia em que ela faz uma denúncia dos maus tratos sofridos nas fazendas de Inspeção de Nazaré, no Piauí. Além disso, tem-se o livro *Úrsula* (1859), em que a personagem Preta Suzana, na perspectiva da memória autobiográfica, relembra o episódio traumático marcado por violências e mortes durante a sua travessia no porão negreiro, pelo Atlântico até Brasil.

Outros exemplos de obras literárias produzidas por negros que tratam da condição humana do afrodescendente podem ser mencionados como, por exemplo, *Becos da Memória* também de Conceição Evaristo; *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, de Lima Barreto; *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus e *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, que narra a história social da escravidão no Brasil do século XIX, escrita originalmente pela própria Luíza Mahin, africana, escrava alforriada, muçulmana e líder male do levante de Salvador/ Bahia e provável mãe de Luiz Gama (1830-1882); este poeta ex-escravo foi precursor da literatura afro-brasileira e da Abolição da Escravatura, autor do livro de poesia *Primeiras trovas burlescas de Getulino (1859/1961)* famoso pelo engajamento na

libertação de aproximadamente mil escravos e pela autoria dos versos de sátiras contundentes dirigidas aos escravagistas, racistas, mulatos que não se assumiam como negros ou negavam sua ancestralidade africana, e ainda contra o governo monarquista brasileiro.

Embora *Beloved* e *Ponciá Vicêncio* não se constituam como narrativas autobiográficas, estas obras dialogam com as descrições dos horrores vividos por negros escravizados, pois apresentam similaridades com as obras anteriormente mencionadas, já que suscitam questões que envolvem a condição humana do afrodescendente escravizado e a de seus descendentes.

Morrison, ao escrever *Beloved* (1987), narra os sofrimentos que os cativos eram submetidos e que podem ser vistos em suas descrições ainda que a obra tenha sido escrita no século XX. A obra de Morrison remonta a época posterior à Guerra Civil norte-americana (1861-1865), quando a escravidão foi abolida nos EUA, desfilando como personagens centrais negros escravizados de 1855 e libertos em 1873.

Morrison apresenta, nesta obra, as diversas opressões que os negros, em especial a mulher negra, sofreram durante a escravidão nos Estados Unidos. Através do relato da protagonista Sethe, a trama conta os acontecimentos de forma não linear, que atormentam sua memória traumática e que refletem como os senhores dentro das suas propriedades tratavam os negros.

Bhabha evidencia que a produção literária de Morrison tem como objetivo principal engajar-se à luta dos negros, tratar de assuntos desagradáveis aos ouvidos, denunciar os horrores da escravidão de modo que este trauma não volte a se repetir na sociedade, a busca pela identidade negra, a valorização das origens africanas e do combate à opressão as afrodescendentes. Acerca da violência racial na obra de Morrison, Bhabha afirma:

A violência racial é invocada através de datas históricas 1876, por exemplo – mas Morrison é um pouco apressada no que diz respeito aos acontecimentos “em si”, passando rapidamente pelo “verdadeiro significado da Lei dos Fugitivos, da Taxa de Assentamento, os Caminhos de Deus, o antiescravagismo, a alforria, o voto pela cor de pele”. O que deve ser suportado é o conhecimento da dívida que vem dos dezoito anos de desaprovação e vida solitária de Sethe, seu banimento no mundo “estranho” do número da 124 Bluestone Road, como paria de sua comunidade pós-escravidão (BHABHA, 2001, p.39).

Bhabha explica que a violência racial na escravidão tem efeito desvelador de episódios causadores do banimento, da resistência, do pertencimento do negro na sociedade escravocrata nos EUA. Sethe vive na trama romanesca profundo isolamento da sociedade, pois após cometer o infanticídio, sua comunidade a isola por desaprovação.

Em *Beloved* Sethe vivia na propriedade dos Garner, onde, segundo relatos do narrador, eles tratavam os negros como funcionários, pois eles tinham certa “liberdade” para trabalhar fora e pagar a quantia por sua alforria. Isso, no entanto, mascarou outras formas de violência contra os afrodescendentes da trama. Hale, marido de Sethe, por exemplo, conseguiu trabalhar anos para comprar a liberdade de sua mãe, Baby Suggs, escrava de Sweet Home:

Voices remind schoolteacher about the spoiling these particular slaves have had at Garner's hands. There's laws against what he done: letting niggers hire out their own time to buy themselves. He even let them have guns! And you think he mated them niggers to get him some more? Hell no! He planned for them to marry! If that don't beat all! Schoolteacher sighs, and says doesn't he know it? (MORRISON, 1987, p. 432)²

Inicialmente, a protagonista acreditava que os senhores da propriedade de Sweet Home não eram pessoas ruins, pois eles não maltratavam fisicamente seus escravos, tratavam-lhes como funcionários e permitiam até mesmo o casamento entre eles. No entanto, tais tratamentos diferenciados camuflavam a visão de superioridade que os brancos tinham a cerca dos negros. Sethe tinha o desejo de casar-se por amor com o escravo Hale, então resolve pedir para seus senhores a permissão para o matrimônio.

"Halle and me want to be married, Mrs. Garner." "So I heard." She smiled. "He talked to Mr. Garner about it. Are you already expecting?" "No, ma'am." (...) But I mean we want to get married." "You just said so. And I said all right." "Is there a wedding?" Mrs. Garner put down her cooking spoon. Laughing a little, she touched Sethe on the head, saying, "You are one sweet child." And then no more. (MORRISON, 1987, p.50 – 51)³

2 As vozes lembram ao professor a forma como Garner estragou seus escravos. Há leis contra o que ele fez: deixar os negros trabalharem fora para se comprar e permitir que carregassem arma! E mais: alguém acha que ele fazia esses escravos cruzarem para que se reproduzissem e lhe trouxessem mais lucros? Não, seu plano era casá-los para constituíram suas próprias famílias (MORRISON, 2000, p.266). [N.T.]

3 "Halle e eu queremos nos casar, senhora Garner." "Foi o que ouvi." Ela sorriu. "Hale falou com o senhor Garner sobre isso. Você está esperando?" "Não, senhora" (...). "O que eu estou querendo

Na passagem acima, observa-se que a protagonista tem interesse em casar-se com todo o ritual que envolve um casamento: fazer um vestido, uma celebração religiosa, uma lua-de-mel. Porém, a senhora Garner, esposa do fazendeiro, por meio de gestos e do silêncio, a desilude desse sonho e lembra a ela que, para os brancos, os negros são propriedades e, portanto, não possuem qualquer domínio sobre seus corpos. A partir disso, fica evidente que a “bondade” dos proprietários de Sweet Home era algo questionável, pois impedir a comemoração do matrimônio era uma forma de menosprezar os sentimentos dos negros. A finalidade do casamento entre os negros, na visão dos brancos, era exclusivamente econômica, pois visava apenas o lucro que os filhos gerados por essa união poderiam trazer para os senhores. Os negros frutos desses relacionamentos se tornavam moeda, pois geralmente eram vendidos para terceiros ou trocados por mercadorias.

Morrison, curiosamente, não deu nome para todas as personagens, mas em todo o romance, as personagens negras enfrentam diversos exemplos de opressões. Apenas alguns homens que fazem parte do núcleo central da narrativa, foram nomeados, como Hale – marido de Sethe - Howard e Buglar – filhos de Sethe. Estes fogem ao serem assustados pelo fantasma de Beloved e o primeiro enlouquece ao ver Sethe ser abusada sexualmente pelos alunos de Schoolteacher.

Hale, Howard e Buglar não falam dentro da trama, apenas são mencionados por outras personagens. É perceptível que alguns negros da fazenda de Sweet Home têm nomes que foram colocados por seus donos e que, muitas vezes, estão vinculados ao sobrenome deles assim como em Ponciá Vicêncio (2003). Isso porque os negros chamavam-se Paul D Garner, Paul F Garner, Paul A Garner, que recebem como marca do nome do Sr. Garner. Além deles, existia Sixo, que era o escravo subversivo da fazenda, pois recusava-se a colaborar. Ele se chamava assim, pois era o sexto cativo de Sweet Home. Após morrer queimado, ele grita pelo nome do filho chamado Seven-O, que ainda estava no ventre de sua companheira, intitulada apenas como Thirty Miles Girl, pois ele precisava viajar trinta milhas ao seu encontro. Nota-se, portanto, que práticas violentas contra o negro, como queimá-los vivos, açoitá-los, dentre outras formas de violência, são frequentemente tratadas no

dizer é que vamos nos casar.” “Já me disse isso. E eu falei que está tudo bem.” “Vai haver cerimônia de casamento?” A sra. Garner pois a concha sobre o fogão, rindo um pouco, tocou Sethe na cabeça dizendo: “Você é uma menina muito meiga.” E mais nada. (MORRISON, 1987, p. 38). [N.T.]

romance. Tais agressões contra os negros revelam as formas de controle que os brancos exerceram sobre os corpos negros.

Morrison evidencia a condição deplorável dos negros, que eram tratados como animais ou mercadoria, pois recebiam nomes que os “coisificavam” como é o caso dos “Pauls” e o sobrenome que lhes eram impostos pelo Sr. Garner. Esses negros escravizados acabavam “aceitando” essas denominações, já que não tinham quaisquer informações de seus antepassados. Isso ocorria porque eram vendidos para grandes proprietários de terras que os levava para outras regiões como forma de mão-de-obra e não tinham o menor interesse em deixar negros unidos ou próximos de seus familiares, ou até mesmo porque, seus progenitores não resistiam muito tempo devido às péssimas condições de trabalho aos quais a maioria dos cativos eram submetidos. Dentro da trama são recorrentes os casos de desagregação familiar.

Mesmo que Sr. Garner fosse um dono de escravos considerado pelos próprios personagens da história menos cruel que os demais, ainda sim, não o isenta da violação ao direito da vida destes homens e mulheres que mantinha como cativos. O branco acreditava, muitas vezes, na sua superioridade e que a escravidão era um “bem” que eles faziam aos negros, pois isso lhes garantia comida e um teto.

Após o falecimento do senhor Garner e a doença de senhora Garner, a propriedade de Sweet Home, que antes tratava seus escravos como funcionários, passou a ser gerenciada por Schoolteacher - um homem cruel pertencente à família dos Garner. A vida dos negros dentro de Sweet Home se tornara um verdadeiro massacre, pois ele constantemente passou a maltratar fisicamente e psicologicamente esses negros. Por conta disso, diversos maus-tratos aconteciam regularmente, o que fez com que os negros fossem mortos ou se tornassem fugitivos.

Os negros escravizados sofriam com a questão da desagregação familiar gerada pelo sistema escravista. Isso pode ser exemplificado pela busca de liberdade de Paul D, que após fugir de Sweet Home, peregrina por 18 anos em busca do esquecimento. Paul D fala de suas memórias no trecho abaixo:

Mister was allowed to be and stay what he was. But I wasn't allowed to be and stay what I was. Even if you cooked him you'd be cooking a rooster named Mister. But wasn't no way I'd ever be Paul D again, living or dead. Schoolteacher changed me. I was

something else and that something was less than a chicken sitting in the sun on a tub." (MORRISON, 1987, p.141)⁴

Paul lembra como o negro não tinha, segundo a lei dos brancos, o direito a sua identidade. Neste trecho, após ser amordaçado com o freio de boca, antiga forma de castigo para os cativos, Paul D admira um galo na fazenda, chamado Mister. O trecho revela a reflexão deste personagem a respeito da identidade, em que mesmo os animais, como o galo Mister, fora autorizado a viver em liberdade, já Paul D, fora tratado pior que um animal ao abate, pois os maus-tratos o colocaram em uma subjugação que o inferiorizava e o menosprezava a ponto de comparar-se “menos que um frango ao sol”. Segundo ele, tais agressões o modificaram como ser. Após anos fugindo de Sweet Home ou de qualquer outro lugar, reencontra Sethe e resolve morar com ela para ter a chance de experimentar a vida em um lar.

Da mesma forma que *Beloved*, na obra *Ponciá Vicêncio* (2003) as marcas de violência contra o negro e preconceito racial ocorrem mesmo após a abolição da escravidão. A temática da identidade está presente em toda a trama, que problematiza a condição humana do negro, principalmente a mulher negra. É evidente, no romance, que os afrodescendentes ainda continuam invisibilizados e excluídos.

Em *Ponciá Vicêncio* há uma representação de forte verossimilhança com o período pós-escravidão no Brasil, que foi o último a abolir a escravidão nas Américas. O panorama geral da escravidão brasileira não foi menos violento que o de outros países, pois apresentou uma violência cotidiana e naturalizada, que desencadeou a exclusão e o preconceito racial da atualidade.

Na obra romanesca de Evaristo, apresenta-se o período pós-abolição da escravidão e como os negros descendentes de escravos lutam pela sobrevivência em uma sociedade que os invisibiliza e onde ainda predomina a desigualdade racial. Na trama ocorre a migração ou êxodo das mulheres de outras regiões periféricas do país para a capital. A obra apresenta as permutas culturais oriundas desse deslocamento, a desagregação familiar e a denúncia da subjugação dessas mulheres, que são submetidas às condições de

4 Mister recebeu permissão de ser e continuar a ser o que era. Mas eu, não. Mesmo se alguém o cozinhasse, estaria cozinhando um galo chamado Mister. Mas não havia jeito de eu voltar a ser Paul D, vivo ou morto. O professor me modificou. Eu era uma outra coisa e aquela coisa era menos que um frango sentado na tina do sol (MORRISON, 1987, p.89-90).

subalternidade para a garantia da sobrevivência. O enredo confunde-se, muitas vezes, com o retrato da situação real que o negro viveu e ainda vive no Brasil.

Evaristo, ao falar da escrivência, escreve uma literatura engajada e que discute a memória coletiva dos negros. A partir disso, reitera-se que em *Ponciá Vicêncio* a autora faz uma denúncia da condição do negro mesmo após a abolição da escravidão, já que a obra baseia-se em vivências de afrodescendentes, de fatos que a escritora ouvia através de histórias contadas por sua família.

A narrativa apresenta o fluxo de memória da personagem protagonista Ponciá. O romance conta a história da vida no campo e a migração da protagonista para a metrópole em busca de melhores condições de vida no período pós-escravidão. A trama mostra a pobreza e a falta de perspectiva que as personagens negras descendentes de negros escravizados, a mudança do campo para as grandes cidades em busca de melhoria de vida. Dessa forma, é visível que, mesmo anos após a abolição da escravidão, o negro ainda enfrenta, além do preconceito racial, a marginalização, dentre outras dificuldades.

Após a abolição da escravidão no Brasil o negro teve que se adaptar às novas formas de trabalho que se foram definindo, ao longo da história, pelas formas hierárquicas e autoritárias que permaneceram após a escravidão. Carvalho destaca que:

Ao libertar-se, o negro permaneceu dentro desta uma sociedade que não tinha lugar para estas ideias de liberdade e igualdade. Ele não podia fugir para fora desta sociedade. Não havia, numa posição mais radical, a possibilidade de quilombos no sentido em que o norte-americano era um quilombo, no sentido em que os Estados Unidos eram um quilombo de dissidentes ingleses. A escravidão desapareceu, foi abolida, mas as características hierárquicas e autoritárias da sociedade permaneceram. (CARVALHO, 1998, p.79)

Isso significou que, mesmo “livre” da escravidão, o negro continuou acometido por intensa pobreza e preconceitos e não protegido por políticas que o integrassem a sociedade. Assim, visto muitas vezes como um ser que era considerado inferior intelectualmente, passa a ocupar oportunidades residuais com ocupações degradantes e mal remuneradas.

Em *Ponciá Vicêncio* (2003) são nítidas as formas de exclusão que o negro enfrenta mesmo após a abolição da escravidão no Brasil. A protagonista Ponciá narra, desde a infância, as dificuldades e as explorações sofridas pela família.

Em todos esses projetos, que se marcam pela Declaração da independência do país, em 1822, pela Abolição da escravatura, em 1888, e pela Revolução de 1930, a questão racial foi sempre escamoteada por mecanismos que disfarçam a discriminação das pessoas consideradas radicalmente diferentes do modelo consagrado pela sociedade. Perceber, portanto, nos processos de harmonização das diferenças, as estratégias da ocultação da violência praticada contra os negros, bem como os modos de sua inserção no modelo de nação privilegiado, faz parte do esforço de se repensarem as representações de negro e de negrura que continuam a circular em nossa sociedade, mais de cem anos depois de abolida, por lei, mas não de fato, a escravidão negra no Brasil. (CARVALHO, 1998, p.78)

Carvalho (1998) questiona as formas de representação do negro no Brasil, pois em decorrência de como o país lidou com a questão escravocrata, as imagens do negro e da negrura continuam a ser modeladas por diversos lugares-comuns. Isso ocorre porque o negro fora bestificado ou tratado como objeto de troca monetária. A partir disso, entende-se que o preconceito racial tem sua origem no processo que tornou a figura do negro como mercadoria.

Em *Ponciá Vicêncio* são nítidas a problemática das questões raciais e as formas de ocultação da violência praticada contra os negros, pois a falsa bondade do coronel Vicêncio ao ceder a liberdade de vários cativos com a condição de que eles continuassem a trabalhar nas suas terras, bem como a retomada que os filhos do coronel fizeram das propriedades oferecidas aos negros são evidência de como a abolição escamoteou o problema da falta de políticas públicas voltadas para a população negra.

Antes mesmo de nascer, o avô de Ponciá, chamado Vicêncio, personagem a quem a protagonista muito se assemelha, fora escravizado por um senhor que dera a ele e a todos da vila este sobrenome. Uma das formas de silenciamento consistia na herança do sobrenome, por meio do apagamento do nome de origem do africano. Apagar o nome de origens africanas consiste em uma violência. Essa analogia remete-se desde a época em que o africano, ao chegar à colônia, sofria um processo de “amnésia”, pois apanhava até esquecer-se de suas raízes, seu nome, seus costumes e familiares. Segundo o pesquisador Souza

O nome era uma forma de resguardar a propriedade escrava. Apagava-se o nome ancestral do africano, simbolizando o corte umbilical com o passado. E, o pior, rebaixava-o à categoria de “escravo”, “raça inferior”, “animal”, “semi-animal” e a outros tipos de grosserias. Isso representava a porta de entrada para o inferno psicológico dos negros, quando nossos ancestrais foram esvaziados da sua identidade pessoal e coletiva através da perda do nome, do lugar e do próprio corpo, tornando-se propriedade de outrem, de um senhor de escravos (SOUZA, 2006. p.66).

Os negros não tinham também direito à educação, nem a uma vida digna. A exemplo da citação acima, observa-se que Evaristo narra o episódio traumático e humilhante, o pai de Ponciá fora humilhado diversas vezes, pois além de servir de “cavalo” para a diversão do senhorzinho, fora ainda obrigado a engolir a urina do coronelzinho para satisfazer-lhe o desejo sádico. Isso pode ser visto no trecho abaixo

O pai de Ponciá sabia ler todas as letras do alfabeto. (...). Não conseguia, porém, formar as sílabas e muito menos as palavras. (...). Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. (...). Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas (EVARISTO, 2003, p. 14).

O fato de o coronelzinho exercer seu poder sobre o negro, desde a infância, e urinar dentro da boca do pai de Ponciá, já evidencia que o branco cresce com a naturalização da equivocada visão de superioridade e das violências que submetem aos negros. A obra romanesca mostra que o pai de Ponciá herdara a mesma miséria que Vô Vicêncio, pois fora obrigado a sofrer diversos maus-tratos apenas para satisfazer o filho do coronel.

A escravidão contribuiu para a naturalização dos maus tratos aos negros com atitudes que os desumanizam segundo os olhos da sociedade escravista como atesta a passagem.

Pajem do sinhô-moço, escravo do sinhô-moço, tudo do sinhô-moço, nada do sinhô-moço. Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco

tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço se certificou de que o negro aprendia, parou a brincadeira. (EVARISTO, 2003, p. 15)

A violência neste caso ocorre com a proibição ao aprendizado intelectual; pois, para o coronelzinho, os negros eram incapazes de aprender, por exemplo, a escrita. Ao perceber que o pai de Ponciá era capaz de reconhecer as letras, sinhô-moço resolve parar com o treinamento. Para ele, era inconcebível que um negro pudesse aprender a ler e isso representava um perigo para a manutenção do controle desta força de trabalho.

A família de Ponciá vivia do barro, pois confeccionavam diversos artefatos como panelas, tigelas e até mesmo objetos artísticos. Viviam em uma vila com outros negros em que a pobreza estava presente. Por conta disso, muitos acabavam indo para a capital em busca de melhoria de vida o que, claramente, mostrava-se ilusório. No entanto, a busca de melhorias revelava a insatisfação com a vida miserável, a vontade de mudar de vida e o não conformismo. Isso demonstra que o negro não assimilou de maneira comodista com sua situação de exploração.

Na trama romanesca, Ponciá é a primeira a resolver sair de casa para mudar sua situação e, ao chegar à cidade, passa por diversas dificuldades. Da mesma forma, seu irmão Luandi, que em seguida decidiu ir em busca de melhorias e também anseia o encontro com a irmã. Ao chegar à cidade, acaba conseguindo emprego na Polícia Militar. O irmão da protagonista, ao ver um policial negro, acredita que a profissão traria nobreza à sua pessoa, pois associava a questões como respeito. Inicialmente, como ele não sabia ler, consegue apenas serviço na área de limpeza. No entanto, o seu sonho era retornar à sua vila fardado de policial para mostrar a todos como ele havia ganhado reconhecimento e importância ao viver na cidade.

Assim como Ponciá, Luandi também é vítima de violências e preconceito racial. Dentro da trama apaixona-se por Bilica, moradora da periferia e prostituta. Esta personagem, ao se apaixonar por Luandi, resolve não cobrar mais as noites que passavam juntos. Porém, o cafetão para quem ela trabalha resolve pôr fim neste relacionamento, assassinando-a brutalmente e impedindo, assim, o matrimônio do casal. Evaristo, em sua obra, mais uma vez denuncia a presença constante da violência contra a mulher negra e periférica.

Da mesma forma que a irmã, Luandi apresenta um percurso cheio de perdas, pois, no decorrer da trama – em que se apresenta uma fusão entre presente e passado – e ainda busca reforçar valores que são propriamente dos brancos e que ele tenta se encaixar para ser socialmente aceito pela sociedade que é opressora aos negros. Isso é perceptível, pois ele tem o desejo de se tornar um soldado e ser reconhecido como alguém importante para a sociedade com o papel de repressor e não de reprimido.

Luandi também sofre diversas perdas, pois assim como a irmã, também sai do seu lugar de origem, perde o contato com os seus familiares e ainda sofre uma série de desencontros com eles, pois quando viaja para visitá-los, não encontra sua mãe ou não consegue achar Ponciá na cidade grande.

Luandi apresenta um conflito de identidade, pois em trechos da trama, demonstra a necessidade de assimilar o discurso do branco. Porém, dentro da narrativa, ao retornar à sua cidade natal, enxerga que lá a sua farda nada representa. Nêngua Kainda o alerta que aquela farda não o representava. Com isso, a narrativa romanesca de Evaristo sugere que os valores impostos pelos brancos apresentava pouco significado para sua comunidade negra. Portanto, Luandi logo se dá conta de como o negro é vítima da exclusão social na sociedade. Isso pode ser evidenciado no trecho abaixo:

Assim como antes acreditava que ser soldado era a única e melhor maneira de ser, tinha agora feito uma nova descoberta. Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobria também que não bastava saber ler e assinar nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que, por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser (EVARISTO, 2003, p. 131).

A obra romanesca de Evaristo traz engajamento com a causa social do negro, principalmente, em relação ao seu isolamento social. Tal situação de invisibilidade e preconceito é destacado na trama em páginas de jornais sensacionalistas como por exemplo: “Menino morre afogado na fossa”; “Pedreiro mata a mulher com quinze

facadas”; “Mulher de deputado presa por atentado ao pudor”; “Desvio de verba na prefeitura” (EVARISTO, 2003, p.90-91). Tais notícias confundem-se com as da atualidade, pois, apesar das poucas melhorias, ainda não foram realizadas as mudanças efetivas no Brasil em relação à marginalização do negro, principalmente, da mulher negra. Essas são situações cotidianas de exclusão e violência que afetam os negros.

O descaso social contra a população mais pobre e, predominantemente, afrodescendente, desperta em Ponciá uma atitude de revolta, ocasionando a queima dos jornais com a questão da leitura, pois ela, desacreditada, não vê esperanças de ascensão por meio da sua habilidade com as palavras.

Torna-se evidente, através da análise das violências sofridas pelo negro na obra de Evaristo que *Ponciá Vicêncio* (2003) é uma espécie de denúncia com um texto repleto de metáforas sobre a exclusão, violência e preconceito que os negros são submetidos. Com isso, percebe-se que os reflexos da escravidão ainda não foram superados na sociedade brasileira. No entanto, as personagens são representadas conforme a realidade e experiências vivenciadas no dia a dia de homens e mulheres negras.

A vida escrava continua até os dias de hoje. Sim ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos de inventar outra e nova vida (EVARISTO, 2003, p. 83-84).

A obra de Evaristo simboliza o passado presente, pois a marca que a escravidão deixou na população negra, mais intensamente na mulher negra, ainda hoje é atingida pelos efeitos traumáticos desse período. A vinda para a cidade grande trouxe pouca ou quase nenhuma ascensão para Ponciá e seus familiares; pois, ao contrário, apenas reforçou como os afrodescendentes são socialmente excluídos. A partir disso, a frase “A senzala de ontem é a favela de hoje” é uma referência explícita a denuncia social do racismo e exclusão social na sociedade brasileira advindos do período da escravidão contra o negro no Brasil.

3.2 A Violência de gênero: controles sociais dos corpos de mulheres negras em *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*

Neste tópico é discutida a questão da violência de gênero nas obras *Beloved* e *Ponciá Vicêncio* e como ela se constitui uma forma de controle dos corpos de mulheres negras. Nestas obras romanescas, as protagonistas Sethe e Ponciá são vítimas de um sistema que as inferioriza.

Em uma sociedade patriarcal, o homem sempre acreditou em sua suposta superioridade e, conseqüentemente, na inferioridade das mulheres. A partir disso, como forma de demonstração de poder, o homem passa a tratar mulheres de forma violenta. Segundo a pesquisadora Tânia Mara Campos de Almeida a violência de gênero:

[...] não se refere a atitudes de fazer sofrer ou aniquilar o outro que seja alguém considerado igual ou que é visto nas mesmas condições de existência e valor que o/s seu/s perpetrador/es. A centralidade das ações violentas (físicas, sexuais, psicológicas, patrimoniais ou morais) incide sobre a alteridade do feminino na esfera doméstico familiar, na esfera pública e na esfera dos conflitos internacionais. (ALMEIDA, 2014, p.329)

O homem que pratica violência, seja ela física ou psicológica, contra a mulher, sente-se superior a ela. Além do gênero, existe o fator étnico-racial, pois se sabe que a mulher negra é alvo constante de agressões e tem seu corpo tido como instrumento de prazer, abusos e trabalho escravo. Mulheres negras eram, portanto, duplamente vitimadas por seu gênero e sua raça durante a escravidão.

No sistema escravocrata, a mulher afrodescendente era alvo das mais perversas ações de crueldade, sendo tratada de forma aviltante. Além de propriedade e ferramenta de trabalho exaustivo, era obrigada a servir aos prazeres sexuais de homens brancos e outras formas humilhantes.

A feminista norte-americana Bell Hooks discute as questões raciais dando ênfase a figura feminina negra. A autora explica que o feminismo ainda não abrange todas as reivindicações no que tange à raça e classe social e destaca que a história rotula a mulher negra, atrelando a sua existência a aspectos eróticos, reservando a elas o papel da perfeita encarnação da luxúria. Em seus estudos, aponta também que eram impostos às mulheres negras diversos papéis de subalternidade e que

lhes eram atribuídos ainda estereótipos que serviam para legitimar o sistema de dominação patriarcal. Com isso, ela afirma:

Essas representações incutiram na cabeça de todos que as negras eram só corpo, sem mente. A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas. Vistos como “símbolo sexual”, os corpos femininos negros são postos numa categoria, em termos culturais, tida como bastante distante da vida mental. Dentro das hierarquias de sexo/raça/classe dos Estados Unidos, as negras sempre estiveram no nível mais baixo. O status inferior nessa cultura é reservado aos julgados incapazes de mobilidade social, por serem vistos, em termos sexistas, racistas e classistas, como deficientes, incompetentes e inferiores. (HOOKS, 1995, p. 469)

Considerando a assertiva de Bell Hooks, a mulher negra era duplamente violentada e há muito seu corpo fora objetificado. Além disso, inferiorizadas pela sociedade, não eram consideradas indivíduos dotados de inteligência. Esse discurso se baseia em uma lógica racista e esta inferiorização fora utilizada para justificar as agressões à mulher negra que, muitas vezes, é violentada por meio de castigos físicos, trabalho escravo e, em muitos casos, abusada sexualmente.

O mesmo pode ser visto no Brasil, pois a mulher negra brasileira também sofre com a objetificação de seu corpo, assim como também está inserida nos cargos mais baixos da sociedade. Isso é possível ser reconhecido nas obras *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*, pois as protagonistas sofrem manifestações evidentes de violência de gênero. Sethe, em *Beloved*, é escravizada e sofre agressões físicas e sexuais; da mesma forma, Ponciá, em *Ponciá Vicêncio*, está representada na trama como doméstica e sofre constantes agressões do marido.

Hooks chama a atenção para o fato de que as reivindicações efetuadas por grupos específicos de mulheres, como as negras, só terão êxito com uma mudança de comportamento. A partir disso, Hooks escreve a partir de uma visão que reflete as experiências próprias de sua vida, assim como outras escritoras negras, como Evaristo e Morrison, com a ideia de escrevivência.

Em *Recusando-se a ser uma vítima: obrigação e responsabilidade* (2008), Hooks aponta como as mulheres negras de sua comunidade enfrentavam dificuldades e opressões sem se renderem a uma atitude de vitimização, que ocasionava, em seu entender, a um “desempoderamento e imobilidade”. Assim,

Hooks relata que “(...) eu vivia em um mundo em que as mulheres ganhavam força no compartilhamento de saber e recursos, e não porque se juntavam na base de serem vítimas”. (HOOKS, 1995, p.58)

Hooks argumenta que a experiência vivida em comunidade ou individualmente seja valorizada, pois segundo ela, todas as experiências devem ter voz e apenas dessa forma as lutas oriundas de grupos oprimidos ou explorados serão ouvidas. Além disso, acredita na experiência das mulheres negras como força motriz para transformar as relações de opressão sexista e racista.

A mulher negra ainda se encontra em uma posição de subalternidade e, por conta disso, está mais suscetível a sofrer violências raciais e de gênero. Mesmo em sociedades que se julgam civilizadas, as mulheres negras ainda sofrem preconceito por sua cor e por serem mulheres. Segundo Kimberle Crenshaw (2004), a violência racial se junta à violência de gênero, se articulando de maneira tal que não é possível dissociar uma da outra, o que coloca essas mulheres em situações específicas de violência.

No sistema escravagista a violência não se limitava ao monopólio da força do senhor de escravos. Embora ele fosse fundamental para a perpetuação da escravidão, não era a única arma de coação. Conforme Machado, “à luz dessas reflexões, considera-se a sociedade escravista como produtora de uma ampla rede de controle social, capaz de combinar o argumento da força com outros mecanismos de dominação” (MACHADO, 1987, p. 17).

A heroína de Morrison, em *Beloved* (1987), por exemplo, narra os tratamentos desumanos a qual fora submetida na condição de escrava e mulher negra nos Estados Unidos. A protagonista Sethe relembra um de seus mais profundos traumas, o estupro e o roubo do seu leite materno. Dentro da trama, Sethe é “ordenhada”, ou seja, imobilizada contra sua vontade e, em seguida, tem os seios sugados e apalpados pelos sobrinhos de Shoolteacher. Isso se configura em abuso sexual e tal agressão representa a forma como o branco objetifica e animaliza o corpo de negros e negras.

Durante a escravidão, a violência sexual contra a mulher negra era o instrumento que assegurava a dominação masculina e o estupro era um dos mecanismos de controle dos corpos de mulheres. Essa violência acomete,

principalmente, as mulheres negras, pois fazem parte do grupo fisicamente mais desrespeitado.

As mulheres brancas, também se tornam vítimas do controle masculino. Em muitos casos, a exploração sexual das mulheres negras era usada para humilhar e degradar esposas brancas.

Além disso, o estupro se configura também em uma forma simbólica de castração de homens negros, a medida em que isso representa a perda do poder e do status nas relações escravagistas (HOOKS, 1991, p.58). Isso está presente na trama de *Beloved* no momento em que Hale, esposo de Sethe, presencia o abuso sexual sofrido pela esposa e nada consegue fazer para ajudá-la. Após isso, dentro da trama, Hale enlouquece e não consegue fugir com Sethe. O trecho abaixo narra as violências sofridas pela protagonista.

After I left you, those boys came in there and took my milk. That's what they came in there for. Held me down and took it. I told Mrs. Garner on em. She had that lump and couldn't speak but her eyes rolled out tears. Them boys found out I told on em. Schoolteacher made one open up my back, and when it closed it made a tree. It grows there still." "They used cowhide on you?" "And they took my milk." "They beat you and you was pregnant?" "And they took my milk!" (MORRISON, p.32-33)⁵

Após explicar para Paul D como ocorreram as agressões físicas e sexuais, Sethe narra que o que mais a feriu psicologicamente, como pôde ser confirmado no trecho acima, foi o roubo do leite de seus seios, já que era o alimento destinado a suas crianças. A partir disso, Giacomini afirma a respeito da dominação masculina de homens brancos sobre as mulheres negras:

A mulher negra é percebida na ótica do senhor da casa grande, o homem branco e simboliza o desejo, o prazer, disposição do senhor de pertences, do senhor dos corpos, do senhor da pele da mulher negra. O lugar dessa mulher é uma casa que não existe, sua função reduzida a de um bem, seu ser, responsável pelos ataques sexuais dos quais era submetida. Sinaliza uma dominação masculina carregada de especificidade, na medida em que acrescenta ao de gênero o de uma raça que existe para servir (GIACOMINI, 1988, p. 60)

⁵ Me seguraram no chão e tiraram meu leite. Conteí tudo para a senhora Garner. Aquele caroço não a deixava falar, mas as lágrimas escorreram por seu rosto. Os garotos descobriram que eu os denunciei. O professor fez um deles abrir minhas costas e, quando a pele cicatrizou, tomou a forma de uma árvore. Ela continua aqui. "usaram o açoite em você?" "E tiraram meu leite." "Surraram você grávida?" "E tiraram meu leite" (MORRISON, 1987, p. 27). [N.T.]

A mulher negra, portanto, é vista pela ótica do homem branco como um ser animalesco e o corpo dessas mulheres afrodescendentes é considerado instrumento de prazer. A partir disso, os abusos sexuais sofridos pelas mulheres negras na trama são entendidos como forma de dominação masculina e que ocorre sob a justificativa de uma falsa superioridade do homem em relação à mulher.

Sethe, além do trauma do roubo do seu leite materno, também recebe chicotadas durante a gestação da filha Denver. Tal castigo ocasiona, posteriormente, a presença de uma enorme cicatriz em suas costas no formato de uma árvore.

"What tree on your back?" "Huh." Sethe put a bowl on the table and reached under it for flour. "What tree on your back? Is something growing on your back? I don't see nothing growing on your back." "It's there all the same." "Who told you that?" "Whitegirl. That's what she called it. I've never seen it and never will. But that's what she said it looked like. A chokecherry tree. Trunk, branches, and even leaves. Tiny little chokecherry leaves. But that was eighteen years ago. Could have cherries too now for all I know." Sethe took a little spit from the tip of her tongue with her forefinger. (MORRISON, p.30-31)⁶

Morrison utiliza-se da metáfora da árvore para simbolizar a cicatriz nas costas de Sethe. A árvore, com isso, fora escolhida como símbolo por apresentar galhos, que na concepção da protagonista, assemelham-se às cicatrizes espalhadas em suas costas, com ramificações, textura e marcas de muita dor.

Segundo o relato de Sethe apresentado acima, Denver, a mocinha branca que a ajuda a protagonista durante a travessia do rio, vê a ferida desta como uma grande árvore, similar a de uma cerejeira. Isso se explica pelo fato das chicotadas assemelharem-se a proporção de galhos e folhas rosadas que, na verdade, são representadas pelo sangue e a pele em carne viva, marcas de forte sofrimento, ainda que tenham ocorrido há mais de 18 anos, segundo o relato.

⁶ "Que árvore é essa em suas costas?" "Nada". Sethe colocou uma tigela e a farinha sobre a mesa. "Que árvore é essa? Tem alguma coisa crescendo em suas costas? Não vejo nada aí." "Está aqui, mesmo assim". "Quem lhe contou isso?" "A mocinha branca. Foi assim que ela me chamou. Nunca a vi e nunca a verei. Mas ela me disse que parecia uma árvore. Uma cerejeira silvestre. Troncos, galhos, até mesmo folhas. Pequeninas folhas de cerejeira. Mas isso foi há 18 anos. Pelo que sei, poderia haver frutos agora." (MORRISON, 1987, p.26). [N.T.]

Assim, à proporção que a árvore representa e o seu “crescimento”, sugere ao leitor que este símbolo pode ser entendido como resquícios de um trauma que deixou marcas profundas na alma de Sethe, pois de acordo com a fala da protagonista, a árvore poderia ter frutos. A respeito dessa cicatriz, tem-se a passagem:

Not a tree, as she said. Maybe shaped like one, but nothing like any tree he knew because trees were inviting; things you could trust and be near; talk to if you wanted to as he frequently did since way back when he took the midday meal in the fields of Sweet Home. Always in the same place if he could, and choosing the place had been hard because Sweet Home had more pretty trees than any farm around. (MORRISON, 1987, p.40)⁷

Sethe reflete que a árvore em suas costas não era como as outras árvores, pois para ela, estas eram “convidativas”, ou seja, transmitem sentimentos de “confiança e vontade de estar perto”. As árvores, além destas características, representam outros simbolismos como paz, tranquilidade, leveza e beleza, como confirma o entendimento da protagonista. No entanto, a sua árvore era diferente, pois em lugar de todas essas cargas semânticas mencionadas, a sua árvore simbolizava a marca de violências físicas e sexuais, memórias de um passado marcado pela dor e a impossibilidade do esquecimento, já que as cicatrizes não a deixavam esquecer. A antropóloga Ana Lúcia Valente pontua que

Os açoites, os grilhões, a violência sexual e a atribuição de qualidades negativas aos negros faziam parte de um conjunto de instrumentos e técnicas de tortura e castigo para domar e subjugar os escravos. E, mais do que a subjugação física, o castigo era importante para fazer o escravo introjetar uma idéia negativa de si mesmo (VALENTE, 1994, p. 25)

Assim, compreende-se que o homem branco utilizava-se de força física para punir os negros como forma de torturas e castigos, tendo em vista a subjugação desses sujeitos e, introjetando-lhes a falsa ideia de inferioridade humana. Com isso, as condições de inferiorização dos negros em termos

⁷ Jamais uma árvore, como Sethe dissera. Talvez com o formato de uma, mas muito diferente das que conhecia, porque as árvores eram convidativas, seres nos quais se podia confiar e ficar perto, com quem era possível conversar, como frequentemente fizera muito tempo antes, durante os almoços nos campos de Sweet Home. Sempre no mesmo lugar, lugar cuja escolha fora difícil, pois lá havia árvores mais lindas do que em qualquer outra fazenda. Chamou sua árvore de Irmão (MORRISON, 1987, p. 32). [N.T.]

sociais, econômicos e políticos gerados pela tradição do Brasil escravocrata refletem as mazelas desse regime. A “pedagogia” utilizada para o controle de mulheres e homens negros procurava subjugar-los de forma física e mental.

Após as agressões físicas e sexuais, a personagem principal foge de Sweet Home, propriedade em que sofria maus-tratos, para Cincinatti, onde encontra a casa de sua sogra Baby Suggs, negra liberta com o esforço do filho Halle, marido de Sethe. Lá, ela experimenta a vida em liberdade e a convivência com seus filhos, coisas que jamais vivenciaria caso ainda estivesse escravizada.

As cativas não tinham, muitas vezes, o direito de conviver com seus filhos, o que se configura em mais uma forma de agressão contra essas mulheres. A convivência com a prole ocorria apenas no período da lactação e após alguns anos de desenvolvimento. Após isso, os filhos dessas mulheres eram vendidos ou inseridos nas atividades domésticas, o que, posteriormente, lhes prepararia para o trabalho pesado.

Negar a convivência com os filhos das mulheres afrodescendentes em situação de escravidão era mais uma forma de controle sobre seus corpos e de outros negros, tendo em vista que a desagregação familiar era comumente uma forma de violência praticada pelos senhores.

Diferente de Sethe, que teve todos os filhos por meio de laços afetivos com o marido Halle; sua sogra, Baby Suggs, teve sete filhos, cada um com um pai diferente. Para que ela conseguisse proteger aqueles que nasciam de relações amorosas, ela submetia-se aos desejos de um capataz.

(...) To make up for coupling with a straw boss for four months in exchange for keeping her third child, a boy, with her only to have him traded for lumber in the spring of the next year and to find herself pregnant by the man who promised not to and did. That child she could not love and the rest she would not. (MORRISON, 1987, p.45)⁸

Durante a escravidão era habitual que capatazes ou senhores abusassem sexualmente das mulheres negras. Além dessa violência, as chantagens eram mais uma forma de controle dos corpos dessas mulheres. Segundo Slenes (1997, p.225) em alguns casos de relações sexuais de senhores com escravas,

8 (...) O fato de ter dormido com um capataz por quatro meses em troca da permissão para ficar com o terceiro filho – só para vê-lo ser trocado por madeira na primavera do ano seguinte e se descobrir grávida do homem que lhe fizera a promessa não cumprida. Ela não podia amar aquela criança, e o resto ela não podia (MORRISON, 1987, p.35). [N.T.]

eles tinham “a sua disposição outras represálias contra escravas ‘desobedientes’, desde os conhecidos castigos físicos à retração de favores”.

Assim, em troca de favores sexuais e de outras naturezas, homens mantinham relações de poder sobre essas mulheres fragilizadas por suas condições de escravidão, bem como pelo fato de serem negras e mulheres. Percebe-se com isso como as relações raciais e de gênero foram fatores que demonstram como as mulheres negras foram o principal alvo de violências durante o período escravagista. Isso é bastante explícito na obra de Morrison.

Baby Suggs, na obra em análise, optou por “amar pouco” como estratégia ao sofrimento. No trecho abaixo, se observa que o desprezo por seu agressor a fez rejeitar o filho que era fruto de um abuso sexual.

It made sense for a lot of reasons because in all of Baby's life, as well as Sethe's own, men and women were moved around like checkers. Anybody Baby Suggs knew, let alone loved, who hadn't run off or been hanged, got rented out, loaned out, bought up, brought back, stored up, mortgaged, won, stolen or seized. So Baby's eight children had six fathers. What she called the nastiness of life was the shock she received upon learning that nobody stopped playing checkers just because the pieces included her children. (MORRISON, 1987, p.44)⁹

Como a personagem em questão sabia que não conseguiria conviver com suas crianças, já que as famílias eram fragmentadas, não havia tempo para o apego emocional ou o mesmo, quase sempre era suprimido, pois, geralmente, os entes queridos eram afastados através da venda ou troca.

A desagregação familiar do negro era bastante presente durante a escravidão. Os negros eram tratados como mercadoria, constantemente, e movidos de um local a outro como moeda de troca. Isso ocorria porque os senhores de escravos não tinham o menor interesse em mantê-los unidos.

A desestruturação da família era, portanto, uma forma de controle, ou seja, uma maneira de mostrar as relações de poder sobre o outro. Assim, quando arrancavam os filhos de mulheres negras, nota-se mais uma das formas

9 Durante toda a vida de Baby, como na sua própria, homens e mulheres eram removidos de um lado para o outro como peças num jogo de damas. Todos os homens que Baby Suggs conheceu ou amara, exceto os que haviam fugido ou sido enforcados tinham sido alugados, empregados, comprados ou recomprados, hipotecados, presenteados, roubados ou capturados. Assim, os filhos de Baby eram de seis pais diferentes. O que ela chamava de ruindade da vida era o choque de constatar que ninguém parava de jogar damas só porque as peças incluíam seus filhos (MORRISON, 1987, p.34-35). [N.T.]

de cruel violência de gênero sofridas por essas mães no período escravocrata. Negavam-lhes seus nomes, sua maternidade, suas escolhas e uma vida digna.

Na trama, Sethe foge para conviver com os filhos em liberdade e, diferente de outras personagens negras do romance, como a sogra Baby Suggs, tem a oportunidade de desenvolver mais intensamente a convivência e o apego emocional pelos filhos o que, posteriormente, a leva à recusa de ver sua cria ter o mesmo destino de escravidão que o dela, ou até mesmo, não aceita a possibilidade de serem separados, como habitualmente ocorria com outros negros e seus entes queridos.

Em *Ponciá Vicêncio*, as violências contra a mulher não ocorrem exatamente como em *Beloved*, pois o contexto da protagonista é o período de pós-escravidão no Brasil. Porém, existem semelhanças relevantes entre as obras romanescas no que diz respeito à violência racial.

Ponciá não fora escravizada como a protagonista Sethe, já que nascera após a abolição da escravidão no Brasil. Porém, sofre uma série de violências decorrentes de gênero e de raça, além de ser descendente direta de negros escravizados, pois seus avós eram cativos na vila dos Vicêncio. A situação de miséria em que Ponciá e seus familiares se encontram na trama, representa o fato da abolição pouco ter modificado a situação dos negros no Brasil.

Carneiro (2011) afirma existir na América, em decorrência da colonização, uma condição histórica que determina: “a relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular” o que contribuiu para consolidar a imagem hipersexualizada da mulher. Dessa forma, os mecanismos de opressão funcionam de acordo com uma dinâmica que articula o racismo e o sexismo.

É necessário ressaltar que mulheres negras são vitimadas não apenas por homens brancos, mas também negros que, apesar de serem também flagelados pelo racismo, podem também assumir o papel de opressor, e isso é ilustrado na trama de *Ponciá Vicêncio*, pois seu marido, também negro e em situação de miséria, a agride constantemente.

Ponciá representa como a mulher negra ganhou um novo olhar a partir da construção feita por Evaristo. A personagem não é meramente um estereótipo como outrora alguns autores canônicos representavam a mulher negra. Assim, percebe-se que esta obra revela a busca do negro pela afirmação da sua identidade e faz uma denúncia das condições do negro no contexto brasileiro.

A protagonista Ponciá, desde criança, busca incessantemente pela própria identidade. No início da trama, ressalta-se a personalidade da protagonista que está sempre questionando o próprio nome. Inicialmente, não se reconhece por meio do sobrenome que fora imposto a ela e a sua família.

Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quieti, nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha, então, vontade de choros e risos (EVARISTO, 2003, p.19).

Ponciá toma consciência de que esse nome não a representa e, a partir disso se observa que, durante toda a trama, existe um conflito de identidade. Ponciá não se reconhece por este sobrenome, que é marcado pelo símbolo de opressão da família Vicêncio bem como de resquícios da escravidão. Esta passagem da obra sugere ainda que a personagem deseja buscar suas origens reais, pois os nomes que escolhe para si são de matizes africanas. O fato da personagem principal não conseguir definir nomes que se adequassem a ela mostra o sujeito deslocado, de identidade fragmentada.

A marca do sobrenome da família Vicêncio substitui a tradicional tatuagem com o nome do proprietário do corpo escravizado. O sobrenome Vicêncio se configura em uma violência sutil, porém tão profunda quanto as violências físicas, tendo em vista a tentativa de anulação da identidade do sujeito negro.

Quando criança, Ponciá já se comportava como uma pessoa diferente. Era reflexiva e temia tornar-se um homem. A personagem brincava ao passar por baixo de um arco-íris, pois segundo as crenças populares brasileiras, quem passasse por ele poderia mudar de sexo.

Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tivera durante toda a sua infância. Diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino (...). Sabia que a mãe estava esperando por ela. Juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô. Depois se apalpava toda. Lá estavam os seios, que começavam a crescer. Lá estava o púbis bem plano, sem

nenhuma saliência a não ser os pêlos. Ponciá sentia um alívio imenso. Continuava menina. Passara rápido, de um só pulo. Consequira enganar o arco e não virara menino. Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina (EVARISTO, 2003, p. 09).

O trecho traz indícios que, de acordo com a protagonista, o arco-íris simbolizava este entre-lugar do medo da metamorfose mítica. Passar por debaixo do arco-íris causa-lhe medo, ao mesmo tempo, torna-se um desafio, que lhe punha à prova a afirmação de sua identidade feminina.

Evaristo sugere com trecho “Naquela época Ponciá gostava de ser menina” a interpretação de que a protagonista, em determinado momento de sua vida, passou a não gostar mais de ser uma mulher. Isso porque é possível que, após chegar à vida adulta, ela percebesse que ser mulher implicava sérios sofrimentos.

Na obra romanesca de Evaristo, a construção da identidade de Ponciá tem forte relação com a de seu avô Vicêncio, pois se observa as diversas semelhanças entre eles. Ponciá representa o desejo do negro pela busca de sua ancestralidade. Apesar de Vô Vicêncio ter morrido quando ela era ainda apenas um bebê, Ponciá andava com o braço para trás, como ele. Mesmo sem conhecê-lo na fase adulta, a protagonista molda um boneco de barro muito com as feições de seu ancestral. Dentro da narrativa, a personagem Nêngua Kainda afirma que a menina carrega consigo a herança de seu avô.

Ponciá, antes de chegar à cidade, vivia em uma vila com sua família e era artesã, pois fazia esculturas e demais artefatos de barro. A protagonista tinha o anseio de melhorar sua condição de vida e, após a morte do pai, resolve ir para a capital onde, logo de início, passa por diversas dificuldades.

O inspirado coração de Ponciá ditava futuros sucessos para a vida da moça. A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem que durou três dias e três noites. Apesar do desconforto, da fome, da broa de fubá que acabara ainda no primeiro dia, do café ralo guardado na garrafinha, dos pedaços de rapadura que apenas lambia, sem ao menos chupar, para que eles durassem até ao final do trajeto, ela trazia a esperança como bilhete de passagem. Haveria, sim, de traçar o seu destino (EVARISTO, 2003, p. 35).

O narrador conta como Ponciá enfrenta diversos percalços até conseguir um emprego. A protagonista passa fome e viaja longas horas em um trem.

Quando chega à cidade grande em busca de melhorias, pede esmolas na porta de uma igreja, mas passa como pessoa invisível, uma mulher negra sem teto e desempregada.

Ponciá chega à cidade e dorme na porta da igreja, ao relento, e lá permanece até conseguir arrumar trabalho. A trama é permeada por representações da realidade miserável em que o negro é submetido na sociedade brasileira. A invisibilidade de mulheres e homens negros na sociedade constitui-se mais uma forma de violência e preconceito racial.

Há, evidentemente, uma crítica recorrente na obra de Evaristo a respeito da marginalização do sujeito negro no Brasil. Não foram desenvolvidos projetos sociais que os integrassem na sociedade com condições dignas de sobrevivência.

Os estudos feitos por historiadores a respeito da condição da mulher negra apontam o quanto a ela fora animalizada ou objetificada, tratada como instrumento de trabalho ou fonte de prazer sexual.

Em Ponciá Vicêncio (2003), a protagonista sente saudade do lugar em que nasceu, lugar onde migrara com o propósito de fugir das “amarras” da escravidão, pois não queria “ficar ali repetindo a história dos seus” (EVARISTO, 2003, p. 39). Aos poucos, ela aprendeu as tarefas domésticas trabalhando em casas de pessoas ricas. Isso exemplifica a habitual posição de subalternidade que o negro ocupou e, em muitos casos, ainda ocupa na sociedade brasileira.

A escravidão acabou, mas a presença de suas heranças no bojo das relações burguesas e capitalistas que têm as classes dominantes, de todos os períodos históricos, de incorporar, até onde for possível aos privilégios que lhes são próprios os privilégios de grupos dominantes anteriores. (GIACOMINI, 1988, p. 89)

A historiadora Sonia Giacomini pontua que mesmo após o término da escravidão os afrodescendentes ainda trabalham para os brancos em serviços domésticos ou braçais não muito distintos do trabalho escravo.

Ponciá passa a viver na cidade e trabalhar como empregada doméstica. Após isso, envolve-se em uma relação amorosa com um rapaz que na trama não recebe nome. São poucas as boas lembranças que Ponciá recorda a respeito desse relacionamento, pois a felicidade se deu apenas no início.

Posteriormente, Ponciá tem uma vida conjugal e muda-se para um barraco com o marido. O romance narra diversos episódios de humilhações ocasionadas por seu cônjuge, que a inferioriza. Essa representação é um reflexo da realidade de diversas mulheres negras no Brasil.

Ponciá Vicêncio interrompeu os pensamentos lembranças, levantou-se endireitando as costas que ardiam pelo soco recebido do homem e foi vagorosamente arrumar a comida. Olhou para ele, que se havia assentado na cama imunda, e se sentiu mais ainda desgostosa da vida. (...). O grito do homem reclamando da lerdeza de Ponciá fez com que, mais uma vez, ela interrompesse as lembranças. Irritou-se, mas não disse nada. Engoliu a raiva em seco junto com o silêncio (EVARISTO, 2003, p. 21).

Ponciá é incompreendida pelo marido, pois cada vez mais se isola em um mundo de sofrimento e saudades dos seus. A personagem em análise é vítima de violência doméstica e também da violência institucional perpetrada pela sociedade e agentes do Estado. Reclusa em uma favela, a protagonista apanha frequentemente do esposo, que a despreza.

Um dia ele chegou cansado, a garganta ardendo por um gole de pinga e sem um centavo para realizar tão pouco desejo. Quando viu Ponciá parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou fazê-la doer também e começou a agredi-la. Batia-lhe, chutava-a, puxava-lhe os cabelos. Ela não tinha um gesto de defesa. Quando o homem viu o sangue a escorrer-lhe pela boca e pelas narinas, pensou em matá-la, mas caiu em si assustado (EVARISTO, 2003, p.96).

A denúncia da violência doméstica na trama de Ponciá mostra as violências sofridas por diversas mulheres negras e periféricas. Evaristo apresenta uma narrativa que ficcionaliza a realidade experienciada por mulheres moradoras de subúrbios das grandes cidades.

Em relação ao tópico da violência, as mulheres negras realçaram uma outra dimensão do problema. Tem-se reiterado que, para além da problemática da violência doméstica e sexual que atingem as mulheres de todos os grupos raciais e classes sociais, há uma forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a autoestima. (CARNEIRO, 2003, p. 122).

Carneiro aponta que existem violências explícitas contra a mulher negra como a doméstica e a sexual e que, além delas, existe uma violência invisível que contrai saldos negativos para a subjetividade negra e que demarcam a hegemonia branca no imaginário social e nas relações concretas.

O marido de Ponciá era o reflexo de uma sociedade patriarcal, pois mesmo que fosse negro e também uma vítima do sistema em que eles estavam inseridos, conseguiu tornar-se também um opressor e descontava todas as humilhações e privações sofridas em sua esposa. Ser uma mulher negra em uma sociedade racista e patriarcal, portanto, torna-a mais suscetível a violências tanto de gênero como raciais, pois pode não estar segura nem ao lado dos seus.

Evaristo conta a história de uma mulher negra e pobre que apanha do esposo como muitas mulheres brasileiras e que, submetidas a esse tipo de tratamento, muitas vezes, já preferem não mais ter filhos, pois percebem que a realidade da favela, o abandono e a falta de apoio dos homens, salários insuficientes para a sobrevivência e as poucas oportunidades que apresentam aos negros são fatores cruciais e que as impedem de enxergar melhores condições de vida. Algumas dessas mulheres são vitimadas por uma depressão e perdem a vontade de viver.

Ponciá é uma personagem que apresenta uma vida marcada pelo sofrimento, tais quais seus ancestrais. Desde que se inicia sua trajetória, sofre uma série de perdas, como, por exemplo, o lugar de origem, o contato com seus familiares, os diversos desencontros com eles e ainda os filhos que morrem em seu ventre de aborto espontâneo.

Na cidade arruma emprego de “doméstica”, vivendo em um barracão na favela em péssimas condições de vida. Ao sair de sua terra natal, ao invés de melhorar sua qualidade de vida, ela retrocede ou fica estagnada. A sua trajetória na cidade é de retrocesso. (EVARISTO, 2003, p. 21).

Ponciá isola-se num mundo somente dela, em um “não lugar” da ruína e da baixa autoestima em que delira em lembranças reconfortadas pela saudade que sentia da família, pela cidade natal e por manipular o barro que, metaforicamente, representa o mito da criação do ser humano como está escrito na bíblia. O barro provia o sustento da sua casa, pois a protagonista e seus

parentes viviam de vender as peças de barro que artisticamente manuseavam. Além disso, o barro representa a arte e a identidade de Ponciá; pois, por meio disso, ela relembra a memória e o ciclo da sua vida.

As perdas de Ponciá eram inúmeras: a morte do avô, do pai, o desaparecimento de sua mãe e irmão, os setes filhos mortos ainda no ventre, o amor pelo marido, a vida e os sonhos. Tais agruras representam a vida de diversas mulheres negras e como elas buscam a reconstrução de suas vidas.

Ponciá, através da arte de moldar o barro, encontra-se como mulher e ser humano. A herança do avô Vicêncio, evidentemente, consistia na tristeza e decepção de ver os seus em uma vida incansável de sofrimentos.

Nota-se, através da discussão deste tópico, que as personagens Sethe, em *Beloved*; e Ponciá, em *Ponciá Vicêncio*, sofrem manifestações de violências motivadas pela raça e gênero. As protagonistas vivenciam, dentro das narrativas romanescas, como essas violências raciais e de gênero refletem sociedades racistas que duplamente agredem mulheres negras.

4 A RESISTÊNCIA NEGRA CONTRA A ESCRAVIDÃO EM *BELOVED* E *PONCIÁ VICÊNCIO*

4.1 Conceitos de resistência negra: manifestações contra a escravidão

Neste capítulo será analisado, inicialmente, o conceito de resistência negra, como ocorreram as manifestações de cativos contra o sistema da escravidão ao longo da história e como elas estão representadas nas obras *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*.

Estes romances apresentam denúncias sociais, características que vão de encontro com o conceito de uma literatura afrodescendente. Além disso, suscitam reflexões acerca da luta do negro por sua liberdade, das violências sofridas durante e após o período da escravidão e como essas violências desencadearam as reações dos cativos através de processos igualmente violentos. As personagens negras em *Ponciá Vicêncio* e *Beloved* criaram estratégias subversivas que demonstravam a não conformidade com a dominação e os maus tratos da escravidão. Os aspectos, anteriormente elucidados, aproximam as obras, apesar de apresentarem contextos sócio-históricos distintos e diferentes países de projeção.

Resistir, no contexto deste trabalho, significa ir contra o que está imposto, ou seja, no sentido que implica a luta com os recursos que lhes são dispostos. Moreira sintetiza o conceito de resistência segundo a concepção dos estudos sobre a escravidão.

Resistir significava a utilização estratégica das normas sociais, a valorização de microscópicos e altamente significativos gestos e comportamentos, que não só tornavam a estúpida realidade do cativo suportável, como contribuíram decisivamente para a corrosão desse sistema. (MOREIRA, 2006, p. 230)

Segundo Moreira o sentido de resistência foi incorporado ao dia a dia da instituição escravista, nas estratégias e espaços de autonomia conquistados pelos escravos. Assim, por menores que fossem as reações dos negros, elas geravam uma reação. Tais estratégias visavam diminuir os sofrimentos do cativo.

O negro nunca aceitou a sua escravidão, ele apenas fora obrigado, através de severas punições, a adequar-se a ela. Existiu dentro da historiografia e dos estudos sociais a falsa ideia de relações harmoniosas entre senhores e escravos. A respeito disso, o historiador Jaime Pinsky afirma:

As raízes dessa ideia esdrúxula, do índio amante da liberdade e do negro conformado com a escravidão podem ser encontradas em Varnhagen, na historiografia; em Gonçalves Dias na poesia; e em José de Alencar no romance; por trás da transformação do índio como herói amante da liberdade e do “negro submisso” em mancha da História, está a própria ideia da concepção do Estado Nacional burguês, da constituição da “raça brasileira” e, portanto, da descoberta de marcos heroicos reais ou elaborados em nosso passado idílico. (PINSKY, 2009, p.82)

A falsa relação amistosa entre senhores e negros escravizados foi reforçada pela história e até mesmo pelas representações literárias. Questiona-se essa visão porque existem indícios históricos recorrentes de atos de rebeldia contra senhores e que essas manifestações de resistência eram comuns.

No entanto, julgamos que Pinsky faz “tábula rasa” da obra de Gonçalves Dias quando diz que “o negro é conformado com a escravidão”, pois embora se tenha, de certo modo, a impressão de que o negro tem uma visão conformista da escravidão no poema *A escrava*, pode-se perceber que o mesmo não ocorre na prosa poética *Meditação*, pois o poeta escreve o primeiro texto abolicionista da prosa poética brasileira. Ao referir-se de maneira real à escravidão brasileira, Dias narra a partir da visão crítica cenas de miséria humana, esta instituída. Concordamos com Pinsky que existe uma equivocada ideia no que diz respeito às relações benevolentes entre negros e senhores, pois era reforçada até mesmo pelo discurso histórico, a falácia de que o negro se adaptou à escravidão mais facilmente que o índio. De acordo com Pinsky

Aceitando-se a ideia da adequação do negro à escravidão teríamos absolvido as nossas manchas ocasionais por termos mantido tal sistema social, uma vez que, dentro desse tortuoso raciocínio, teríamos apenas mantido o negro em sua condição “natural”. Claro, pois sua adequação ao trabalho era algo “natural” para ele. O fato é que o negro não tinha “jeito” ou “espírito” de escravo. Aliás, ninguém tem. O próprio do ser humano é a liberdade, e não a escravidão; de todo e qualquer ser humano, qualquer que seja a sua cor, idade, sexo, classe social, ou convicção política. (PINSKY, 2009, p.83)

A partir disso, entende-se que as manifestações de resistência são exemplos de inconformismos e que se constitui um engano achar que as relações entre o negro e senhores eram benévolas por uma aceitação inexistente. O que ocorria de fato era que o negro, diante das condições em que se encontrava, era obrigado a “se adequar” de maneira forçosa.

De acordo com a definição de Alfredo Bosi, no livro *Literatura e resistência*, a “resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir” (BOSI, 2002, p.118). Assim, para esse autor, a ideia de resistência, na literatura, tem se realizado de duas maneiras que não se excluem necessariamente: como tema, ou como processo inerente à escrita. Manifestações de resistência estão presentes nas obras *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*, pois elas apresentam personagens que buscam rompimento com as formas de dominação da escravidão.

Scott ressalta, em seus estudos sobre os camponeses da Malásia, que a resistência cotidiana é informal e dissimulada, ou seja, preocupada com ganhos imediatistas; com isso, o sucesso desse processo de resistência está ligado à conformidade simbólica com que é dissimulada.

Scott afirma ainda que “Para a maioria das classes subalternas que, de fato, tiveram historicamente escassas possibilidades de melhorar seu status, essa forma de resistência foi à única opção” (SCOTT, 2011, p.223). Personagens como Vô Vicêncio, na obra de Evaristo; e Sethe, na obra de Morrison, buscaram estratégias que envolviam a morte de familiares, pois nos contextos em que se encontravam, não enxergavam outra solução, já que esses cativos se encontravam, na trama, em uma posição de subalternidade nas sociedades em que estavam inseridas.

Scott atesta ainda, que na verdade, mesmo uma revolta fracassada pode conquistar alguma coisa: algumas concessões por parte do estado ou dos latifundiários, uma breve suspensão de novas e penosas relações de produção e não menos importante, uma lembrança de resistência e coragem que pode ficar guardado para o futuro (SCOTT, 2011, p.218). A partir disso, entende-se que as manifestações de resistência, por mais fracassadas que possam se estabelecer, possuem grande relevância nas mudanças dos sistemas vigentes.

Manifestações de resistência negra durante a escravidão nas Américas aconteciam não somente por parte de homens afrodescendentes, mas também por mulheres. Durante muitos anos o discurso histórico, predominantemente machista, marginalizou o destaque e a luta de mulheres, principalmente, as negras e periféricas. Assim, por uma visão equivocada, há uma falsa ilusão de que apenas homens protagonizaram as lutas e outras manifestações de resistência negra e, portanto, um desconhecimento das lutas de mulheres afrodescendentes contra a desumanidade da escravidão. A História foi escrita através de um discurso que não se preocupou com a inserção da participação da mulher negra e de sua importância na luta antiescravista.

A análise de processos históricos mostrou que as manifestações artísticas que incluem a dança e a religião foram as primeiras formas de manutenção da tradição dos ancestrais afrodescendentes, o que se configura em formas de resistência.

As formas mais comuns dessas resistências eram praticadas por homens negros, como as fugas individuais ou coletivas, os quilombos, assassinato de senhores ou de familiares, participação em movimentos de rebeldia, suicídios, automutilação, rebeliões, dentre outras.

De acordo com Jacob Gorender “o primeiro ato humano do escravo é o crime, desde o atentado contra seu senhor à fuga do cativo” (GORENDER, 1978, p 65). O negro geralmente cometia algum delito contra seu senhor e depois fugia em busca de sua liberdade. Durante a escravidão os negros passavam por extremas dificuldades após a fuga, pois necessitavam de trabalho e abrigo, o que era possível com a formação de quilombos. Sobre isso, o historiador Jaime Pinsky afirma:

O quilombo tornava-se uma alternativa viável para ele, uma forma de conseguir não apenas uma questão de tempo. O quilombo tornava-se uma alternativa viável para ele, uma forma de conseguir não apenas uma intervenção passageira do brutal cotidiano, mas uma liberdade real. (PINSKY, 2009, p.86)

O sistema escravocrata destruiu diversos quilombos, porque negros livres e reunidos em grandes quantidades eram considerados prejuízos e um forte perigo para a manutenção do sistema escravista. Nas obras *Beloved* e *Ponciá Vicêncio* não estão representadas as formações de quilombos, porém, é

necessário falar a respeito da importância dessas organizações, pois elas representaram as maiores manifestações de resistência negra contra a escravidão. Os nomes que representam os símbolos de resistência mais conhecidos no Brasil são Zumbi, Preto Cosme, Lucas Dantas, Manoel Congo, entre outros. Estes nomes devem ser lembrados constantemente, pois simbolizam a luta do povo negro contra o sistema escravagista.

As mulheres negras escravizadas também manifestavam sua indignação contra o sistema escravista e desenvolveram estratégias de resistência e a história não deu a devida ênfase à luta dessas mulheres. As principais formas que as mulheres negras encontravam para rebelar-se contra o sistema era através do aborto, do infanticídio, da “recusa” do aleitamento dos filhos dos senhores e preservação dos cultos e danças africanas. Dessas formas de resistência, estão representadas nas obras *Beloved* as fugas e o infanticídio; e em *Ponciá Vicêncio* o uxoricídio e a automutilação como tentativa de suicídio.

Na escravidão das Américas homens e mulheres negras sofreram humilhações psicológicas e físicas que resultaram em consequências trágicas, como a loucura e a morte. As mulheres negras, vítimas de sociedades patriarcais, eram as principais vítimas de trabalhos forçados e de violências sexuais por seus senhores. Essas temáticas estão também representadas nas obras literárias em análise neste trabalho.

Nem mesmo as mulheres brancas, que também eram inferiorizadas, não tinham compaixão pelo sofrimento de mulheres negras cativas, pois eram comuns relatos de casos em que cônjuges de senhores, movidas por motivos diversos como crueldade, ciúmes, dentre outros, torturavam, principalmente, aquelas que seus maridos demonstravam interesse sexual.

As mulheres negras, que durante a escravidão foram as mais exploradas nos campos e nas cidades, trabalhavam em serviços pesados diversos, levadas à prostituição e ao aleitamento dos filhos dos brancos ou dos seus filhos frutos de abusos de seus senhores. A partir disso, essas mulheres reagiam de diversas formas, mais comumente com aborto e infanticídio. A historiografia, no entanto, silenciou ou não deu devido destaque a esses fatos.

A resistência de mulheres negras através do aborto e do infanticídio contrariou diversos dogmas religiosos e filosóficos. Porém, estas reações trágicas foram as formas de luta contra um sistema que as tratou como meros

objetos reprodutores e força de trabalho e não se deve analisar tais mecanismos de resistência com olhares do moralismo cristão. Não é difícil entender os motivos pelos quais mulheres negras abortavam ou assassinavam suas crianças.

Mulheres negras não eram poupadas do serviço pesado, ainda que menstruadas ou grávidas, trabalhavam em situações insalubres, arriscando muitas vezes suas vidas. Além disso, eram constantemente castigadas por motivos banais, o que as levava a abortar ou matar os próprios filhos para quebrar o ciclo de exploração e evitar que suas crias sofressem os mesmo abusos. As escravizadas sabiam do valor econômico de sua prole e tentavam romper com tal ciclo, causando no sistema percas pecuniárias. Matar os próprios filhos se configura em uma atitude extrema e que se consiste em um ato de muito sofrimento. Diante disso, pode-se dizer que as atrocidades da escravidão desencadearam atos violentos, frutos da desumanidade do processo escravista.

As mulheres negras participaram de outras formas de resistência contra o sistema escravista, além do aborto e infanticídio. Como exemplo de mulheres de luta, têm-se Luisa Mahin, da Revolta dos africanos islamizados em Salvador no século XIX; as diversas Rainhas de quilombos, como a Rainha Ngola; a valorosa quilombola Zeferina, do quilombo do Orubu, que em 1826 foi presa.

4.2 Representações de resistência negra contra a escravidão em *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*

As autoras Morrison e Evaristo em *Beloved* e *Ponciá Vicêncio* apresentam as trajetórias de personagens negras, que apesar de serem vitimadas e silenciadas por sociedades racistas, e que criam maneiras e estratégias de deslocamentos a partir do momento em que subvertem regras estabelecidas pelos brancos, reinventando identidades negras, para tornarem-se agentes que têm voz e que definem os seus destinos. A resistência está relacionada com a revolta e a vontade de reivindicar por algo melhor. A respeito disso Evaristo comenta que:

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. (EVARISTO, 2009, p.18)

Morrison e Evaristo narram episódios como automutilação e infanticídio como forma de resistência à imposição do sistema escravista. Ambas narrativas tratam de assuntos que trazem à tona questionamentos filosóficos, éticos e confronto de dogmas, que evidenciam a complexidade da consciência humana e contraria o discurso eurocêntrico que afirma a inferioridade dos negros, pois tais atos mostram que o afrodescendente escravizado preferiu, em muitos casos, a morte, seja sua própria ou a de seus familiares, ao destino da escravidão.

As escritas de Morrison e de Evaristo apresentam marcas peculiares que se configuram na volta ao passado. Assim, ambas trabalham com a memória individual e coletiva, pois consideram que o processo de lembrar o passado é importante para o sujeito afrodescendente ir em busca dos estilhaços que compõem sua identidade fragmentada.

Podemos entender ancestralidade ainda como símbolo de resistência afrodescendente, resultado da experiência tradicional africana que perpassa as manifestações culturais dos negros no Brasil e que lhes permitirá engendrar estruturas sociais capazes de confrontar o modo de organização e produção no mundo contemporâneo (CESARIO, 2013, p.104)

A partir disso, reitera-se que a literatura afrodescendente apresenta o viés da busca pela memória e que isso se configura também em um símbolo de resistência, pois a literatura negra apresentada por Morrison e Evaristo mostra o sujeito negro em busca das suas identidades, desconstruindo visões racistas e desenvolvendo estratégias de resistência contra o sistema que o escraviza.

A escravidão, muitas vezes, não permitia sequer que os negros pudessem conviver com seus filhos ou demais familiares. A partir disso, como estratégias de sobrevivência, muitos cativos optavam por não desenvolver o apego emocional por sua prole ou ancestrais. É possível identificar nas narrativas em análise personagens que se recusam a se conformar com a situação de escravidão tanto em *Ponciá Vicêncio* como em *Beloved*.

O colonialismo se compôs de processos violentos e desumanos, que se configuram em uma tentativa de aniquilação cultural contra povos dominados. As personagens de *Beloved* e *Ponciá Vicêncio* estão inseridas em um contexto que sofrem resquícios de um sistema colonial de exploração. Segundo Bhabha

A pós-colonialidade, por sua vez, é um salutar lembrete das relações 'neocoloniais' remanescentes no interior da 'nova' ordem mundial e da divisão de trabalho multinacional. Tal perspectiva permite a autenticação de histórias de exploração e o desenvolvimento de estratégias de resistência. (BHABHA, 2003, p.26)

As relações acima mencionadas foram definidas por Bhabha como "neocoloniais" e as violências decorrentes desse processo de exploração foram marcadas pelo desenvolvimento de estratégias de resistência. Na obra *Beloved*, muitas personagens negras utilizavam como estratégia ao sofrimento causado pela escravidão, o desapego. Isso pode ser percebido quando Paul D, dentro da trama, percebia que o amor pelos familiares era perigoso para um negro cativo. Com base nisso, ele afirma: "O amor por uma mulher, um filho ou um irmão, era capaz de estraçalhar qualquer um num lugar como Alfred em Georgia" (MORRISON, 2000, p.190). Assim, muitos negros preferiam evitar o sofrimento da desagregação familiar. Não se apegar aos familiares ou a relações amorosas eram formas de se proteger. Em grande parte das vezes, esse processo era forçoso e inevitável.

Em *Beloved*, especificamente, ao contrário de personagens como Baby Suggs e Paul D, que adotavam o "desapego" como estratégia ao sofrimento da desagregação familiar, Sethe não conseguiu se adequar ao fato de que não era permitido ao negro amar seus entes queridos.

Sethe sente pelos filhos um amor incondicional capaz de levá-la às últimas instâncias para protegê-los. Para uma cativa, tal devoção poderia ser perigosa, pois segundo o sistema escravagista, o negro não tinha direito ao próprio corpo, muito menos ao de sua prole. Muitas mulheres negras buscavam resistir através da fuga com os filhos.

A resistência através da fuga, embora arriscada, era uma alternativa utilizada por muitos negros, que evadiam em busca da sobrevivência, tendo em vista as más condições a qual eram constantemente submetidos. No entanto,

nem sempre esta fuga era a solução final dos problemas. A respeito disso, Pinsky afirma:

É importante perceber que a fuga não era, em si, a libertação do negro, uma vez que, em geral, ele não tinha para onde ir. Sua cor de pele logo o denunciava – o negro era escravo até prova em contrário – a falta de um trabalho o levava muitas vezes a assaltar para sobreviver; sua captura era apenas uma questão de tempo. (PINSKY, 2009, p. 86)

Em *Beloved*, Morrison representa a resistência da mulher negra durante a escravidão através da passagem de Sethe, que foge de Sweet Home e atravessa o Rio Ohio, saindo do estado escravista de Kentucky para o estado livre de Ohio. No contexto da escravidão norte-americana, o negro tinha aonde se refugiar quando saía em direção aos estados do norte, onde a escravidão já havia sido abolida. Neste caso, Sethe se dirige à casa da sogra Baby Suggs. A protagonista passa por diversas dificuldades, pois sofre lacerantes chicotadas em suas costas ainda gestante da filha Denver. O sofrimento se agrava ao dar a luz dentro do barco.

A vida melhorava quando ocorria a fuga, mas não se estabilizava, pois a constante tensão de ser capturado novamente existia e a memória do horror convivia permanentemente com eles, já que o negro foragido era uma propriedade e deveria retornar ao estado de origem, já que as leis escravistas asseguravam a autoridade da captura de negros que escapavam de seus senhores. Apesar dos riscos, fugir era, evidentemente, considerada uma das formas mais urgentes de resistir aos abusos da escravidão. Quando os negros não conseguiam, era extremamente comum que eles matassem os senhores em um acesso de fúria ou que tentassem, de alguma forma, subverter as regras, causando algum tipo de prejuízo a mais valia dos fazendeiros donos de escravos. A respeito disso, Ferreira (2006) afirma:

No Novo Mundo, muitos negros matavam seus senhores, feitores e, às vezes, a família destes, quando trespessados por um acesso de ódio e vingança. Isso geralmente acontecia nas fazendas e era seguido de fuga individual ou coletiva para os quilombos. Outros escravos preferiam morrer, pois a morte seria melhor do que a escravidão e daria um fim à sua dor. Daí a frequência de suicídios. Os filhos da mulher escrava também se tornavam escravos. As crianças negras eram vendidas a outros senhores. E não foram raros os casos de infanticídios, quando a

mãe cativa num acesso entre desespero e loucura preferia matar o filho a entregá-lo ao mercado de escravos negros. Esse tipo de episódio é narrado no romance *Amada*, da afro-norte-americana Toni Morrison, cuja ação trágica desencadeia uma série de outros episódios da intriga romanesca que estão relacionados ao sobrenatural e à memória da escravidão (FERREIRA, 2006. p.68).

Na passagem acima, Ferreira (2006) explica como a protagonista Sethe resolve lutar de alguma maneira contra os abusos sofridos, pois ela planeja sua fuga e a executa com êxito para a casa de Baby Suggs quando, pouco tempo depois, após ser encontrada por Schoolteacher, percebe que será levada novamente para Sweet Home e percebe ainda que seus filhos, com quem conviveu por um período que poucas negras conseguiam conviver com sua prole, seriam levados para sofrer as mesmas crueldades que ela enfrentou. A partir disso, resolve a difícil decisão de matar seus filhos num ato desesperado de amor.

Morrison utilizou-se de bases historiográficas. A partir do *Black Book*, tomou conhecimento da história real de Margareth Gardner, cativa que após ter sido capturada de uma fuga mal sucedida, comete o infanticídio contra a própria filha de dois anos. Na história real, a mulher é reconduzida a Kentucky e retorna à condição de escravizada. No entanto, na obra *Beloved*, Sethe não retorna a Sweet Home. As histórias são similares por apresentar o episódio de crime por infanticídio, no entanto, diferem com acréscimo do sobrenatural. A memória coletiva e fatos relacionados à vida do negro escravizado são os principais ingredientes ficcionalizados e ressignificados por Morrison no seu romance *Beloved*. A respeito disso, Walter afirma:

Morrison considera o processo de lembrar o passado como o mais importante meio para o afro-americano a) reunir os pedaços estilhaçados de sua identidade fragmentada e b) assumir a responsabilidade pelos seus atos e pelas suas atitudes. A memória – a recriação estética de mitos, lendas, figuras, lugares e acontecimentos do passado – funciona nos textos de Morrison como uma estratégia de resistência contra a descontinuidade, fragmentação e aculturação, assim como uma força de alienação destrutiva que impede a recriação do eu e da pertença étnico-cultural. (WALTER, 2009, p.96)

A obra *Beloved* recria a experiência da escravidão e o processo de volta ao passado que revela o papel que a memória representa para a construção da

identidade do negro e também uma forma de resistência negra. Com isso, Morrison utiliza a memória como um recurso contra o silêncio.

Numa leitura da obra *Beloved* (1987), Bhabha (2001) enfatiza que: “A obra de Toni Morrison teve papel formativo em meu pensamento a respeito da temporalidade narrativa e histórica”. Este romance apresenta a técnica do fluxo de memória que envolve a trama em desordenados acontecimentos, tal qual as lembranças são guardadas em nossa mente. Além de ressaltar a atitude de desespero e resistência da protagonista ao sistema escravista ao cometer o assassinato contra sua própria filha, demonstra uma questão ética de forte complexidade.

O romance *Beloved* recupera cenas ou episódios como o infanticídio, que contraria a lógica do branco e os interesses econômicos da escravidão; ao passo que afirma uma ética do escravizado, embora essa prática infanticida assumira um caráter demoníaco perante os olhos da sociedade escravagista e cristã, que assenta suas bases em falsos valores morais e na hipocrisia. Sob a perspectiva dos novos tempos da pós-colonialidade, Bhabha assegura que:

O feminismo, na década de 90, encontra sua solidariedade tanto em narrativas libertárias como na dolorosa posição ética de uma escrava, a Sethe de Morrison, em Amada, que é levada ao infanticídio (BHABHA, 2001, p.25).

No texto acima, Bhabha fala das ideias feministas que transitam na construção da narrativa romanesca de Toni Morrison enquanto “narrativa libertária”, ressaltando a atitude de Sethe em relação à posição de mãe e de protetora dos filhos. A respeito da questão do infanticídio, Bhabha explica alguns rituais e costumes feitos por ancestrais da etnia negra, além de argumentar sobre a atitude da protagonista morrisoniana, quando afirma:

Beloved (Amada), de Toni Morrison, revive o passado da escravidão e seus rituais assassinos de possessão e autopossessão a fim de projetar a fábula contemporânea da história de uma mulher, que é ao mesmo tempo a narrativa de uma memória afetiva, histórica de uma esfera pública emergente, tanto de homens como de mulheres. (BHABHA, 2001, p.25)

Bhabha (2001) observa que os escravos que se automutilavam, matavam suas famílias ou se matavam eram as verdadeiras vítimas de um sistema

perverso e injusto. Ele ressalta que o romance de Morrison relembra tristes acontecimentos durante o período escravocrata e que reflete as dores de diversos negros deste período. Isso pode ser evidenciado no trecho abaixo:

[...] em 1873 nas redondezas de Cincinnati, em casas murmurantes como o número 124 da Bluestone Road, ouviremos a linguagem indecifrável dos negros mortos e raivosos, a voz de Amada de Toni Morrison, “os pensamentos das mulheres do 124, pensamentos impronunciáveis, não-pronunciados”. (BHABHA, 2001, p.30)

Segundo Bhabha, a casa de Sethe é um símbolo que revela todos os sofrimentos que os negros, em especial a protagonista, sofrem ao longo da trama. Dessa forma, revela que as casas em que os negros viviam guardavam os silêncios, os gritos e os fantasmas da escravidão. No caso da obra em análise, existe, literalmente, o fantasma da personagem Amada, filha assassinada de Sethe, que permeia a residência da 124 na Bluestone Road. A respeito da sua análise sobre a obra de Morrison, Bhabha afirma que:

As especificidades históricas e diversidades culturais que informam cada um desses textos fariam de um argumento generalizante uma mera atitude; de qualquer modo, só trabalharei em detalhe com Morrison e Gordimer. Porém, a “estranho” fornece-nos de fato uma problemática “não-continuista” que dramatiza – na figura da mulher – a estrutura ambivalente do estado civil ao tratar seu limite bastante paradoxal entre as esferas privada e pública (BHABHA, 2001, p. 31).

Bhabha ressalta a análise das obras de autoras como Morrison e Gordimer e explica como apresentaram suas personagens subversivas que contrariam e questionam a figura da mulher, que apresenta características, muitas vezes, paradoxais, apresentadas pela esfera pública e privada. Bhabha afirma que os críticos literários devem apresentar diante de tais representações a árdua tarefa de representar um passado que não foi dito. A respeito do fazer literário de Morrison, ele afirma:

(...) Toni Morrison quem leva mais adiante e mais a fundo esse projeto ético e estético de “vel” a interioridade a partir do exterior” – diretamente no ato de *Beloved* nomear seu desejo de identidade “Quero que você me toque no meu lado e me chame pelo meu nome.” Há uma razão óbvia pela qual um fantasma desejaria ser percebido assim. O que era mais obscuro – e mais pertinente – e como um desejo tão íntimo e interior pode fornecer uma “paisagem

interior”da memória da escravidão. Para Morrison, é precisamente o significado das fronteiras históricas e discursivas da escravidão que estão em foco (BHABHA, 2001, p.38).

Bhabha, tomando por referência a citação acima em que a personagem *Beloved* representa a “paisagem interior da memória da escravidão”, ou seja, sua vontade de ser chamada pelo nome representa a afirmação de sua identidade e a dos afrodescendentes silenciados e violentados pelo branco. Para esse autor, Morrison tem o intuito de colocar em evidência, em sua escrita, “as questões que representam as fronteiras históricas e discursivas da escravidão”.

No ato de desespero, após a chegada do novo feitor, Schoolteacher, para levá-la de volta a Sweet Home, ao lembrar de todas as violências sofridas, a protagonista decide tirar a vida dos próprios filhos, pois para ela, essa seria a única forma de impedir o sofrimento dos mesmos. Tudo indica que, ao conseguir matá-los, faria o mesmo com a própria vida. Como forma de rebeldia, Sethe não hesita e nem se arrepende, pois se convence que fez o melhor pela filha.

Inside, two boys bled in the sawdust and dirt at the feet of a nigger woman holding a blood-soaked child to her chest with one hand and an infant by the heels in the other. She did not look at them; she simply swung the baby toward the wall planks, missed and tried to connect a second time, when out of nowhere in the ticking time the men spent staring at what there was to stare the old nigger boy, still mewling, ran through the door behind them and snatched the baby from the arch of its mother's swing. (MORRISON, 1987, 287-288)¹⁰

Morrison descreve de maneira intensa como se deu o ato do assassinato de *Beloved* e como essa passagem representa o momento traumático em que Sethe relembra a morte de sua filha e a tentativa de assassinar os outros três filhos. Pode-se encontrar no romance *Beloved* mais um indício da temática em análise quando, em uma das passagens, Sethe soube que quando ainda era uma criança, que de todos os filhos de sua mãe, ela fora a única sobrevivente. A mãe jogara fora todos os outros bebês, também frutos de abusos sexuais. Com isso, é perceptível como a temática do “infanticídio”, prática comum de mulheres

10 Lá dentro, dois meninos sangravam sobre a serragem, aos pés de uma negra que carregava no colo uma garotinha ensopada de sangue e com a mão livre segurava um bebê muito novo pelos calcanhares. A mulher nem olhou para eles; simplesmente balançou o bebê na direção das tábuas da parede. Errou e tentou uma segunda vez, quando, como se surgisse do nada, o negro velho, ainda miando, atravessou correndo a porta atrás deles e arrancou o bebê das mãos dela (MORRISON, 1987, p.176). [N.T.]

negras escravizadas no sistema escravagista, fora fortemente representada na obra romanesca de Morrison.

Dos irmãos que tivera, Sethe fora a única sobrevivente e também aquela que recebera um nome. A mãe da protagonista, também negra escravizada e sem defesas contra os sucessivos donos que violentavam seu corpo, jogava fora as crianças que descendiam desses estupradores, impedindo algo que pudesse continuá-los.

Giacomini assegura que “a ocorrência de gravidez, maternidade e lactação transformavam-se em penalidade adicional para as escravas e os casos não infrequentes de abortos e infanticídios poderiam indicar uma dimensão de resistência escrava” (GIACOMINI, 1998, p.13). Assim, as mulheres negras cativas buscavam formas de subverter esse ônus com práticas abortivas ou infanticidas, já que cuidar de crianças frutos desses abusos consistia em mais uma forma de violência.

O infanticídio, portanto, era uma das formas encontradas por mulheres negras escravizadas de rebelar-se contra o sistema. Em muitos casos, a mulher negra preservava apenas os filhos que eram frutos de relações amorosas, como foi o caso da mãe de Sethe que a protegeu por ter amado unicamente o pai de sua filha, personagem que na obra não é nomeado.

De acordo com Mott (1989) a recusa da escrava em repor a mão de obra, seja pelo reconhecimento do valor da sua prole como mercadoria, seja por não desejar dar o seio, o alimento ao filho do senhor, ou ainda para que seu filho não sofresse o cativo, são algumas das leituras possíveis do aborto e infanticídio como formas de resistência.

Sethe, após matar sua filha Beloved, cumpre pena em cárcere. Uma vez cumprida a sentença, retorna à residência localizada na rua 124. A protagonista já não era considerada mais uma ferramenta útil para seu antigo senhor de escravos, Schoolteacher. A partir disso, vive na casa de sua sogra Baby Suggs e enfrenta o fantasma da filha morta que assombra a todos. Além disso, Sethe enfrenta o preconceito da sociedade, pois passa anos ignorada pelos vizinhos e demais cidadãos de Cincinnati.

Além da dor da perda e da solidão, a personagem principal ainda teve de lidar com o julgamento e desprezo das pessoas que não compreenderam sua atitude. Os demais filhos sobreviventes da tentativa de assassinato, Howard e

Buglar, fugiram ao serem assombrados pelo fantasma da irmã assassinada, que dentro da trama, retorna reencarnada no corpo de uma moça nomeada Beloved. Apenas Denver, a filha mais nova, permanece ao lado da mãe. Na passagem abaixo, tem-se a afirmação da filha reencarnada:

I AM BELOVED and she is mine. Sethe is the one that picked flowers, yellow flowers in the place before the crouching. Took them away from their green leaves. They are on the quilt now where we sleep. She was about to smile at me when the men without skin came and took us up into the sunlight with the dead and shoved them into the sea. Sethe went into the sea. She went there. They did not push her. She went there. She was getting ready to smile at me and when she saw the dead people pushed into the sea she went also and left me there with no face or hers. Sethe is the face I found and lost in the water under the bridge. (MORRISON, 1987, p.407)¹¹

Beloved é metaforizada pela voz e a memória dos negros que foram calados. Esta personagem fala sobre a sua mãe e também sobre memórias vazias e lacunares acerca de sua morte. Além de Sethe e de sua mãe, outra personagem secundária, chamada Ella, também comete o crime do infanticídio, pois se recusa a amamentar o filho que provém de um estupro, causando, posteriormente, a morte da criança. Durante a trama, esta personagem relembra o trauma dos abusos sexuais sofridos e teme que o fantasma da criança a assombre como ocorreu com Sethe. Isso pode ser visto no trecho:

She had delivered, but would not nurse, a hairy white thing, fathered by "the lowest yet." It lived five days never making a sound. The idea of that pup coming back to whip her too set her jaw working, and then Ella hollered. (MORRISON, 1987, p. 492).¹²

11 EU SOU AMADA e ela é minha. Vejo-a colher flores das plantas põe numa cesta redonda as folhas não são para ela enche a cesta abre o capim gostaria de ajudá-la, mas as nuvens estão no caminho como posso dizer coisas que são quadros Tudo é agora é sempre agora nunca vai existir um tempo onde eu não esteja agachada e vendo outros agachados também estou sempre agachada ... é difícil se obrigar a morrer para sempre a gente dorme pouco e depois volta... uma coisa quente o montinho de gente morta uma coisa quente os homens sem pele os cutucam com varas a mulher está lá com o rosto que eu quero o rosto que é meu... é o agachamento que agora é para sempre dentro a mulher com meu rosto está no mar uma coisa quente... Eles não estão agachados agora nós estamos eles estão flutuando na água ... não há ninguém para me querer para dizer meu nome espero na ponte (...) (MORRISON, 1994, p. 246-50).

12 "Lembrou-se de que dera à luz uma coisa branca e peluda, gerada pelo 'mais vil de todos'. Aquilo, que ela se recusara a amamentar, vivera por cinco dias sem emitir um único gemido". (MORRISON, 2000, p.302). [N.T]

A personagem Ella, ante o trauma do estupro, acaba por rejeitar o recém-nascido fruto dessa violência sexual. No entanto, cabe ressaltar que enquanto Sethe mata por amor, Ella mata por desprezo. Ainda que por causas distintas, é evidente que umas das principais causas do infanticídio era a vingança, demonstrando as transgressões e atitudes subversivas de mulheres contra seus agressores. Assim, o sofrimento condicionava as escravas a praticarem abortos e infanticídios, por acessos de desespero e que tinham por estratégia poupar uma vida de torturas. Em alguns casos, a intenção era ferir o domínio do senhor como forma de resistência. Segundo Jacob Gorender:

No regime escravista a criação dos filhos das escravas constitui um ônus para o senhor, e ele quem fornece os meios — alimentos, vestuário, habitação, etc. — para que os filhos das escravas se desenvolvam em idade adulta. Cada filho de escrava representa, por conseguinte, um acréscimo de despesa de resultados aleatórios. É certo que se tudo corresse favoravelmente, ao fim de 16 anos disporia o plantador de um escravo novo, apto para o trabalho em sua plenitude. (GORENDER, 2010, p.321)

Com isso, ainda que os senhores arcassem com o vestuário e alimentação das crianças negras e de início elas representassem um ônus, no futuro, elas se tornariam potenciais escravos. Dessa forma, a reprodução das mulheres negras cativas, ainda que a longo prazo, era um investimento lucrativo, pois logo seus filhos se tornariam ferramentas de trabalho e, posteriormente, passariam a trabalhar de maneira mais intensa, gerando o lucro para os senhores escravistas.

Em *Beloved*, a resistência das personagens femininas frente às violências ocasionadas pela escravidão, se manifesta através da fuga de Sethe e do infanticídio cometido por ela e por outras personagens. Tais atitudes drásticas acontecem na trama, porque as personagens se recusam a repor a mão de obra com sua prole ou, como no caso de Sethe, por desespero e, paradoxalmente, por extremo amor aos filhos.

Diante de tantas violências, muitas mulheres escravizadas, vítimas de um sistema que as explora em todos os sentidos, rejeitavam o fruto dos abusos sexuais. Muitas vezes, essas mães acabavam assassinando seus próprios filhos ou os deixando morrer por falta de cuidados, para rebelar-se contra os

senhores, tendo em vista que seus filhos eram lucro para os mesmos, uma vez que essas crianças seriam, muitas vezes, vendidas e escravizadas.

Em geral, as mulheres negras não tinham o privilégio de conviver com sua prole, pois seus filhos eram vendidos, trocados, açoitados ou mortos por seus proprietários. Tais fatos, comuns neste período, foram abordados de maneira crucial em *Beloved*, que evidencia a desumanidade da escravidão e da violência contra o negro escravizado nos Estados Unidos. No romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, episódios similares aos ocorridos em *Beloved* são também narrados quando os filhos de Vô Vicêncio são vendidos mesmo sob a vigência da Lei do Ventre Livre, outorgada em 1871, no Brasil.

Pesquisadores que estudam a história da escravidão e a resistência do escravizado interpretam várias razões que explicam os motivos pelos quais as mulheres negras cometiam aborto ou infanticídio. Essas cativas, muitas vezes, recusavam-se a repor a mão de obra escrava, pois reconheciam o valor econômico de sua prole para o sistema ou por não desejar dar o seio - o alimento ao filho do senhor que eram, muitas vezes, frutos de abusos sexuais; ou ainda e, principalmente, como representado na obra de Morrison, o caso da protagonista Sethe, para que seus filhos não sofressem o cativeiro como elas. Essas são algumas das leituras possíveis do aborto e infanticídio como formas de resistência.

Nas obras *Beloved* e *Ponciá Vicêncio* são evidentes as representações de personagens que buscavam formas de reagir às condições desumanas as quais eram submetidas na escravidão. A resistência do escravizado contra o sistema escravagista se deu também através do assassinato de familiares ou do suicídio. Em *Ponciá Vicêncio*, a tentativa de autoaniquilação ou suicídio de Vô Vicêncio é frustrada. Essa personagem, em um acesso de insanidade, manifesta resistência contra os maus-tratos e contra a venda de seus filhos e de sua esposa, além de abalar as estruturas organizacionais e regras do poder estabelecido, o que acabou provocando, embora não fosse a finalidade primeira, prejuízo econômico ao senhor Vicêncio.

Em *Ponciá Vicêncio* e em outras obras de Conceição Evaristo, como em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, a autora apresenta narrativas que denunciam as diversas formas de violências raciais e de gênero contra a mulher negra, carregadas de valor estético e, além disso, que apresentam personagens subversivas. Essas mulheres erguem-se resistentes e insubmissas às

agressões preconceituosas dos homens hostis e violentos, assim como reescrevem a história das mulheres negras, suas lutas, dores, superações e conquistas.

Na obra *Ponciá Vicêncio*, ao se falar em resistência, ocorrem várias passagens em que as personagens recusam viver em condições de miséria ou sob domínio da família Vicêncio. Na trama romanesca *Vô Vicêncio*, Ponciá, Luandi, Maria Vicêncio e o pai de Ponciá são exemplos de como a resistência negra está marcadamente representada na obra de Evaristo, embora a experiência da maioria dessas personagens esteja relacionada ao contexto histórico pós-escravidão.

Na trama romanesca, o pai de Ponciá não entendia os motivos pelos quais ele e seus familiares ainda permanecem sobre o domínio da família Vicêncio. Nessa ocasião, enseja o desejo de mudança, como demonstra a passagem abaixo.

Se eram livres, por que continuar ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos? Um dia perguntou isto ao pai, com jeito, muito jeito. Tinha medo dos ataques dele. (...) O homem não encarou o menino (EVARISTO, 2003, p. 14- 15).

O pai de Ponciá, durante a infância, recusa a vida condenada à subalternidade e pensa em alternativas para solucionar esse problema, pois vai em busca de outro local de trabalho. No entanto, sabe-se que isso não resolveria a situação, pois aos negros eram destinados os trabalhos mais pesados e mal remunerados. A trajetória da família de Ponciá é marcada por muito sofrimento e, desde criança, seu pai trabalhava exaustivamente, pois era encarregado do papel de pajem do filho do Coronel Vicêncio. Essas responsabilidades atribuídas a crianças escravizadas faziam-nas perder a infância precocemente, pois eram, muitas vezes, considerados “mini-adultos”, desempenhando diversas funções.

As crianças que ficavam na casa grande eram empregadas no serviço particular do senhor e dos familiares deste. Faziam às vezes de pajem, de moleque-de-recados, ou criada; iam buscar o jornal ou o correio nas vilas e cidades da vizinhança; encilhavam os cavalos; arrumavam o quarto; ajudavam a vestir, desvestir e a banhar as pessoas da casa e os visitantes; engraxavam os sapatos; escovavam as roupas; serviam à mesa, espantavam mosquitos; balançavam a rede; abanavam o fogo; buscavam água no poço; limpavam a cozinha; faziam compras; levavam e traziam recados; carregavam pacotes, lenço, leque, vela, missal, guarda-chuva, guarda-sol, etc. Nas fazendas, nos engenhos, nas chácaras e sítios, aos 8 anos, as

crianças já eram enviadas às plantações, ou então beneficiavam café, descaroçavam algodão, descascavam e ralavam mandioca, fabricavam cestos e cordas, guiavam carro-de-boi, pastoreavam o gado. (MOTT, 1989, p. 89).

Segundo Mott, as crianças negras, por volta dos 8 anos de idade, eram inseridas no mundo do trabalho, pois desde a infância já aprendiam pequenos ofícios domésticos, como carregar pacotes, mandar recados, auxiliar na cozinha etc. Em *Ponciá Vicêncio*, Evaristo representa a escravidão na infância de maneira bastante verossímil com a historiografia da escravidão de homens e mulheres negros no Brasil. Nesse sentido, torna-se possível perceber acima, que o pai da protagonista executava ou auxiliava em várias dessas funções. Os outros irmãos do pai de Ponciá foram vendidos, o que também simboliza o valor econômico das crianças negras.

Desse modo, toda a família de Ponciá é marcada pelo sofrimento. Além das humilhações sofridas pelo pai de Ponciá, também o avô, conhecido como Vô Vicêncio é uma personagem submetida a uma série de violências e também representa a resistência negra, como está representado no trecho abaixo

[...] como sempre os homens e muitas mulheres trabalhavam na terra. O canavial crescia dando prosperidade ao dono da terra. Os engenhos de açúcar enriqueciam e fortaleciam o senhor. Sangue e garapa podiam ser um líquido só. Vô Vicêncio com a mulher e os filhos viviam anos e anos nessa lida. Três ou quatro dos seus nascidos do “ventre livre”, entretanto, como muitos outros tinham sido vendidos. Numa noite o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão. Acudido, é impedido de continuar o intento. Estava louco, chorando e rindo. (EVARISTO, 2003, p.51)

Vô Vicêncio, em um episódio de loucura, comete o assassinato de sua própria esposa após presenciar a venda de quatro filhos seus. Em seguida, Vô Vicêncio se autoflagela através da mutilação de um dos braços, como forma de autopunição, ao atentar contra a própria vida. A falta de esperanças, a injustiça e os diversos maus-tratos dos senhores brancos desencadearam em Vô Vicêncio a revolta e, posteriormente, a loucura. O uxoricídio – morte da esposa cometido pelo marido – e o autoflagelo como tentativa de suicídio foram as formas de resolução ou fuga da situação a qual viviam.

Segundo Sodré (1998), existem evidências de que existe na relação (histórica) senhor - escravo uma dimensão maior do que a implicada no trabalho e

suas consequências e, por outro lado, a força da vida – que levava o escravo a tentar prolongar sua própria existência – não se explica pelo medo da morte. As frequentes rebeliões armadas ou os numerosos suicídios de escravos sempre demonstraram que a morte era um recurso. (SODRÉ, 1988, p.114).

A partir disso, é possível analisar as atitudes de Vô Vicêncio e interpretar que a autoimolação tinha o objetivo de causar a própria morte, o que revela, portanto, que a personagem em questão não tinha mais desejo de viver na miséria e longe dos filhos que foram cruelmente separados de sua família. A vida a qual ele se encontrava juntamente com seus familiares configurava-se em uma vida desumana. Da mesma forma, o infanticídio cometido por Sethe, em *Beloved*, representa historicamente, através da ressignificação do texto literário, que os negros cativos não tinham medo de utilizar a morte como estratégia de resistência. Tudo indica que Sethe atentaria contra a própria vida após matar os filhos e que as circunstâncias a impediram de concretizar isso.

O avô de Ponciá Vicêncio vivenciou o antes e depois da abolição, porém não experimentou as mudanças que esta havia anunciado. Vô Vicêncio teve os filhos vendidos após a Lei do Ventre Livre, o que pode se tornar exemplo de representação literária da desagregação familiar na escravidão. Isso também já fora apresentado em *Beloved*, notando-se assim, mais uma semelhança entre as tramas romanescas em estudo.

Os senhores temiam as contínuas fugas e rebeliões dos africanos. Diante de fatos dessa natureza, foi criada uma grande estrutura de controle, vigilância e repressão à vida dos cativos. A administração colonial respaldava a prática de castigos severos, chegando à aplicação da pena de morte para os escravos mais rebeldes, sobretudo entre aqueles que atentavam contra a vida dos senhores ou familiares destes.

A resistência do negro contra o sistema opressor da escravidão se desenvolveu não somente através de formas de luta relacionadas a reações violentas por parte destes, tais como: as fugas em massa para os quilombos, suicídios, assassinatos de feitores e senhores. Estes meios não foram os únicos nem as formas mais utilizadas de resistência pelos africanos, pois a negociação também fora um dos recursos eficazes e bastante utilizados pelos cativos. Ocorria a negociação direta entre negros e senhores acordadas em formas que pudessem amenizar as condições adversas do cativeiro por meio de um sistema

de pequenos ganhos e concessões de favores. Negociar, portanto, era uma forma de resistir. No caso de Vô Vicêncio, ele e sua família, “ganharam” pequenos lotes de terra e uma falsa liberdade, pois o coronel Vicêncio negociou que a família de Ponciá continuasse trabalhando para ele, o que não modificou muito a situação dos familiares.

A lei do 13 de maio não garantiu políticas de renda e moradia para escravizados e as péssimas condições de vida a que esses negros eram submetidos, acabavam por revoltá-los ou, muitas vezes, enlouquecê-los.

Não morreu Vô Vicêncio, a vida continuou com ele, independente do seu querer. Quiseram vendê-lo, mas quem compraria um escravo louco e com o braço cotó? Tornou-se um estorvo para os senhores. Alimentava-se das sobras. Catava os restos dos cães, quando não era assistido por nenhum dos seus. Viveu ainda muitos anos e muitos anos. Assistiu chorando e rindo, aos sofrimentos, aos tormentos de todos. (EVARISTO, 2003, p.51)

Assim como a personagem Sethe em *Beloved*, Vô Vicêncio é considerado pelo sistema escravista um objeto de trabalho. Uma vez que ele se torna deficiente físico e é considerado também alguém desprovido de faculdades mentais, torna-se um fardo para o senhor de escravos e também para sua família, como se percebe na narração dos sentimentos do pai de Ponciá, no texto citado abaixo.

Não tinha herdado nada do velho e nem queria herdar. [...] Tivera vários sentimentos em relação ao homem. Quando menino, ainda pequeno, tivera, talvez, medo, respeito, amor. Depois de tudo, pavor, ódio, e vergonha, muita vergonha quando o pai começou a rir e a chorar ao mesmo tempo, como também a dizer coisas não inteligíveis. À medida que o velho piorava, começou a desejar ardentemente que ele morresse. Chagou um dia até a pensar em matá-lo. (EVARISTO, 2003, p.19)

O pai de Ponciá passa a desejar a morte de Vô Vicêncio e pensa, inclusive, em matá-lo. Após o homicídio de seus familiares, tanto Sethe quanto Vô Vicêncio vivenciam a incompreensão e o desprezo da sociedade. Para Suely Queiroz, nessa concepção “A violência também se transmitia ao escravo que, transgredindo as normas, desacatando os senhores, roubando-os, assassinando-os, exprimia de forma brutal, o seu inconformismo ante o cativo”. (SUELY, 2003, P.106). Isso se mostra verossímil com a realidade historiográfica, pois a escravidão se constituiu em processos violentos sofridos pelos negros, que por sua vez ocasionaram a subversão dos mesmos.

A mutilação sofrida por Vô Vicêncio e causada por ele mesmo consiste em uma forma de autopunição. Fato que se sucede após o homicídio praticado contra a própria esposa. Tal atitude torna-se simbolicamente proporcional à mutilação dos direitos humanos dos escravizados, sendo o foco causador de seu descontrole emocional que o faz, simultaneamente, rir e chorar – talvez simbolizando que a morte liberta plenamente daquelas condições. Para o negro cativo, ante situações tão adversas, a morte tornava-se a solução mais vantajosa que a morte social e a invisibilidade. Segundo Lima:

As condições desfavoráveis do cativo teriam desprovido os escravos de pensar o mundo a partir de categorias e significados sociais que não aqueles instituídos pelos próprios senhores, ocorrendo assim, uma “coisificação social” dos negros sob a escravidão (LIMA, 2009)

Lima explica que a situação desumana em que viviam negros escravizados os coisificava. Assim, entende-se como o preconceito racial forjou a imagem do homem negro sob a égide da perversidade e desumanização. Nesse sentido, era um ser animalesco criado em cativeiro. Portanto, como o afrodescendente não era considerado um ser humano, não era tratado como tal.

Vô Vicêncio e os seus descendentes estavam inseridos em um contexto de desumanidade e vivendo em uma situação indigna de sobrevivência. A partir disso, interpreta-se a partir da obra que a morte é, reconhecidamente, uma atitude transgressora, um recurso de resistência, com impacto profundo sobre as relações senhorial-escravistas. O romance *Ponciá Vicêncio* faz uma crítica explícita ao sistema de escravidão, responsável pelos traumas e aniquilamento social dos descendentes africanos escravizados em diáspora.

Assim como Vô Vicêncio, a personagem Ponciá também apresentou manifestações de resistência. Neste caso, não da mesma forma que seu avô, tendo em vista que ela nasceu após a abolição, mas apresentou estratégias e demonstrações de inconformismo às baixas condições de vida, ainda que não tenha vivido propriamente a escravidão, mas sim seus resquícios.

Acerca do período pós-escravidão no Brasil, Fernandes afirma que “No período imediatamente posterior à Abolição, as oportunidades foram monopolizadas pelos brancos das antigas camadas dominantes e pelos imigrantes” (FERNANDES, 2007, p.114). A sociedade brasileira deixou o negro a mercê da própria sorte,

cabendo a ele a responsabilidade de transformar-se às exigências e novos padrões criados após o trabalho escravo.

No romance Ponciá Vicêncio, a protagonista resolve sair de sua terra natal em busca de melhores condições de vida, pois não tinha o desejo de repetir a mesma situação de desigualdade social que seus ancestrais se encontravam. A trama romanesca de Evaristo é repleta pelo silêncio das marcas deixadas pelos seus antepassados e transmitidas às próximas gerações. Porém esse silêncio não se constitui em um sinal de passividade, mas sim estratégias para superar a vida precária e sub-humana.

Não podia ficar ensaiando despedidas. [...]. Deixava um abraço paro o irmão, não poderia ir às terras dos brancos procurar por ele.[...] Ponciá não conseguiu explicar que sua urgência nascia do medo de não conseguir partir. Do medo de recuar, do desespero por não querer ficar ali repetindo a história dos seus. Agora na cidade, sozinha, para onde deveria ir? O que deveria fazer? (EVARISTO, 2003, p. 38-39).

Ponciá é uma personagem transgressora, que se recusa a viver na mesma condição de subalternidade que seus antepassados. Migra para o centro urbano e, a partir disso, embarca na árdua jornada que a leva para longe dos seus entes queridos, em busca de mudanças de vida. Após experimentar a vida na cidade a protagonista se frustra diante de suas expectativas de melhorias, pois tudo que consegue é um marido que a espanca e um emprego como doméstica.

As experiências vividas por Ponciá na cidade desencadeiam memórias de um passado coletivo, o que permite assegurar que sua história é fruto, principalmente, da exclusão, da desqualificação social, cultural e política a que foi submetida a população negra no Brasil, com a consequente desestruturação da autoestima desse grupo. A escravidão deixou como legado profundas feridas e cicatrizes nos descendentes brasileiros de africanos. (CESARIO, 2013, p.103).

Assim, percebe que as suas perspectivas não foram alcançadas e que continua em situação de miséria. O fato de Ponciá não se conformar com uma vida limitada de recursos financeiros e partir sozinha para cidade é motivada pela sua inquietude e consciência de mundo. As vivências da protagonista Ponciá se mostram também experiências de um passado coletivo vivido por inúmeros cidadãos e cidadãs afro-brasileiros ou negros, a exemplo, as personagens Luandi, seu irmão, e

Maria Vicêncio, sua mãe, que igualmente embarcam em uma viagem à cidade grande, tornando-se também vítimas de uma violência ou preconceito racial.

A obra evidencia de maneira explícita as feridas da escravidão, como elas atingiram também os negros que nasceram “livres” e que tem deixado marcas profundas de preconceito e marginalização contra o negro brasileiro.

Além da vida longe dos familiares, Ponciá sofre o aborto espontâneo das suas sete gestações e isso desencadeia nela muito sofrimento. Cada vez que a personagem principal descobria uma gravidez, chegava a desejar que a criança não sobrevivesse devido às péssimas condições de vida em que se encontrava.

Ponciá se questionava se ainda queria que os filhos viessem ao mundo. O fato da protagonista não desejar que os filhos sobrevivam, sugere que a morte, segundo ela, era melhor do que uma vida miserável. O desejo de não gerar mais filhos revela sua revolta e que a morte seria, portanto, a única alternativa a uma vida miserável. Isso se configura também como forma de resistência a uma vida de tristezas e privações.

Nesse ponto, além das violências raciais e de gênero apresentadas em *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*, das manifestações de resistência e da desagregação familiar imposta pela escravidão, existe mais esta semelhança entre as obras em análise; pois, tanto Sethe como Ponciá, aspiram por melhores condições de vida para os filhos. Ao perceber que os rebentos viriam a um mundo onde o negro era inferiorizado e subjugado a experiências degradantes, as personagens, as protagonistas preferem a morte aos seus filhos que uma vida de sofrimentos. A atitude de *Beloved* e Ponciá em relação à maternidade, ou seja, o desejo de querer um destino diferente para os filhos se configura em formas de resistência, de recusa à subjugação e anulação de todas as perspectivas de mudança e transformação da sua vida e de seus entes queridos.

Embora Ponciá se cale diante das agressões do marido e entre em um profundo processo de depressão, ocasionado após a perda dos bebês e saudades dos seus familiares; o que não significa a aceitação de sua condição de pobreza e vítima de violência familiar. Isso porque, Ponciá reage através do isolamento do mundo real ao refugiar-se nas lembranças da infância, pois essa é a forma que a protagonista encontra para superar os problemas relacionados à miséria, agressões e depressão.

[Ponciá] Foi ao velho baú de madeira, tirou de lá algumas palhas secas e viu, então, lá no fundo, o homem-barro. Vô Vicêncio olhava para ela como se estivesse perguntando tudo. [...] Estava cansada, tinha fome, emoção e pouco de frio. [...] Veio, então, a profunda ausência, o profundo apartar-se de si mesma. [...] Lembrou-se dos biscoitos fritos que a mãe fazia. Abriu a trouxa (semelhante a que levara quando partiu) e de lá retirou um pedaço de pão com linguiça. [...] Saboreou na lembrança da língua o gosto do café da mãe. Contemplou a figura do homem barro e sentiu que ela cairia em prantos e risos (EVARISTO, 2003, p. 49-50).

A lembrança de seus familiares é a única coisa em que Ponciá se agarra. Isso porque, além dos maus tratos do cônjuge, sofria ainda com a morte de sete filhos que não conseguiam sobreviver em seu ventre. Uma depressão grave toma conta da protagonista e, estas atitudes, que provocavam o riso e o choro, mais uma vez se mostram consequência de uma vida de tristezas. O comportamento de Ponciá é similar ao do avô e isso é extremamente enfatizado na obra romanesca de Evaristo. Isso porque além de pobre, negra, herdara ainda a loucura do avô. Além disso, a protagonista busca pela ruptura com o sistema e por melhores condições sociais. A partir disso, entendem-se as razões pelas quais se diz que há uma forte herança entre Vô Vicêncio e sua neta.

Nas obras de Evaristo e Morrison, as ações de Vô Vicêncio e Sethe, por mais que envolvessem a morte de familiares como mecanismo de defesa, surtiram reações que provocaram mudanças no sistema em que as personagens estavam alocadas. A morte ou a invalidez do escravo significava prejuízo econômico para os senhores. No caso de Vô Vicêncio, não era lucrativo para o dono de escravos a manutenção um cativo que apresentava sinais de loucura, que matara a esposa e atentara contra a própria vida. Além disso, sua presença era incômoda até mesmo para os familiares, que passaram a desejar sua morte, pois incompreendiam sua atitude e sentiam desprezo por ele.

Da mesma forma, Sethe, em *Beloved*, que antes tinha valor econômico por sua força de trabalho, após matar a filha Beloved e tentar matar os outros filhos, passa a ser considerada por Schoolteacher - o administrador da fazenda de Sweet Home - como um ser imprestável. Após cumprir pena na prisão, Sethe é isolada por brancos e negros da sociedade em que vivia.

A sensibilidade das autoras Morrison e Evaristo deve ser destacada; pois representa em narrativas ficcionais, o tema da escravidão, sem estereotipar as personagens escravizadas como vítimas passivas que nada faziam para mudarem sua condição. Isso se mostra um diferencial na literatura afrodescendente e evidencia uma compreensão dos escravos enquanto sujeitos de suas histórias, sujeitos que resistiram em busca de suas liberdades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa estudou as obras *Beloved* e *Ponciá Vicêncio* em uma perspectiva comparativa, ressaltando o intercruzamento temático entre os estudos da literatura afrodescendente. A problemática da violência contra o negro no período da escravidão e pós-escravidão e, principalmente, as agressões motivadas pela relação de gênero estão presentes nas obras literárias. Além disso, destacou-se a resistência das personagens das tramas que se recusam ao subjulgamento do que lhes é imposto. Esse estudo analisou os romances supracitados trazendo questões que as aproximam, como por exemplo, a violência contra o negro e as estratégias de resistência utilizada por estes na relação social com o branco escravagista.

Nas obras existem semelhanças relevantes para os estudos da literatura produzida por negros. Observou-se que ambas apresentam o ponto de vista, as temáticas como a identidade e a memória afrodescendentes e estratégias narrativas que dialogam entre si na escrita literária afrodescendente. As discussões importantes elucidadas por Morrison e Evaristo estão particularmente relacionadas às questões raciais, preconceito, segregação, insubordinação, desagregação e, muitas vezes, impotência frente a essas condições que eram e ainda são impostas aos negros.

No entanto, as obras estudadas apresentaram alguns distanciamentos no que diz respeito aos países de origem e contexto histórico, pois *Beloved* narra acontecimentos que se assemelham à escravidão nos Estados Unidos e *Ponciá Vicêncio* traz a saga de uma protagonista que vive no período pós-escravidão no Brasil. No entanto, as obras suscitaram também semelhanças relevantes para os estudos da literatura afrodescendente, já que o negro sofre as violências raciais e desenvolve estratégias de resistência contra a escravidão ou contra a vida de miséria ocasionada pelos resquícios do sistema escravista.

Pôde-se observar, portanto, através das análises das obras e suas verossimilhanças entre os aspectos históricos da escravidão nas Américas, que os romances *Beloved* e *Ponciá Vicêncio* dialogam com os estudos sociais, voltados para a experiência da diáspora negra, apresentando problemas com a violência de gênero, preconceito racial, infanticídio, memória dos personagens escravizados.

As autoras construíram obras que, contudo, se diferenciam pelas experiências representadas, oriundas de culturas e contextos sociais e históricos distintos.

Este trabalho discutiu os conceitos da literatura afrodescendente, pois embora estes conceitos se encontrem em processos de construção nos estudos literários; foram importantes para a compreensão da literatura feita por autoras como Morrison e Evaristo, já que elas tratam de questões que envolvem violências raciais, como o preconceito, as agressões físicas e torturas psicológicas durante a escravidão; e as manifestações de resistência negra por parte das personagens nas obras.

A partir do capítulo I, discorreu-se sobre os conceitos da literatura afrodescendente e também, o conceito de “escrevivência” e como esta forma de narrar as experiências pessoais e coletivas se manifestou na escrita dos autores e autoras afro-brasileiros e, em especial, na produção de Conceição Evaristo.

Entendeu-se a escrevivência com uma escrita que diz respeito a narrativas que são construídas a partir da experiência pessoal ou coletiva dos negros. Este conceito auxiliou a análise das narrativas *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*, já que as autoras destas obras basearam-se em experiências e memórias coletivas de povos afrodescendentes.

As personagens ficcionais de Evaristo e Morrison, como também pôde ser percebido através das discussões deste trabalho, apresentam diversos pontos de confluência, pois rompem com a passividade imposta pela sociedade e concebem a literatura como um espaço de reconstrução de um eu feminino marcado por componentes étnicos e de gênero, além de emergir como crítica às relações de poder e dominação social presentes na sociedade. As obras *Beloved* e *Ponciá Vicêncio* apresentam os temas que estão relacionados à negritude, como a identidade, a violência e ao preconceito racial contra o negro. Discutiu-se a problemática central da violência racial contra o negro decorrente da escravidão e como ainda há resquícios dessas violências no pós-escravidão. Ressaltou-se ainda como essas violências se manifestaram dentro das narrativas *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*.

É evidente nas obras que a experiência da escravidão deixou marcas que impulsionaram a criação de estratégias subversivas. Também se viu que os textos narrativos de Morrison e Evaristo apresentam uma relação entre ficção e sociedade

pautada na representação de costumes, espaços geográficos e acontecimentos datados. Essa relação influenciou na produção literária das autoras. Além disso, o texto abordou as agressões decorrentes da relação de gênero, em que a mulher negra é duplamente violentada, pois além da violência racial, sofre pelo fato de ser uma mulher.

Neste trabalho, discutiram-se as questões que envolvem a recusa do negro contra a escravidão, da resistência contra o sistema de escravidão representado nas tramas romanescas de *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*. Esse sentimento de recusa e estratégias de subversão frente às opressões do branco. A morte de familiares como principal forma de revolta contra o sistema escravagista presente em ambas as tramas, pois as personagens das obras em análise cometem infanticídio e uxoricídio, ou ainda o autoflagelo, atitudes capazes de abalar os interesses e a ordem escravagista.

No decorrer da análise, percebeu-se que Morrison e Evaristo, na construção das obras *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*, respectivamente, apresentam um viés político e buscam, em suas narrativas, a afirmação da história e da cultura do povo negro, enfatizando a luta e a resistência às opressões e exclusão social a que foram e ainda são submetidos os afrodescendentes.

As duas obras em análise abordam, por meio de intensos fluxos de memória, as vivências das protagonistas negras nas narrativas em que é possível encontrar, nas duas tramas, as violências contra mulheres e homens negros e a sua luta diária pela sobrevivência em forma de processos de resistência. Estas manifestações de resistência se apresentaram em forma de atitudes trágicas, pois nas obras as personagens Sethe e Vô Vicêncio, atentaram contra a vida dos seus familiares e contra suas próprias vidas.

A análise das obras *Beloved* e *Ponciá Vicêncio* foi realizada sob a luz da crítica literária afrodescendente e dos estudos culturais. Em ambas as narrativas foram percebidas aproximações que enfatizam circunstâncias de violências corporais e psicológicas, situadas nas condições sociopolítica, cultural e histórica dos negros que se assemelham aos fatos ocorridos no que compreende a realidade da escravidão das Américas.

Este trabalho destacou a escrita das autoras Morrison e Evaristo e como essas autoras narram episódios de infanticídio, uxoricídio e automutilação como reações à violência e como formas de resistência contra a imposição do sistema

escravista. Faz-se necessário reiterar que as tramas de *Beloved* e *Ponciá Vicêncio* tratam de assuntos que contrariam questionamentos filosóficos e éticos com o confronto de dogmas. As personagens negras estão representadas em suas complexidades, o que contraria o discurso racista de que o negro é um ser inferior. O negro escravizado, muitas vezes, como se mostra através da análise histórica, preferiu a própria morte ou a de seus familiares, que o destino da escravidão.

Compreendeu-se que na obra *Ponciá Vicêncio* o crime de uxoricídio cometido por Vô Vicêncio não fora executado por ódio à sua esposa, mas sim por um acesso de revolta e desespero. Da mesma forma que Sethe, em *Beloved*, que também mata Beloved, impedindo que a filha se tornasse escrava e viesse a sofrer os mesmos maus-tratos que ela sofria. Esse ponto é um dos que mais aproximam as narrativas em análise. Além dessas semelhanças, a desagregação familiar do negro escravizado é mais um fator que assemelha as obras estudadas.

O ato de rememorar é peculiar a narrativa romanesca de Morrison e Evaristo, pois trazem trajetórias de mulheres negras, de suas famílias, de seus ancestrais, das memórias alegres e tristes que eternizam experiências antigas, até então pouco contadas.

Os questionamentos que envolvem a volta ao passado presentes nas obras *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*, utilizando os estudos da memória para a análise das narrativas produzidas por essas autoras, são possíveis objetos de aprofundamento dessa pesquisa.

Nesse estudo comparativo pôde-se perceber também como os negros, ainda que tenham sofrido as mais diversas atrocidades conseguiram desenvolver estratégias inteligentes para a conquista da emancipação. A busca pela ancestralidade e a origem identitária das famílias eram e ainda são motivo de luta para os negros e todas essas formas também eram uma maneira de resistir.

Os equivocados discursos de passividade do negro em relação à escravidão foram desconstruídos. A história contemporânea da escravidão prova que o africano e seus descendentes escravizados resistiram à escravidão das mais variadas formas, recusando o trabalho forçado; desde a fuga para quilombos, através das rebeliões e guerras urbanas; do assassinato dos senhores, administradores ou capitães perversos; do envenenamento dos familiares, da família dos senhores; do infanticídio; do autoflagelo como

podemos verificar alguns desses exemplos em *Beloved* e *Ponciá Vicêncio*, *corpus* de análise literária no presente trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. **Corpo feminino e violência de gênero: fenômeno persistente e atualizado em escala mundial**. Soc. estado. Brasília. v. 29, n. 2, p. 329-340, Aug. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200002&lng=en&nrm=iso>. Access on 07 Mar. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000200002>.
- BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2002.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estud. Avançados**. São Paulo . v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso>. acesso em 30 /05/ 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>
- _____, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 58, 2003. Disponível em: <https://rizoma.milharal.org/files/2013/05/Enegrecer-o-feminismo.pdf>
- CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e bordados – escritos de história e política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CARVALHO, Eduardo. As pequenas vaidades de uma escritora. **Carta Maior**, 2006. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/As-pequenas-vaidades-de-uma-escritora/12/11359>. Acesso em: 22 de abril de 2017.
- CAZES, Leonardo. Flist vai homenagear Conceição Evaristo e Graça Lima em Santa Teresa: festa literária terá debates, lançamentos e shows neste fim de semana. **O Globo**. Rio de Janeiro, Maio, 2017. Disponível em:< Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/flist-vai-homenagear-conceicao-evaristo-graca-lima-em-santa-teresa-21367403>>. Acesso em: 20 maio de 2017.
- CESARIO, Irineia Lima. **Ventos do Apocalipse de Paulina Chiziane e Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**: laços africanos em vivências femininas. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde->

14012014-122129/publico/2013_IrineiaLinaCesario_VCorr.pdf. Acesso em: 11 de maio de 2017.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

_____. Gênero e violência nos contos de Evaristo. In: **História das mulheres e do gênero em Minas Gerais**. Org. Claudia Maia e Vera Puga. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2015.

DUARTE. Eduardo de Assis. **Herança maldita**. Carta Capital. 2012. Entrevista concedida a Tory Oliveira. Disponível em:
<<https://www.cartacapital.com.br/educacao/heranca-maldita>>

_____, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: FERREIRA, Elio de Souza. BEZERRA, Feliciano José (Org.). **Literatura, história e cultura afro-brasileira: memória, identidade, ensino e construções literárias**. Teresina: EDUFPI, Fundação Universidade Estadual do Piauí, 2013.

DU BOIS, William Edward Burghardt **The Souls of Black Folk New York**: Nal Penguin Inc., 1969

_____. **As almas da gente negra**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

_____. Ana Davenga. In: SZOKA, Elzbieta (Ed.). **Fourteen Female voices from Brazil**. Austin, Texas: Host Publications, 2002. p. 273-281.

_____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia Editora Ltda, 2005. P 201-2012.

_____. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**. [S.l.], v. 13, n. 25, p. 17-31, dez. 2009. ISSN 2358-3428. Disponível em:
<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>>. Acesso em: 15 Jul. 2017.

_____, Conceição. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. In: **Escritoras Mineiras – Poesia, ficção, memória**. (org) Constância Lima Duarte, Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2010. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/vivavoz/escritorasmineiras1.pdf > Acesso em: 04/08/2015.

_____. Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**: cultura afro-brasileira. n.1, ano 1, p. 52-57, ago. 2005.

_____. **Da Grafia-Desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Disponível em: <<http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/search/label/apresentacao>>. Data de acesso 29-07-2016.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. “Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. (Org). **Literatura afrobrasileira**. Salvador: Centro de estudos afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

_____. Literatura Negra – Os sentidos e as ramificações. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literatura e Afrodescendência no Brasil – Antologia crítica: história, teoria, polêmica**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues. **A mulher negra nos Cadernos Negros**: autoria e representações. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-7TTGA8/disserta_ao_mestrado_backup_revisado_2.pdf?sequence=1>. Acesso em: 6 maio 2017.

GIACOMINI, Sônia Maria. **Mulher e Escrava**: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1988.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência; tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes/Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. São Paulo: Perseu Abramo, 2010.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. Trad. Marcos Santarrita. In: **Revista de estudos feministas**. vol. 3, n. 2, 1995. p. 464 – 478. Disponível em: <https://l.facebook.com/l.php?u=https%3A%2F%2Fwww.geledes.org.br%2Fwp-content%2Fuploads%2F2014%2F10%2F16465-50747-1-PB.pdf&h=ATOKg4jIMpBO5eKEs7ah>. Acesso em: 15 de junho de 2016.

_____. Refusing to be a victim: accountability and responsibility. In: _____. **Killing rage**: ending racism. New York: Henry Holt and Company, 1995. p. 51-61.

_____. **Yearning**: race, gender and cultural politics. London: Turnaround, 1991.

IANNI, Octávio. Literatura e Consciência. In: DUARTE, Eduardo de Assis e FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literatura e Afrodescendência no Brasil – Antologia crítica**: história, teoria, polêmica. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

MACHADO, Maria Helena P. T. **Crime e escravidão**: trabalho, luta e resistência nas lavouras paulistas 1830-1888. São Paulo, Brasiliense, 1987.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Justicando o cativo: a cultura de resistência escrava. In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira (Orgs). **Império**. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 230
MORRISON, Toni. **Beloved** New York Knopf, 1987

_____, Toni. **Amada**. São Paulo: Best Seller, 2000. *Beloved*. New York: Plume, 1987.

MOTT, Maria Lucia de Barros. Ser mãe: a escrava em face do aborto e do infanticídio . **Revista de História**. Brasil, n. 120, p. 85-96, July 1989. ISSN 2316-9141. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18594/20657>>. Acesso em: 18 apr. 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i120p85-96>.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**. São Paulo: Ática, 1988.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. "Escrevivência" em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis. v. 17, n. 2, p. 621-623, Aug. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000200019&lng=en&nrm=iso>. acesso on 24 Aug. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200019>.

PROENÇA FILHO, Domício. O negro na literatura brasileira. In: **Boletim bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade**. São Paulo, Biblioteca Mário de Andrade. v.49, n.14, jan/dez. 1988.

PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil: as razões da escravidão; sexualidade e vida cotidiana, as formas de resistência**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

RODRIGUES, Ironides. Entrevista de Luisa Lobo. In: Literatura negra contemporânea. **Estudos Afro-asiáticos**. Rio de Janeiro, n. 14, p. 118-119, 1987

SAID, Edward. W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCOTT, James. Exploração normal, resistência normal. **Revista Brasileira de Ciência Política**. n. 5. Brasília, janeiro/junho, 2011.

SILVA, Luciana de Mesquita. **Toni Morrison e Beloved no contexto cultural brasileiro**. 2015. Tese de Doutorado. PUC-Rio. Disponível em: http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=1112746_2015_Indice.html Acesso em: 04/08/2015

SOUZA, Elio Ferreira. **Poesia negra das Américas: Solano Trindade e Langston Hughes**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras/Doutorado em Teoria da Literatura, 2006.

SODRÉ, Muniz. Jogo como libertação. In: **O terreiro e a cidade: a forma social negrobrasileira**. Petrópolis: Vozes, 1988.

VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Ser negro no Brasil hoje**. São Paulo: Moderna, 1994.

TELLES, Edward Erick. **Racismo a brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford, 2003.

WALTER, Roland. **Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas**. Apresentação de Roberto H. Seidel. Recife: Bagaço, 2009.